

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*A História Transgeracional Familiar e a Decisão de
Institucionalização do Idoso*

Margarida de Fátima Serrão Couto

Porto, Dezembro de 2008

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*A História Transgeracional Familiar e a Decisão de
Institucionalização do Idoso*

Margarida de Fátima Serrão Couto

Porto, Dezembro de 2008

*A História Transgeracional Familiar e a Decisão de
Institucionalização do Idoso*

Aluno: Margarida de Fátima Serrão Couto

Orientador: Professora Doutora Marta Matos

Dissertação apresentada à Universidade
Fernando Pessoa como parte dos requisitos
para obtenção de grau de Mestre em Psicologia

Resumo

O envelhecimento é um estado que provoca no seio das famílias um conjunto de alterações que muitas das vezes se transformam em crises, quando a família não é capaz de se adaptar à situação. Uma das formas que as famílias encontram para resolver o problema é institucionalizar o idoso em lares.

O objectivo principal deste estudo foca-se na análise das vivências familiares ao longo das várias gerações que possam estar na origem da decisão de institucionalização, procurando estabelecer padrões e relações de causalidade, bem como descobrir as influências que a história de vida de cada idoso tem sobre a sua personalidade, e as repercussões que trazem ao nível familiar.

Para a realização do estudo escolheu-se a população residente num lar do centro da cidade do Porto, constituída por um total de 12 elementos, seleccionados por conveniência. Procedeu-se a um estudo qualitativo, baseado na recolha de dados através de entrevista, sendo os resultados demonstrados através de estudos de caso e análise dimensional, baseada na análise de conteúdo.

Os resultados encontrados apontam para uma relação clara entre a institucionalização e um conjunto de disfuncionalidades que atravessam gerações na maior parte dos casos estudados, verificando-se que são estas vivências familiares disfuncionais que estão na base da decisão de institucionalização.

Abstract

The act of getting old generates sometimes amongst the families some changes that can derive into crisis when the families are not able to adapt to the new situation. Very often the families put their relatives into elderly institutions.

The aim of present study is to analyze family relationships across several generations that can be constituted as the origin of the decision to institutionalize elderly people, and try to find causality as well as repetition patterns. It is also important to show the influences in the personality of each person's life story, and its repercussions at the family level.

The institution where the study takes place is located in the centre of Oporto, and 12 elements have been chosen, being this population selected by convenience. The qualitative study was based in several interviews, and the results were presented using case studies and multidimensional analysis based on content analysis.

The results indicate a clear connection between institutionalization and a number of dysfunctional problems that cross generations in most cases, being those pathologies the main causes for institutionalization.

Résumé

Le vieillissement est une condition qui provoque au sein des familles un ensemble de modifications qui souvent se transforment en crises, lorsque la famille n'est pas capable de s'adapter à la situation. Pour résoudre le problème, les familles usent l'institutionnalisation des personnes âgées dans les foyers.

L'objectif principal de cette étude se concentre sur l'étude de la psychopathologie de la famille au long de plusieurs générations qui peut être la principale raison d'institutionnaliser les personnes âgées. On cherche aussi à établir les caractéristiques et les relations de causalité, et de découvrir les influences que chaque histoire de vie a sur sa personnalité, et l'impact qu'elles apportent à la famille.

Pour l'étude on a choisi douze résidents dans un foyer localisé au centre de Porto, sélectionnés par convenance. C'est une étude qualitative, fondée sur la collecte d'informations découlant d'entrevues et les résultats sont démontrés par des études de cas et des études fondées en dimensions, qui sont basées sur l'analyse de contenu.

Les résultats trouvés indiquent clairement une relation entre l'institutionnalisation et un certain nombre de problèmes de la famille qui traversent les générations dans la plupart des cas étudiés, symptômes qui sont sous-jacents de la décision de placement en institution.

Agradecimentos

Os meus estudos de Psicologia têm sido feitos, já há alguns anos, nas horas restantes do dia, roubando tempo ao descanso, às férias, à família e aos amigos. Nada teria sido possível sem a ajuda e paciência de cada um destes grupos, a quem quero deixar aqui expresso o meu profundo agradecimento.

Na execução do trabalho tive o privilégio de trabalhar de perto com a Doutora Marta Matos, que tão sublimemente orientou todo o trabalho, e demonstrou toda a disponibilidade para discutir, aconselhar e ajudar na descoberta dos trilhos certos e no desenhencilhar das encruzilhadas a que cheguei.

Agradeço também à instituição onde foi desenvolvido o trabalho e às suas directoras, Dr.^a Maria João e D.^a Augusta, que possibilitaram que este projecto se transformasse numa realidade. Sem elas, nada teria sido possível.

Pela ajuda e compreensão não posso deixar de agradecer ao meu filho Eduardo, ao meu marido Ricardo. Cristina, obrigada pela tua ajuda.

ÍNDICE GERAL

0.	INTRODUÇÃO	13
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO		
1.	O ENVELHECIMENTO.....	16
1.1.	Envelhecer em família	17
1.2.	A família e o apoio emocional aos idosos	18
1.3.	A família no estágio tardio da vida	19
2.	INSTITUCIONALIZAÇÃO.....	20
2.1.	Descriminação e abandono	21
2.2.	Institucionalização – um mal necessário?	22
2.3.	Falta de apoio às famílias que cuidam dos idosos.....	22
3.	A FAMÍLIA	23
3.1.	Mudanças de paradigmas da família e da sociedade.....	23
3.2.	Caracterização da família.....	25
3.2.1.	O sistema familiar.....	25
3.2.2.	Subsistemas familiares.....	26
3.2.3.	Interação da família e da comunidade.....	28
3.3.	Tipos de família.....	28
3.4.	Ciclo da vida familiar	29
4.	FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO.....	31
4.1.	Desenvolvimento familiar	31
4.1.1.	Famílias aglutinadas e famílias desagregadas.....	31
4.1.2.	Papéis dos membros da família	32
4.1.3.	Regras contribuem para o equilíbrio.....	32
4.1.4.	Coesão familiar.....	32
4.1.5.	Delimitação da individualidade.....	33
4.1.6.	Famílias centradas no passado ou no futuro.....	33
4.1.7.	Acontecimentos familiares alteram o curso da família.....	33
4.1.8.	Acontecimentos socio-económicos condicionam o ambiente familiar.....	34
4.2.	A família como espaço de protecção da integridade pessoal	34
4.2.1.	Afectividade	35
4.2.2.	Papel dos pais	35
4.2.3.	Complementaridade entre pai e mãe.....	36
4.2.4.	A família burguesa.....	36
4.2.5.	Subsistema fraternal.....	36
4.2.6.	Triangulação.....	37
4.2.7.	Complexo de Édipo	37

4.3.	Modelos de Intervenção em terapia familiar	38
4.3.1.	Perspectivas relacionadas com o modelo psicanalítico	38
4.3.2.	Perspectivas transgeracionais	39
4.4.	Perspectiva estrutural de Salvador Minuchin	42
5.	FAMÍLIA DISFUNCIONAL	43
5.1.	Família rígida	43
5.2.	Importância das gerações passadas na família	44
5.3.	Famílias saudáveis vs disfuncionais	45
5.4.	Conflitos e perturbações	45
5.4.1.	Conflitos	46
5.4.2.	Crises familiares.	46
5.4.3.	Ausência de pai.....	47
5.4.4.	Famílias monoparentais	48
5.4.5.	Ausência da mãe.....	48
5.4.6.	Conflitos pai-filho.....	49
5.4.7.	Instabilidade das díades conjugais.....	49
5.4.8.	“Ninho vazio”	49
5.4.9.	Segredo.....	49
5.4.10.	Suicídio	50
5.4.11.	Ciúme.....	50
6.	DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE	51
6.1.	Cultura e personalidade	51
6.2.	Experiências na infância – comportamento no futuro	51
6.3.	Teoria psicossocial de Erikson	52
6.4.	Maslow e a teoria das necessidades humanas	52
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO		
7.	METODOLOGIA	53
7.1.	Problemática	53
7.2.	Participantes	55
7.3.	Material	57
7.4.	Procedimentos	58
7.5.	Localização do estudo	60
7.6.	Observações gerais	61
7.7.	Técnicas de análise de dados	61
8.	ESTUDOS DE CASO	63
8.1.	Alcina	63
8.1.1.	Estrutura familiar	64
8.1.2.	Relações familiares	65
8.1.3.	Relações sociais.....	70
8.1.4.	Traços da personalidade.....	71
8.1.5.	Comportamento na entrevista.....	72

8.2. Amândio	73
8.2.1. Estrutura familiar.....	73
8.2.2. Relações familiares.....	73
8.2.3. Relações sociais.....	78
8.2.4. Traços da personalidade.....	78
8.2.5. Comportamento na entrevista.....	79
8.3. Gorete	79
8.3.1. Estrutura familiar.....	79
8.3.2. Relações familiares.....	80
8.3.3. Relações sociais.....	83
8.3.4. Traços da personalidade.....	84
8.3.5. Comportamento na entrevista.....	84
8.4. Anunciação	85
8.4.1. Estrutura familiar.....	85
8.4.2. Relações familiares.....	85
8.4.3. Traços da personalidade.....	89
8.4.4. Comportamento na entrevista.....	90
9. HISTÓRIAS DE VIDA	91
9.1. Laurinda	91
9.2. Carolina	92
9.3. Palmira	94
9.4. Clara	95
9.5. Isabel	96
9.6. Miquelina	97
9.7. Lucília	98
9.8. Isabelinha	99
10. ANÁLISE DIMENSIONAL	101
10.1. Caracterização familiar	101
10.2. Classificação familiar	103
10.2.1. Análise segundo Barnhil (1979).....	103
10.2.2. Análise segundo Fleck (1980).....	110
10.3. Caracterização da proximidade	119
10.4. Crises familiares	120
10.5. Personalidade	124
11. ANÁLISE DE RESULTADOS	127
12. CONCLUSÃO	135
BIBLIOGRAFIA	137
ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS	142
ANEXO II – CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA	189

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização Familiar (Família de Origem)	102
Quadro 2 - Caracterização Familiar (Família de Procriação)	102
Quadro 3 - Classificação Familiar (Família de Origem)	104
Quadro 4 - Classificação Familiar (Família de Procriação)	104
Quadro 5 – Processo de Identidade (Família de Origem)	105
Quadro 6 – Processo de Identidade (Família de Procriação).....	106
Quadro 7 – Mudança (Família de Origem).....	107
Quadro 8 – Mudança (Família de Procriação).....	108
Quadro 9 – Processamento da Informação (Família de Origem)	109
Quadro 10 – Processamento da Informação (Família de Procriação).....	109
Quadro 11 – Liderança (Família de Origem).....	111
Quadro 12 – Liderança (Positivos e Negativos) (Família de Origem).....	112
Quadro 13 – Liderança (Positivos e Negativos) (Família de Procriação).....	113
Quadro 14 – Liderança (Família de Procriação).....	113
Quadro 15 – Afectividade (Família de Origem)	114
Quadro 16 – Afectividade (Família de Procriação)	115
Quadro 17 – Comunicação (Família de Origem).....	117
Quadro 18 – Comunicação (Família de Procriação).....	118
Quadro 19 – Proximidade (Família de Origem)	119
Quadro 20 – Proximidade (Família de Procriação).....	119
Quadro 21 – Crises Familiares.....	121
Quadro 22 – Personalidade (Erickson, 1976).....	125
Quadro 23 – Personalidade (Análise Individual).....	126

0. INTRODUÇÃO

Há na sociedade ocidental uma cada vez maior tendência ao envelhecimento da população, levando a pirâmides etárias desequilibradas, com um grande número de pessoas idosas. Esta alteração da pirâmide deve-se sobretudo ao aumento gradual da esperança de vida do ser humano. Devido ao desequilíbrio social gerado pelo envelhecimento da população, as famílias cada vez têm mais dificuldade em garantir o bem estar e o suporte aos idosos, principalmente quando não coabitam com eles, o que leva a que a institucionalização seja cada vez mais procurada como forma de tentar proporcionar esse suporte e garantir que o idoso é bem cuidado e tem um final de vida com toda a dignidade. No entanto, parece também ser evidente que a decisão de institucionalização não é fácil de tomar por parte dos familiares, e que tem como base um conjunto de factores bastante diversos, que ultrapassam a simples componente de estilo de vida ou incapacidade de tomar conta de idosos vulneráveis ou com fortes dependências físicas e emocionais. Muitos desses factores aparentam ser de natureza patológica, quer seja social ou familiar.

O problema descrito, motivo pelo qual se torna importante efectuar um estudo mais aprofundado, coloca-se assim ao nível da identificação dos factores que contribuem para a decisão da institucionalização dos idosos, e saber se estes são de uma única natureza ou naturezas distintas. Parte-se para este estudo com a premissa de base que a população escolhida é capaz de expor, devido à relação de confiança existente com a investigadora, todos os problemas de natureza emocional e afectiva, sem relutância em evidenciar quaisquer sinais patológicos ao nível social ou familiar.

Tendo como hipótese o facto de a decisão de institucionalização do idoso por parte dos familiares se dever a um conjunto de pontos descritos pelas teorias da psicopatologia familiar, parte-se para uma investigação que ultrapassa o simples preenchimento de inquéritos e tratamentos estatísticos e quantitativos da informação e se foca essencialmente no tratamento qualitativo e individualizado da informação obtida sobre cada um dos idosos, procurando ir mais longe na interpretação de todos os sinais por estes fornecidos, e ultrapassando a geração actual, para tentar encontrar nas gerações familiares anteriores os factores psicopatológicos que possam estar na origem dos problemas familiares existentes. Um dos pensamentos lógicos que leva a antever que a

componente psicopatológica tem influência na decisão de institucionalização prende-se com o facto de a instituição onde se efectua a investigação ter padrões de tratamento que tornam a institucionalização economicamente desvantajosa, devido aos valores mensais cobrados, o que por si só justificaria a manutenção dos idosos nas suas próprias casas, ainda que para isso fosse necessário ter um acompanhamento de serviços profissionais 24 horas por dia. Este facto contraria um conjunto de teorias apresentadas que referem como causa da institucionalização o estilo de vida da sociedade actual e a componente economicista de todas as decisões familiares. Também ao nível da bibliografia consultada é possível antever que a personalidade e o estilo de vida que as pessoas desenvolvem no seu ciclo vital vai influenciar a sua velhice e vai mesmo estar na base da transmissão de valores para os seus filhos e restantes familiares, influenciando assim as atitudes muitas vezes tomadas por estes.

Assim, toda a investigação foi elaborada na essência de perceber que relações existiram entre a família e o idoso, nos passados remoto e recente, que levam a que os idosos fiquem isolados no lar, sem visitas por parte dos familiares directos. Para tal, centra-se o trabalho na tentativa de descobrir soluções para este problema, procurando no passado todo o tipo de acontecimentos, crises e conflitos, que se possam alinhar como uma justificação para este problema.

Para enquadramento da investigação dentro do conjunto de outros estudos efectuados na área, recorre-se a bibliografia já desenvolvida por outros autores, nomeadamente ao nível de estudos do envelhecimento e apoio da família a este envelhecimento, causas e factores que se encontram na base da institucionalização de idosos, bem como todo um outro conjunto de autores que se focaram na componente da família e respectivas patologias, tendo inclusivamente desenvolvido teorias sobre este aspecto e terapias para ajudar a combater este problema. Recorre-se também a autores que se focam nas teorias da personalidade, e todas as componentes que influenciam esta personalidade.

A metodologia utilizada ao longo do estudo assenta no método qualitativo, optando-se por estudos de caso e análise dimensional baseada na análise de conteúdo, sendo a base dos instrumentos de apresentação de resultados o conjunto de entrevistas efectuadas aos idosos.

Consideram-se como objectivos primordiais deste estudo os seguintes:

- Identificar os factores ou sintomas de base familiar que estão na origem da decisão de institucionalização dos idosos;
- Analisar os impactos dos sintomas disfuncionais de origem familiar na personalidade dos idosos;
- Analisar do ponto de vista transgeracional a família de origem e de procriação da população alvo do estudo;

A dissertação apresentada divide-se num conjunto de pontos que melhor permitem aflorar o tema em questão e estudar em detalhe a problemática apresentada. Numa primeira parte faz-se uma revisão da literatura assentando esta sobretudo nos temas do envelhecimento e das teorias psicopatológicas que condicionam a história de vida dos indivíduos ao longo de gerações. Parte-se de seguida para a explicação da metodologia utilizada ao longo do estudo, sendo a terceira parte dedicada à apresentação e discussão dos resultados obtidos. Divide-se esta última parte na apresentação de estudos de caso, análise dimensional da informação obtida e discussão e interpretação dos resultados, constituindo-se estes como os pontos fulcrais do estudo efectuado.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O ENVELHECIMENTO

Num processo normal de desenvolvimento, todo o ser humano passa por um conjunto de etapas e, segundo Reis (1996), estas etapas constituem o ciclo vital sendo as principais as seguintes: o crescimento, a maturidade e a velhice.

O envelhecimento é um processo gradual, que no seu estágio de desenvolvimento normal traz um conjunto de problemáticas normais nesta idade, destacando-se principalmente a solidão, no sentido em que há uma perda dos contactos familiares e sociais. Imaginário (2004) refere que o processo de envelhecimento não se processa sempre da mesma forma ou de uma forma brusca, mas sim paulatinamente, sendo que a velhice se instala sem a pessoa se aperceber, havendo uma deterioração fisiológica do organismo. Segundo esta mesma autora, envelhecer é transitar para uma nova etapa, devendo esta ser vivida de uma forma mais positiva, saudável e feliz.

O envelhecimento é uma fase da vida em que existem muitas mudanças, desde o nível biológico, psicológico e social, logo exige da pessoa um esforço muito grande para se adaptar a esta nova etapa da sua vida. É nesta fase que as pessoas sentem mais insegurança e angústia, pois sentem que o fim está próximo. Deixar de fazer aquilo que até agora faziam vai fazer com que a pessoa se torne mais vulnerável perante as dificuldades da vida e a pessoa idosa começa a entrar num ciclo vicioso: isolamento, e desconfiança em relação ao meio. Este sentimento de fragilidade explica que a pessoa de idade, face a problemas e situações de mudança, que anteriormente eram encaradas sem angústias, pode sentir-se incapaz de os resolver. Todos estes sentimentos vão provocar um “stress” de origem interna e externa, que é o caso da mudança, criando assim uma fragilidade psicoafectiva e um sentimento de vulnerabilidade particularmente intensa. Se houver uma adaptação às novas condições de vida, vai fazer com que haja um equilíbrio e um bem estar psicológico. Mas esta adaptação é muito complicada devido a mudanças corporais, psicológicas, familiares e socioprofissionais (Cordeiro, 1982).

Também Imaginário (2004) diz que a principal característica do envelhecimento é a diminuição da capacidade de adaptação do organismo face às alterações do meio ambiente, levando a desequilíbrios homeostáticos, ocorrendo também alterações que condicionam a mudança da própria personalidade.

O idoso rejeitado pela sociedade vai sofrer de insegurança, envolve-se de medos, com pressentimentos mórbidos, acabando por adquirir comportamentos narcísicos de isolamento, padecendo de solidão e acabando por se deprimir. (Imaginário, 2004)

1.1. Envelhecer em família

Os idosos que necessitam de ajuda procuram em primeira instância o seu cônjuge. Na ausência deste procuram os seus filhos, optando em primeiro lugar pelas filhas (Imaginário, 2004).

A família é o contexto desejado para envelhecer, constituindo-se como um lugar de aconchego, segurança, identidade e lembranças. Mesmo que as relações se tornem por vezes difíceis e os conflitos emergentes, a família é sempre o lugar preferencial da pessoa. A velhice é na família o entrecruzar de todas as imagens que cada geração, o confronto com o próprio envelhecimento e com a vivência da velhice dos parentes idosos. Esta riqueza vivencial e cheia de interações confronta-se com problemas muito concretos, como ver o idoso a perder as suas capacidades físicas e mentais. Aqui a família pensa muitas vezes no recurso a uma institucionalização (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

É natural que o idoso, principalmente quando necessita de ajuda, vá alterar de algum modo a esfera familiar, a individualidade das pessoas, a autonomia de todos os elementos, podendo mesmo alterar projectos de vida. Mas tem de se pensar que o apoio ao idoso é imprescindível ao seu equilíbrio biopsicossocial pois a família, como instituição, tem como uma das suas funções a de propiciar um envelhecimento útil. (Imaginário, 2004).

Nem sempre o envelhecimento em família é a fórmula escolhida por uma parte das pessoas, havendo várias razões que levam às alterações de modos de vida passados, em que os seniores eram acolhidos no seio da família até à sua morte. Pimentel (2005) refere que se vive no seio de uma sociedade que é caracterizada pela globalização em

que as pessoas cada vez vivem mais individualmente, tendo opções despersonalizadas. A procura de uma vida melhor, com cargos mais elevados, procura de bens materiais e ascensão profissional, levam a um crescente envolvimento em actividades e afastam as pessoas dos contactos afectivos. Quando os idosos se tornam de alguma forma dependentes é muito difícil existir um equilíbrio nas interacções com a família, mas segundo esta autora na maioria da vezes a família reorganiza-se para assumir as condições que considera da sua obrigação, retribuindo o sacrifício dos pais.

A família actual regista-se com uma redução progressiva de dimensões de agregado doméstico, declínio da natalidade, mais divórcios, uniões livres e crescimento do número de nascimentos fora do casamento. Todos estes fenómenos associados à esperança média de vida leva a modificações drásticas das relações familiares (Carter & McGoldrick, 1989; Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004). Para Pimentel (2005), falar em família é falar de uma rede alargada de parentes em que os idosos têm trocas mais ou menos intensas. Aqui os parentes são todos aqueles que estão relacionados com o idoso por laços de sangue, aliança ou afectividade próxima, tais como os afilhados.

Aponta ainda Pimentel (2005) que as famílias modernas vivem cada vez mais no isolamento, em que os jovens se afastam geográfica e socialmente das suas redes de parentesco. A industrialização fragmenta a família reduzida aos pais e filhos. A mobilidade social passa pela ruptura de laços familiares mais extensos.

Um outro ponto parece ser a capacidade de estabelecer relações fortes entre os familiares. Pimentel (2005) cita vários autores tais como Segalen (1981) e Coenen-Huther (1994) que afirmam que as relações afectivas são geralmente mais fortes de pais para filhos do que de filhos para pais.

Há no entanto uma conclusão de Finch (1989) que refere que os filhos reconhecem normalmente que têm o dever de apoiar os pais. É uma obrigação e um dever de amor e afecto, no entanto nem todas as pessoas se envolvem desinteressadamente, entrando muitas vezes em jogos de interesses pessoais, tais como heranças.

1.2. A família e o apoio emocional aos idosos

Para Imaginário(2004) a família é o primeiro e o principal grupo de apoio emocional que serve de suporte ao indivíduo. Minuchin (1990) afirma que as funções da família

permitem libertar a pessoa do isolamento, da solidão e do anonimato do mundo, sendo uma das suas principais funções a de apoiar os seus membros.

Imaginário (2004) refere que a contribuição da família para o grupo etário dos idosos é tão importante que se defende a nível mundial que nenhuma instituição é capaz de substituir a família na prestação deste apoio, independentemente de todas as condições que estas instituições possam oferecer.

1.3. A família no estágio tardio da vida

Carter e Mcgoldrik (1989) questionam-se sobre o facto de parecer haver poucas visões que forneçam perspectivas positivas para um ajustamento sadio na terceira idade, seja dentro da família ou mesmo no contexto social. Segundo este autor, prevalecem as opiniões pessimistas de que os idosos não têm família e que aqueles que a têm sentem que esta não lhes dá muita atenção. No entanto, é um facto que a maioria das pessoas com mais de sessenta e cinco anos não vive sozinha, mas com outros elementos da família.

Carter e Mcgoldrik (1989) apontam que há uma grande dificuldade em fazer grandes modificações nesta fase da vida, fazendo com que o idoso desista de alguns dos seus poderes, como se fosse fazer uma sucessão. A incapacidade de modificar o estado das coisas aparece também quando os adultos mais velhos desistem e se tornam totalmente dependentes da geração seguinte.

2. INSTITUCIONALIZAÇÃO

Para Paul (1997), quando o idoso se torna dependente, tanto a nível físico, como psicológico, a manutenção dos idosos nas suas casa gera frequentemente problemas de stress, de saúde mental e física em quem cuida deles e em toda a família. Desta forma o número de idosos nas instituições tem vindo a aumentar. No caso de Portugal, verifica-se que cerca de 33% dos utente ligados á segurança social são idosos e 12 % encontram-se em lares, 11% em apoio domiciliário e 10% encontram-se em centros de dia (INE, 2001). Mas como refere Pimentel (2005), ainda vivem muitos idosos junto das suas famílias. No entanto, a procura de lares tem vindo a crescer e a lista de espera é cada vez mais elevada.

Segundo Henderman (2000), os idosos são grupos de indivíduos que apresentam níveis de aptidão mais baixos quando comparados com outros grupos de idades. Os que vivem em instituições têm níveis de actividade física significativamente mais baixos. Quando vivem em comunidade, para além de serem responsáveis por algumas actividades domésticas, mantêm-se activos por mais tempo.

Pimentel (2005) aponta que há uma preocupação de não recorrer à institucionalização, quer por parte do idosos, quer por parte dos familiares, pois existe uma opinião depreciativa em relação às instituições, sendo estas usadas como último recurso. Pode não haver outra solução, pois o idoso não pode ficar isolado em casa correndo bastantes riscos tais como quedas, assaltos, maus tratos, má alimentação etc. Noutras circunstâncias, simplesmente é institucionalizado não se sabendo a realidade da situação. Mas, como refere Pimentel (2005), a posição da família acerca de deixar o idoso no lar muitas vezes é de muito sofrimento, pois ficam com o peso na consciência, sentindo-se culpados de abandono do idoso à sua sorte e de desresponsabilização pelo cuidar da pessoa.

Pimentel (2005) afirma que a permanência do idoso no seio familiar é a melhor situação, pois vive de uma forma equilibrada e sem graves discontinuidades. O apoio da família, dos amigos, dos vizinhos é um apoio adequado a qualquer pessoa. No entanto, pelas razões já referidas, o mesmo autor conclui que o recurso aos lares é cada vez mais frequente, apesar de estes terem conotações e imagens negativas, sendo raras as pessoas que vão por iniciativa própria para o lar. Já Hespanha (1993) afirma que o recurso a

instituições só não é maior porque os filhos não colocam os pais no lar por vergonha dos vizinhos ou então para dar exemplos aos filhos.

A relutância na aceitação da institucionalização por parte dos idosos prende-se com diversos factores. A pessoa idosa vê o lar como para um lugar sem retorno, implicando a quebra com um conjunto de actividades exercidas previamente (Pimentel, 2005). Segundo Drulle (1981) esta situação representa para os idosos a exclusão, abandono, sofrimento e a morte. São afastadas dos seus familiares e amigos.

Sobre a institucionalização, há um mito que Carter e Mcgoldrik (1989) salientaram, sendo este o de que nem todos os idosos são doentes, frágeis e senis sendo por isso empurrados para um lar, pois somente 4% dos idosos vivem em lares. Existe um conjunto de acontecimento que surgem na vida do idoso como a reforma, a ida para casa dos filhos, a insegurança e a dependência financeira. A perda de amigos e colegas de trabalho, a perda de cônjuge são ajustamentos difíceis, mas ao contrário a condição de avós pode proporcionar um renovado interesse pela vida, e a oportunidade de relacionamentos íntimos especiais, sem responsabilidades maternas.

2.1. Discriminação e abandono

Pimentel (2005) diz que o ser humano é discriminado por ter idade avançada, o que vai implicar no homem um tipo de violência e de desvalorização do seu papel na sociedade. Olha-se para os idosos todos de uma forma igual, esquecendo que cada um tem a sua vivência e a sua personalidade.

Para Imaginário (2004), o abandono pode ser feito de várias formas, não só pela distância física mas também pelo facto de ser afastado do convívio, podendo gerar situações de isolamento. Esta situação vai levar a que o idoso deixe de se relacionar e incorpore nele próprio uma imagem de inutilidade, estando associada à marginalização.

Cowdry (1962) diz que a família é o mais importante grupo social e ocupa um papel fulcral no processo de envelhecimento, visto ser vital para o idoso que esta lhe dê a necessária segurança económica, psicossocial, emocional e todas as formas de apoio que as suas limitações lhe impõem. No entanto, o apoio familiar é cada vez menor e os idosos são obrigados a sair do ambiente familiar para lares, centros de dia e outros locais, que não representam o seu ideal de vida, no seu mundo.

Sequeira e Ferreira (2006) apontam que num mundo dito civilizado, os idosos são discriminados, e o seu lugar no seio da família é cada vez menor. Logo, o recurso ao lar é uma consequência e não uma opção. A sociedade criou uma imagem negativa dos idosos que contribuiu também para o auto-conceito e a auto-estima que estes tem de si mesmos. O envelhecimento é inevitável no ciclo vital, mas este processo pode desencadear-se de uma forma harmoniosa, se for em conjunto e partilha.

2.2. Institucionalização – um mal necessário?

Segundo Pimentel (2005), com o avançar dos tempos e com os avanços da tecnologia, e melhores condições de vida, a esperança média de vida foi aumentando logo houve uma grande necessidade de aparecimento de instituições que tomassem conta dos idosos. Como refere Pimentel (2005), muitas vezes o idoso é internado mesmo tendo condições para viver em sua casa, mas como fica menos protegido, a família interna-o no lar para o proteger do isolamento e poder inseri-lo numa nova comunidade e lutar contra o risco de exclusão.

Pimentel (2005) cita Laseman e Martin que apontam que a maior parte das instituições são meras prestadoras de cuidados, esquecendo-se da parte social e humanizante de cada indivíduo. No entanto, nota-se que algumas instituições já estão a ter esse cuidado, havendo uma tentativa de criação de estratégias para uma maior proximidade no sentido de facilitar o quotidiano dos idosos e dos seus familiares.

2.3. Falta de apoio às famílias que cuidam dos idosos

Pimentel (2005) aponta ainda que as famílias que cuidam dos idosos em suas casas não recebem os apoios ou reconhecimento por parte do Estado, não lhe sendo reconhecidos direitos de ausência ao trabalho para suporte ao idoso doente, ou quaisquer tipos de benefícios fiscais, apesar da poupança que uma opção deste tipo representa para o Estado.

Segundo Pimentel (2005), a família, ao escolher um lar, tem de avaliar bem as condições pois estes muitas vezes não apresentam condições mínimas para a dignidade humana. Este autor afirma que este facto se deve a uma grande procura e pouca oferta, havendo assim um agravamento da situação dos idosos no lar.

3. A FAMÍLIA

A família no seu termo lato, pode ser entendida como um conjunto de indivíduos que compartilham um conjunto de responsabilidades e capacidades sociais, partilhando toda uma vivência de cada ser individual, existindo uma grande cumplicidade entre todos os seus constituintes. Qualquer ocorrência social que afecte um dado indivíduo da família reflecte-se na vivência do conjunto de todos os elementos, devido à relação de homeostasia existente.

O conceito de família não é um conceito único e universal, independente da época e da cultura, tal como referido por Gimeno (2001). Ainda segundo a mesma autora, citando Maxler e Fishler (1978), o conceito de família vai mudando de geração para geração, estando dependente da história genealógica de cada família, em que esta condiciona o conceito familiar da geração seguinte e das gerações vindouras. Esta história genealógica é deveras importante no que concerne à compreensão da família como um todo e das potenciais patologias existentes, possibilitando uma análise completa para posterior terapêutica.

Segundo Minuchin e Fishman (2003) a família é um grupo natural que vai desenvolvendo padrões de interacção ao longo dos tempos. Esses padrões formam a estrutura familiar que por sua vez governa o funcionamento dos membros da família. Na família, o ser humano interage com outras unidades que vão influenciando o seu comportamento e ao mesmo tempo o comportamento dos outros indivíduos. Esta interacção, por vezes, pode ser proibida na família e pode trazer consequências de transgressão que podem levar a componentes afectivos como a culpa e a ansiedade.

3.1. Mudanças de paradigmas da família e da sociedade

As pessoas estão cada vez mais empenhadas no seu trabalho e as crianças e os idosos crescem e vivem em locais colectivos que lhes são impostos com poucas ligações ao ambiente familiar (Cabral, 1994).

Na actualidade, como afirma Imaginário (2004), a família preocupa-se mais na tentativa de satisfazer as suas necessidades subjectivas e emotivas do que na função afectiva. As relações familiares da actualidade baseiam-se mais na satisfação do que na assistência

recíproca. A família deveria ter em conta a coesão, cooperação, solidariedade e comunhão de iterações.

Sampaio e Gameiro (2004) apontam as mudanças cada vez maiores na sociedade ocidental, em que há uma tendência cada vez mais acentuada da família nuclear tradicional (marido, mulher e filhos) sofrer desmembramentos. Com o aumento da taxa de divórcios, mulheres que vivem sozinhas, e outras que nunca casaram e tiveram filhos, são famílias consideradas por este autor como atípicas. Cada vez mais a mulher trabalha fora de casa, logo as crianças têm de ficar em creches desde muito pequenas, e os idosos entregues a lares ou centros de dia.

No passado as famílias tinham estrutura múltipla, várias gerações viviam juntas sob a autoridade do chefe de família. Havia uma protecção de todos e uma reciprocidade no auxílio nos diversos momentos da vida. Na sociedade contemporânea devido à industrialização houve uma necessidade de aparecer a família nuclear. (Imaginário, 2004)

A família actual sofreu um conjunto de mutações: há um controle da natalidade, aumento da esperança média de vida, a inserção da mulher no trabalho, expansão da civilização urbana levando a um distanciamento afectivo implicando novas vicissitudes no ciclo vital da família (Imaginário, 2004; Pimentel, 2005)

Com a actual mudança da sociedade foram abandonadas muitas das responsabilidades que eram da família, existindo agora instituições privadas e públicas que substituem a família. Mas é na família que se nasce que se partilha o compromisso, a estima, a comunicação o convívio a plenitude espiritual e a capacidade de enfrentar das tensões e as crises. (Imaginário, 2004)

Para Gimeno (2001) e Pimentel (2005), a industrialização fez com que as pessoas abandonassem os seus locais de origem e permanecessem perto dos locais de trabalho. Houve um acréscimo da importância da família nuclear em detrimento da antiga família patriarcal. Passou-se de uma unidade económica para uma unidade de consumo a que se associou a progressiva e imparável integração da mulher no mercado de trabalho. Simultaneamente, a sociedade toma consciência em relação aos direitos humanos com base na igualdade das pessoas. Todos estes factos levaram a uma mudança social e familiar, provocando alterações de base em relação ao modelo de família, destacando-se

as seguintes alterações: redução do número de descendentes por família; atraso na idade de contrair matrimónio; atraso na idade da maternidade; alteração da valorização da sexualidade; redução da influência das normas religiosas; maior existência de mães solteiras; a legalização do divórcio; grande aumento das famílias mistas ou reconstruídas.

Perante este cenário, existem famílias que não se adaptam e surgem conflitos e crises sendo preciso que a sociedade, os amigos, os vizinhos e mesmo a família aumentem o nível de tolerância face às decisões que cada família tem de assumir para superar as suas crises ou para se adaptar às exigências dos seus membros (Gimeno, 2001).

3.2. Caracterização da família

Segundo Guzman (1974), família é uma constituição de vários indivíduos que compartilham um conjunto vasto de situações, podendo estas ser sociais, económicas, afectivas, culturais e históricas. Pode ser entendida como uma unidade. Sampaio e Gameiro (1998) incluem na definição de família a componente geracional, alargando-a a pelo menos três gerações. No entanto, alargam o conceito a elementos não ligados por traços biológicos mas que são significativos do ponto de vista da relação emocional, podendo assim distinguir a família tradicional (pais e filhos), a família extensa (família alargada com várias gerações), e a família de elementos significativos (amigos, vizinhos, professores, etc.).

As definições de Guzman (1974) e de Sampaio e Gameiro (1998) tocam-se na ideia de partilha entre os indivíduos. Não está no entanto claro que Sampaio e Gameiro (1998) incluam no seu conceito um grupo de indivíduos sem quaisquer traços genéticos comuns, mas que partilham toda uma vivência de natureza emocional ou outras. A componente geracional está sempre bem presente para estes autores.

3.2.1. O sistema familiar

Sendo um sistema aberto, a família tem o conjunto de características de todos os sistemas abertos. Como refere Gimeno (2001), a família tem um conjunto determinado de objectivos, e todo o seu desempenho é condicionado por esses objectivos. Sendo um sistema aberto, é permeável às influências do exterior, sendo capaz de reagir e interagir com outros sistemas. Possui ainda a capacidade de auto-controlo, permitindo-se a

definição de um conjunto de regras que possibilitem a adaptação a novas realidades. A família é um conjunto de vários componentes discretos, sendo as suas características o somatório das características individuais de cada elemento. Por outro lado, cada um desses elementos tem uma maior ou menor capacidade para exercer uma influência preponderante sobre outros elementos, podendo condicionar a personalidade do conjunto.

Numa crise, tal como um suicídio ou um adultério, a família sofre ajustes que podem ser adoptados ou não pelos indivíduos ou pela família. Segundo Christie-Seely (1986), pode-se pensar em cada elemento da família como um órgão, como se fizesse parte de um conjunto de órgãos (corpo), que se interrelacionam através de mecanismos de retroacção (positiva, negativa), mantendo-se assim um estado de homeostasia ou de saúde. Se por alguma razão uma parte é isolada do todo a que pertence, o diagnóstico e o tratamento são falíveis.

Uma qualquer alteração repentina e inesperada à estrutura familiar, pode levar a um completo desmembramento da família tal como existe até então, levando a uma adaptação e alteração das características dessa mesma família. Gimeno (2001) apresenta como exemplo a morte de um filho. A partir deste acontecimento, a família, tal como existia até então, com as suas crenças e os seus costumes, morre também, dando origem a uma nova família, em que todos os seus membros são afectados e alteram de alguma forma as suas rotinas, hábitos, formas de ser e de pensar, bem como os papéis até aí desempenhados, observando-se muitas das vezes a predominância de um irmão como protector da família, podendo mesmo vir a tornar-se no elemento dominante.

3.2.2. Subsistemas familiares

Minushin e Fishman (1990) reflectem sobre o sistema familiar e os seus subsistemas ou halos, em que cada indivíduo constitui um deles. As díades (ex: marido e mulher) constituem também subsistemas da família, com características próprias. Subgrupos mais amplos são formados por gerações (subsistemas de irmãos). Cada indivíduo do grupo familiar desempenha um determinado papel, com funções distintas e bem definidas. O filho deve agir como criança no sistema parental para que o pai possa agir como adulto. Qualquer alteração a estas regras pode significar a disfuncionalidade da família como um todo.

O subsistema conjugal constitui a referência base de cada criança fruto da relação, sendo a forma ideal de demonstrar o afecto, de demonstrar como se relacionar com um parceiro sem dificuldades, e de como lidar com o conflito entre iguais, levando à preparação de cada descendente para o mundo exterior, através da imposição e transferência dos seus valores morais e afectivos. Qualquer disfunção neste subsistema poderá repercutir-se em toda a família, e, em situações patogénicas, uma criança pode ser bode expiatório e coligar-se numa aliança com um dos cônjuges, contra o outro (Christie-Seely, 1986).

O subsistema parental é constituído pelos pais e seus filhos. As transacções mais importantes neste subsistema são a transmissão da educação e respeito de pais para filhos. A criança apreende um conjunto de características importantes existentes nos seus pais, incluindo a noção de respeito e obediência. Apreende ainda um conjunto de regras que lhe permitem lidar com outras pessoas, incluindo técnicas de negociação e como lidar com o conflito. Muitas das vezes, o subsistema parental pode estar deslocado, podendo incluir outros membros da família ou membros externos (ex. avô e tia) e/ou excluir amplamente um dos pais. À medida que o crescimento da criança se torna evidente, o subsistema parental tende a modificar-se amplamente, adaptando-se à nova situação e capacidades dos filhos. Os adultos têm uma grande responsabilidade neste subsistema, sendo os responsáveis por socializar e proteger os filhos. Por outro lado, têm o direito de tomar um conjunto de decisões que protejam a criança, mas ao mesmo tempo não poderão deixar que o subsistema parental interfira com o subsistema conjugal, podendo neste caso causar graves perturbações no funcionamento familiar. É comum, com o nascimento de uma criança, assistir ao desmembramento progressivo do subsistema conjugal e consequentemente de toda a família (Christie-Seely, 1986; Minuchin & Fishman, 2003).

Com o aparecimento de várias crianças na família rapidamente se constata a existência de um terceiro subsistema entre os irmãos, designado de subsistema fraternal, em que as crianças se apoiam mutuamente, divertem-se, e atacam-se. Com esta relação, conseguem desenvolver capacidades de cooperação e competição, ao mesmo tempo que desenvolvem as capacidades de fazer amigos e lidar com inimigos. Em famílias com um único filho, este subsistema não existe, podendo por vezes ser substituído por uma relação com um amigo ou outra criança. No entanto, a inexistência deste subsistema pode explicar um conjunto de disfunções, principalmente ao nível da criança, mas que

afectam a família como um todo. Por outro lado, a inexistência deste subsistema sobrecarrega o subsistema parental com um conjunto de funcionalidades que não lhe são características e que por vezes são antagónicas. O segredo, que é característico numa relação fraternal, pode não se coadunar com a responsabilidade de educar, ou seja na relação paternal (Christie-Seely, 1986).

Minuchin e Fishman (2003) referem ainda o halo individual, como sendo a categoria de não família, em que se inclui o adulto solteiro sem vínculo. Há uma ideologia individualista. Este tipo de halo incorpora o Self no contexto. A família é a unidade, o individuo como halo dessa unidade. Neste sentido o individuo estará mais ligado aos grupo de amigos, ao seu trabalho, aos seus companheiros do que com a sua família de origem.

3.2.3. Interação da família e da comunidade

O grupo familiar não é um sistema fechado, interagindo e evoluindo ao longo da dimensão temporal, mas mantendo um conjunto de valores impostos ou adquiridos da vivência em sociedade. Apesar da evolução constante, há tendência a ser mantida uma identidade, o que transforma cada grupo familiar num grupo único e distinto. Cada grupo interage com outros sistemas, constituindo assim factores de transformação das famílias (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

3.3. Tipos de família

As famílias não são todas iguais nas suas características o que levou os diversos autores a tipificarem cada grupo. Neste sentido, Gimeno (2001) adoptou a sua caracterização de acordo vários aspectos: segundo os laços biológicos, a família pode ser nuclear, alargada, de origem e de procriação; segundo os vínculos familiares psicossociológicos, pode-se distinguir entre família adoptiva e família educadora; em relação à estrutura, pode-se falar em família nuclear intacta, monoparental e reconstituída.

A família nuclear tem vindo a sofrer alterações significativas ao longo dos tempos, principalmente na modernidade. Este modelo, predominante na cultura ocidental, inclui os residentes no mesmo tecto de uma família, normalmente pais e filhos, não incluindo todo o conjunto de outros graus de parentesco, como avós ou tios não residentes. Este conjunto, que inclui os elementos não residentes mas com os quais há, de alguma forma,

uma relação de proximidade, designa-se por família alargada. Distingue-se ainda a família de origem da família da procriação. A primeira refere-se à família de nascimento, i.e., de consanguinidade, enquanto que a segunda se aplica à família constituída normalmente após a união conjugal, que é constituída pelo casal e seus filhos (Gimeno, 2001)

Quanto à estrutura, Gimeno (2001) refere a família nuclear intacta, constituída por todos os elementos de núcleo (pais e filhos). Esta constitui a família considerada normal, em que não ocorreram mutações de perfil sociológico. As famílias monoparentais e reconstruídas são mutações da família nuclear básica. São cada vez mais frequentes nos tempos de hoje, e são estrutura em que poderá haver alguma confusão na determinação dos seus limites. Colin (1986) caracteriza a família monoparental como um grupo caracterizado por ter apenas uma pessoa como líder, com filhos a cargo. Pode ocorrer pela morte de um dos cônjuges, pelo divórcio, ou pela existência de mães solteiras. O mesmo autor refere-se ainda às famílias recompostas como resultado do divórcio do casal e posterior união ou casamento com outros elementos.

Para Sampaio e Gameiro (2004), a família é um conjunto de elementos que estão ligados entre si, correspondendo pelo menos a três gerações mas não só, fazem parte da família elementos sem traços biológicos mas que de alguma forma são importantes a nível relacional:

- Família nuclear tradicional de pais e filhos;
- Família extensas família alargada com várias gerações;
- De elementos significativos amigos, professores, vizinhos.

3.4. Ciclo da vida familiar

A história da família é um reflexo da evolução de cada um dos ciclos das gerações que a compõem. A existência de uma família é condicionada por toda uma vivência passada, não surgindo do nada. É um conjunto de vivências e acontecimentos que vão ocorrendo de geração em geração, sendo a síntese das histórias dos dois elementos nucleares do casal.

O ciclo de vida familiar pode ser entendido como a evolução temporal de uma determinada família, desde a sua constituição até às gerações seguintes, e que permite

muitas das vezes conhecer os factores diferenciadores que podem constituir a base da formação da personalidade. Gimeno (2001) centra a sua análise na divisão do ciclo de vida em três perspectivas: tempo, acontecimentos e comparações intrafamiliares, em que pode haver repetições ou coincidências de acontecimentos de gerações para gerações, que condicionam o estado de mudança de cada geração.

Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) dividem o ciclo da vida por estádios, havendo uma transição entre os vários estádios quando alguém entra ou sai da família, adoptando a classificação de Carter e McKGoldrick (1989) que reflecte essas modificações. Apesar das diferenças de classificação entre os autores citados, há um ponto em comum, que é a evolução etápica, em que o factor determinante para a transição entre etapas é a alteração da composição familiar, sendo a entrada ou saída de membros as causas mais comuns.

O tempo, considerado como um dos factores dominantes ao longo do ciclo de vida, condiciona o presente e o futuro. Há uma relação muito forte entre a história familiar passada e a personalidade actual de cada família. No entanto, esta herança não é consciente, sendo antes uma herança implícita (Sampaio & Gameiro, 2004).

O problema está interligado a determinado momento da vida da família. Por isso é necessário situar em que pontos se está do ciclo vital da família em questão. O ciclo é constituído pelos momentos mais significativos da vida familiar onde existem pontos de instabilidade, correspondentes a mudanças na organização da família, por si só geradoras de desequilíbrios momentâneos a que a família tem de dar resposta, de modo a atingir uma nova organização. Muitas vezes, a morte da mãe, ou a doença do pai criam novas dificuldades a que é difícil dar resposta (Sampaio & Gameiro, 2004).

As famílias passam ao longo do ciclo vital por crises regulares no seu processo de desenvolvimento. Sampaio e Gameiro (2004) referem Hoffman (1994) dizendo que há uma maior ou menor grau de capacidade de gerir novas estruturas organizativas e novos modos de funcionamento relacionados com o ciclo de vida.

Para Sampaio e Gameiro (2004), a família tradicional ocidental, tem várias fases no seu ciclo vital, começando na união de dois elementos e passando por: nascimento dos filhos, educação e crescimento dos filhos, adolescência e saída de casa dos filhos, casal está de novo só, e terminando com a velhice e morte.

4. FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO

Gimeno (2001) aponta o facto de muitas famílias viverem prisioneiras de um sistema familiar que as controla e dirige, que lhes provoca insatisfação. Muitas pessoas lamentam-se das suas relações familiares, do seu presente e do seu passado, mas mesmo assim ficam escleróticas pelos seus efeitos, estancadas quanto ao seu progresso, incapazes de enfrentar a sua realidade ou de se esforçarem para mudar, mesmo quando essa mudança possa traduzir-se em encontrar a solução ou recuperar a esperança. Para este autor quando se quer ter uma melhor qualidade de vida não significa obrigatoriamente que terão de manter relações familiares a todo o custo, baseadas em estruturas familiares que não funcionam. A solução só pode partir das perspectivas individuais, das relações recíprocas e dos projectos individuais que vão fazer com que se possa unir os seus elementos com afecto mútuo e com a aliciança da concretização dos seus anseios.

4.1. Desenvolvimento familiar

O contexto de surgimento da terapia familiar está sempre interligado com o conceito de disfuncionalidade. Segundo os conceitos teóricos anteriormente apresentados, torna-se clara a definição de família como um sistema aberto, que sofre influências do meio externo e que é composta por subsistemas complexos. Como qualquer sistema deverá ter a capacidade de autocontrolo. Será no momento em que a capacidade de autocontrolo se encontra reduzida que surgem as disfuncionalidades e a necessidade de recorrer a um acompanhamento externo, designado por terapia familiar.

Minuchin (1974) considera que o sistema familiar está subdividido por subsistemas: por exemplo distingue o subsistema parental do subsistema filial. Nas famílias disfuncionais existe uma frequente alteração dos limites, como é o caso da criança que toma o papel do pai e assume a responsabilidade face aos seus irmãos, responsabilidade essa que está normalmente associada ao papel que os pais terão de desempenhar dentro da família.

4.1.1. Famílias aglutinadas e famílias desagregadas

Segundo Minuchin (1974), as famílias aglutinadas não permitem a existência de um espaço que desenvolva a individualidade de cada membro, enquanto que as famílias

desagregadas têm um individualismo excessivo, não permitindo qualquer tipo de afectividade, afastando assim o conjunto familiar.

4.1.2. Papéis dos membros da família

Cada membro da família deverá desempenhar um determinado papel, predefinido quer pelos outros membros quer pela sociedade. Quando esse papel se altera e entra em conflito directo com outro membro da família, o equilíbrio homeostático da família sofre mutações, podendo mesmo desaparecer e dar origem a sintomas de disfuncionalidade. Numa família disfuncional, muitas das regras aparecem implícitas, assumindo mesmo o carácter de “Mitos” (uma família que não discute) ou “segredos” (suicídio de um familiar). As regras explícitas são em menor número (Tavares, 1995).

4.1.3. Regras contribuem para o equilíbrio

Algumas regras, implícitas ou explícitas, contribuem para o equilíbrio do sistema familiar. Quando algumas delas são quebradas, podem contribuir para a ruptura do sistema. As regras variam de família para família, e o entendimento que cada membro tem sobre elas pode alterar completamente o seu grau de importância e necessidade do seu cumprimento (Minuchin & Fishman, 2003).

4.1.4. Coesão familiar

Gimeno (2001) aponta que a coesão diz respeito ao grau de proximidade que os membros da família têm entre si. Olson (1986) dividiu a coesão em quatro graus: 1º-coesão desvinculada nível mínimo; 2º-coesão separada nível mais baixo, moderado; 3º-coesão moderada, conectada ou ligada; 4º-coesão emaranhada.

As ideais segundo Gimeno (2001) são as intermédias, pois são capazes de harmonizar a autonomia pessoal com a proximidade e conexão com os outros, sendo assim mais viáveis. Os extremos são considerados problemáticos. Numa família emaranhada há um excesso de identificação com a família e um sentimento muito exacerbado que os seus membros têm problemas de individualização e de desenvolvimento da sua identidade, na família desvinculada apego às pessoas é tão baixo que cada um desenvolve os seus projectos, sem ter em conta os outros.

Beavers (1982) dividiu as famílias em dois tipos, as centrípetas e as centrífugas. As centrípetas sobre protegem os seus familiares criando uma forte dependência entre eles, com o apoio da autoridade dos adultos, que costumam manter uma aliança forte. Usam a culpa, a chantagem afectiva e a vitimização, centradas nalgum membro da família. As centrífugas favorecem a autonomia prematura dos indivíduos, o isolamento, recusam o papel de cuidadores, favorecem a emancipação e saída de casa, logo que possa sustentar a si mesma. Famílias demasiado abertas têm problemas em expressarem os sentimentos.

4.1.5. Delimitação da individualidade

Uma família não disfuncional possui uma delimitação bem clara dos laços afectivos e da individualidade, permitindo que cada membro consiga desenvolver estas duas capacidades (Sampaio & Gameiro, 2004).

A individualização é a condição necessária para o desenvolvimento da própria identidade humana. A pessoa diferenciada é capaz de um funcionamento óptimo entre os outros indivíduos. A diferenciação opõe-se à fusão, a qual é geradora de triângulos perversos que constituem tipos de vínculos nas famílias patológicas como por exemplo o conflito entre o casal (Gimeno, 2001; Minuchin, 1974; Minuchin, 1990).

4.1.6. Famílias centradas no passado ou no futuro

Gimeno (2001) refere ainda que nem todas as famílias são iguais no que se refere a esta perspectiva temporal, centrando-se umas mais no passado, enquanto que outras estão viradas para o futuro. As centradas no passado têm muito presente o sentido de tradição, sendo recorrentes as frases do tipo “O meu pai teria feito isto...”, “Antigamente, toda a gente fazia assim...”, etc. As família centradas no futuro olham para um conjunto de objectivos que têm definidos como se já fizessem parte do presente. “Quando tivermos uma casa...”, “Quando os nossos filhos forem médicos...”, “Quando formos ricos...”, são alguns dos pensamentos que condicionam o presente.

4.1.7. Acontecimentos familiares alteram o curso da família

Os acontecimentos familiares parecem influenciar em grande parte a forma de estar e o ciclo de vida, sendo pontos fulcrais que podem alterar completamente o curso de vida de uma determinada família. Estes acontecimentos, dolorosos ou gratificantes, são

geradores de mudança, contribuindo nuns casos para o fortalecimento da relação e laços familiares, enquanto que noutros poderão conduzir a um desmembramento e afastamento. Observando estes acontecimentos, poder-se-ão distinguir quanto à sua duração e à forma como as pessoas reagem. Poderão observar-se mudanças rápidas (por exemplo, nos casos de catástrofes em que não há tempo para o pranto após a dor da morte) e os acontecimentos alargados no tempo, em que há um luto e um choro permanentes (Gimeno, 2001).

4.1.8. Acontecimentos socio-económicos condicionam o ambiente familiar

Para além dos acontecimentos familiares propriamente ditos, podem ocorrer outros tipos de acontecimentos, sociais, económicos ou políticos, que devido à sua amplitude condicionam todo o ambiente familiar. Podem enquadrar-se nestes acontecimentos as guerras civis, as crises económicas, entre outros (Gimeno, 2001).

Parece demais evidente que as condições económicas de uma família condicionam toda a forma de estar da família no futuro. É muito diferente nascer numa família com condições económicas abastadas ou nascer numa família que possua privações. Por outro lado, o futuro e os objectivos traçados alteram também a personalidade do conjunto. A definição destes objectivos por cada família depende sempre de um conjunto de factores bastante diferenciados, entrando sempre em linha de conta com o passado e o presente. Poderão ser definidos objectivos económicos, de carreira, entre outros, que condicionarão a personalidade actual da família (Gimeno, 2001).

4.2. A família como espaço de protecção da integridade pessoal

A família é mais que nunca o principal espaço de protecção da integridade pessoal dos seus membros. A família é o espaço onde se esboçam os primeiros e definitivos projectos de vida, onde se transmite um conhecimento que, mais do que informação ou ciência é sabedoria, porque nela se transferem conhecimentos que pertencem às questões fundamentais da vida, inter laçando o cognitivo e o emocional, e sendo um produto genuíno da experiência vivida pelos mais velhos (Gimeno, 2001).

Gimeno (2001) refere que a família em tempo de mudança e de crise mantém-se como um espaço de apoio a todos que necessita. É um espaço de protecção da intimidade, solidariedade, gratuidade, esquecimento de si mesmo pelos outros, dialogo, reflexão

conjunta sobre os projectos próprios, problemas individuais ou de grupo familiar. segundo este autor o que vai morrendo na família é a prepotência do mais forte, a rigidez de conduta e de pensamento que mantinha as estruturas e normas machistas e começa a surgir um modelo familiar mais igualitário e personalizado, mais democrático e mais aberto ao futuro do que para o passado.

Fernandes (2001) afirma que a família é o lugar primordial das trocas intergeracionais. É aí que as gerações se encontram e interagem de forma intensa.

4.2.1. Afectividade

Gimeno (2001) aponta o facto de, se os vínculos afectivos forem seguros na primeira etapa da vida, irão proporcionar a base do desenvolvimento afectivo, social e cognitivo às crianças e até mesmo na idade adulta, bem como a motivação para atingir os objectivos, competência social e responsabilidade.

4.2.2. Papel dos pais

Malpique (1998) faz uma abordagem dos papéis que o pai e a mãe desempenham no núcleo familiar. A função da mãe é instrumental, levando à autonomia pessoal do filho do ponto da sobrevivência biológica e da manutenção da família. Por seu lado o pai, dá uma nova dimensão ao funcionamento psíquico do filho, permitindo-lhe a total inserção na sociedade. É predominantemente instrumental nas exigências que faz para o auto-domínio e aprendizagem de técnicas que veiculam a conduta moral, social e cultural.

Myrian (2001) diz que os pais devem ser pessoas confiáveis, que mostrem modelos de identificação positivos, que favoreçam na criança um sentimento de competência. Erikson (1976) define este ponto como uma ameaça ao desenvolvimento do sentimento de identidade, pela inscrição da criança num conformismo estreito, ou pelo posicionamento num sentimento infantil de inadequação e de inferioridade.

As inibições sociais, relacionais e intelectuais são, neste período de vida, sinais importantes de possíveis entraves ao desenvolvimento harmonioso da personalidade. Myriam (2001) refere Guignard (1992, 1993) que pensa que a pobreza da fantasmização durante o período de latência, nas crianças que apresentam um quociente inteligente

normal, constitui um índice de patologias que deve ser levado a sério. Esta carência fantasmática, durante o período de latência, é a expressão do envasamento de neuroses infantis graves que se poderão observar mais tarde no adolescente e no adulto.

4.2.3. Complementaridade entre pai e mãe

Como pode verificar-se, ser pai torna-se uma actividade árdua, plena de responsabilidades, uma vez que do seu desempenho dependem um conjunto de tarefas importantes para o bem-estar psíquico dos filhos e de toda a família. Juntando a estas responsabilidades a necessidade de geração de sustendo económico, verifica-se que o pai é um pilar importante na vida familiar, dependendo dele, em grande parte, o sucesso de cada indivíduo e, no seu conjunto, de todo um modelo de sociedade construído tendo por base a família (Sister, 1996).

Vários estudos apontam também para o papel fundamental da mãe, enquanto pilar afectivo e emocional e um dos vértices do triângulo familiar. A ideia de complementaridade entre o pai e a mãe surgem sempre como factores comuns, tornando-se tão importante a presença de um como do outro. Concorda-se normalmente com afirmações em que o homem e a mulher não devem ser observados como opostos, mas como complementares. O aspecto essencial a recordar é que o pai e a mãe têm características diferentes, fruto da sua característica sexual e do processo diferente de enculturação que sofreram. Desta forma, complementam-se um ao outro nas suas funções parentais, significando que nenhuma das partes é prescindível no processo de crescimento dos filhos (Civitas, 2003).

4.2.4. A família burguesa

Segundo Colin (1986), a família é detentora de um poderoso modelo normativo, em que qualquer divergência é considerada um perigoso desvio social. É neste contexto que deverão ser forjados todos os valores necessários à realização individual, fruto de virtudes morais desenvolvidas ao longo do processo de socialização.

4.2.5. Subsistema fraternal

Gimeno (2001) refere-se à fraternidade, desenvolvendo a ideia de que os irmãos têm uma maior proximidade de idades em relação aos pais e avós, são filhos do mesmo

casal, e têm um conjunto de tarefas e funções em comum, fazendo isto com que tenham uma tendência clara para a união em torno de objectivos comuns. Esta união forma uma coesão e um sentimento de pertença, uma cumplicidade que muitas vezes faz com que se oponham ao casal progenitor. Nem sempre os vínculos que os filhos tem uns para os outros são positivos, podendo ser também de rejeição e de destruição, como por exemplo rivalidade, indiferença, ódios etc.

Gimeno (2001), referindo-se a Neuberger (1997), aponta como uma das principais tarefas dos pais a orientação dos filhos para um clima em que se evite a rivalidade e ao mesmo tempo a fusão, para que não se desenvolva um sentimento que leve ao incesto real ou imaginário.

4.2.6. Triangulação

Gimeno (2001) define a triangulação com as relações entre três pessoas em que a idade, sexo ou papéis podem ser diferentes. São mais frequentes em relações familiares mas também podem fazer parte destas triangulações pessoas estranhas. Caracteriza-se por ser uma relação estabelecida em que os membros se mantêm aliados numa relação positiva em relação a um terceiro que é objecto de rejeição ou da oposição de ambos.

As alianças que dela surgem facilitam a cumplicidade em função dos interesses do momento, fortalecendo a proximidade e identidade familiar e enriquecendo a comunicação, por exemplo, filhos juntam-se para atenuar um castigo, mãe e filha unem-se para exigir mais participação do pai. Mas quando estes triângulos se deterioram o valor funcional da família pode tornar-se rígido e o confronto com o terceiro transformar-se em rejeição ou em agressividade, acabando por isolar o terceiro elemento (Gimeno, 2001).

4.2.7. Complexo de Édipo

Referindo Figueiredo (1985), relativamente ao conflito de famílias, tudo parece ir de encontro às teorias de Freud (1976) da psicanálise. De acordo com estas teorias, a descrição histórica da tragédia de Édipo simboliza o incesto, como algo insuportável do ponto de vista social e cultural, sendo portanto interdito, definindo-se neste caso algumas regras, relativamente às pessoas com quem é permitido ou proibido o envolvimento sexual e/ou o casamento. O amor do filho pela mãe é inconsciente e

casto, não sendo observado como incestuoso. No entanto, este amor leva a um inconsciente afastamento entre o filho e o pai, uma vez que o filho passa a tentar afastar a entidade que constitui uma fonte de rivalidade no seu amor.

Malpique (1998) afirma ainda que a figura do pai, real ou imaginária, é um portador de interdição, sendo o guardião da lei social, constituindo-se como interdição ao incesto. Se o pai é ausente ou não consegue ultrapassar o complexo edipiano de seu filho e sua esposa, põe em causa a relação da díade conjugal e da passagem de valores sociais para o filho.

4.3. Modelos de Intervenção em terapia familiar

Sampaio e Gameiro (1998) definem terapia familiar como um método psicoterapêutico que utiliza como meio de intervenção sessões conjuntas com os elementos de uma família. Sendo um método psicoterapêutico, está baseado em três princípios básicos, sendo estes de natureza epistemológica, teórica e terapêutica (Relvas, 2003).

Sampaio e Gameiro (1998) deixam claro que a terapia familiar não tem como objectivo adaptar a família a uma definição preexistente.

A terapia familiar surge como uma ruptura em relação a todos os métodos de terapia utilizados até então. A terapia familiar sistémica relaciona o conhecimento da patologia com a família de contexto em que se insere, para que, a terapia seja efectiva, mesmo após o regresso de cada um dos elementos à família em que se insere (Barker, 1998).

Existem diversos modelos de intervenção em terapia familiar que estão normalmente interrelacionados com as diferentes concepções de família, de acordo com cada autor, baseando-se nos pressupostos teóricos por estes assumidos. De seguida serão apresentadas a perspectiva psicanalítica, as transgeracionais e as estruturais, por serem as que melhor se enquadram na investigação.

4.3.1. Perspectivas relacionadas com o modelo psicanalítico

A perspectiva psicanalítica da família deriva das teorias da psicanálise de Freud, em que há uma desvalorização do pai como modelo de identificação devido à sua ausência permanente. Esta substituição dá-se, não pela substituição, mas pela abolição a que as

regras da sociedade obrigam. Estas regras vêm já sendo impostas pela sociedade desde os tempos passados, em que o papel do pai é o de trabalhador fora de casa, que mantém uma postura rígida e de imposição de respeito aos seus filhos. Estando o pai desvalorizado e ausente, não possibilitando a reacção Edipiana de rivalidade pai-filho, a transmissão cultural entre estes encontra-se reduzida. Os jovens tendem a ter reacções primárias e anárquicas às ocorrências, a juntarem-se em grupos e a padronizarem uma relação mais ligada às emoções com a mãe (considerando esta um elemento esvaziado de cultura, mas com forte cariz afectivo (Malpique, 1998; Sampaio & Gameiro, 1998).

4.3.2. Perspectivas transgeracionais

Como anteriormente referido, o comportamento e patologia de uma família pode estar directa ou indirectamente dependente de algo que aconteceu em gerações passadas (avós, pais, filhos). A perspectiva transgeracional centra-se na análise da transmissão cultural da família entre várias gerações, englobando de aspectos como padrões, estilos, costumes, segredos, mitos, e outros problemas (Sampaio & Gameiro, 1998).

A realização de genogramas pode mostrar problemas familiares do passado com a família de origem. Mcgoldirk e Gerson (1985) discriminaram seis categorias interpretativas na leitura de uma genograma familiar: estrutura familiar; ciclo de vida familiar; padrões de repetição nas famílias; experiências ou acontecimentos de vida; padrões de relação na família; equilíbrio familiar ou desequilíbrio.

4.3.2.1. Perspectiva multigeracional de Murray Bowen

No enquadramento do presente trabalho, esta é talvez uma das teorias que melhor se aplica na análise efectuada, pelo que é explicada em maior detalhe. Numa das suas investigações, Bowen (1978) introduziu a famílias no processo de terapia, envolvendo os elementos familiares mais directos nas sessões, tendo verificado um conjunto de resultados muito aceitáveis concluindo que o sistema emocional influencia a terapia. Ao longo do processo, Bowen (1978) afasta-se dos elementos da família, trabalhando mais como consultor do que terapeuta, fazendo com que não se criem laços emocionais com o terapeuta e que por outro lado os níveis de ansiedade sejam menores, levando a comportamentos de maior autonomia e maturidade dos elementos da família. Ainda segundo esta teoria, procede-se à limitação de sete conceitos fundamentais.

Diferenciação do Self

Distinguem-se dois tipos de pessoas: indivíduos com fusão emocional intensa (com baixo nível de diferenciação do self), em que a parte intelectual do indivíduo é inundada pelas emoções e a vida é totalmente orientada na busca de sensações emocionais de prazer, em que a parte racional é colocada em segundo plano; indivíduos com baixa fusão emocional (com alto nível de diferenciação do self), em que se distingue com clareza a componente emocional e a racional do indivíduo, levando-o à possibilidade de poder optar entre a parte racional ou a emocional.

O conceito de triângulo

Este conceito teoriza sobre as relações existentes entre as pessoas. Segundo este conceito, quando há problemas de ordem emocional entre uma díade, há uma tendência natural em procurar uma terceira pessoa para funcionar como suporte, para o qual se podem transferir as emoções. Este triângulo pode levar a sérios problemas de distanciamento entre a díade, uma vez que os esforços são efectuados no sentido do terceiro vértice e não na resolução dos problemas existentes. No processo da terapia familiar é necessário conseguir identificar estes triângulos.

O processo emocional da família nuclear

O processo emocional da família nuclear descreve os padrões gerais de funcionamento de uma família constituída por pais e filhos. Aproveitando a definição de *self*, teoriza sobre o grau de diferenciação entre os indivíduos, concluindo que quanto menor for esse grau, maiores são as tendências de existência de conflitos.

O processo de transmissão multigeracional

Tanto o processo de projecção familiar como o da diferenciação do *self* podem atravessar gerações. Segundo Bowen (1978), é importante compreender este fenómeno, pois muitas das problemáticas existentes têm as suas raízes nas gerações anteriores.

Corte Emocional

A existência de cortes emocionais atípicos, quer por motivos geográficos ou, por exemplo, pela saída de casa dos pais para se unir em matrimónio, podem levar a um nível de diferenciação atípico, e que se pode repercutir na geração seguinte. Se, por exemplo, um filho sai abruptamente de casa dos seus pais para se casar com uma

mulher não aceite por estes, tem uma tendência natural a transmitir para as gerações seguintes um baixo nível de diferenciação. Se um filho deste novo casal tiver problemas emocionais, a sua raiz pode estar na forma como o seu pai abandonou os avós.

Posição da fratria

Este postulado explicita a forma como a posição na família, entre os seus irmãos, pode alterar o perfil da sua personalidade, explicando a diferença entre o filho único, o irmão mais velho, o irmão mais novo, etc.

Regressão social

Bowen (1978) afirma neste postulado que os paradigmas que precedem a terapia familiar podem ser aplicados num sentido mais lato a toda a sociedade, pela análise dos padrões de uma determinada comunidade. No entanto, a sua aplicação será mais difícil, devido às potenciais cadeias e triângulos existentes.

4.3.2.2. Perspectiva transgeracional de Carl Whitaker

Esta perspectiva defende que deve haver um crescimento da pessoa a nível individual mas também a nível relacional. Não se altera a estrutura familiar mas altera-se um processo de desenvolvimento das capacidades dos indivíduos e das famílias no sentido de uma maior criatividade e não de uma adaptação. Pretende-se aumentar o sentimento de pertença a um todo integrado: à família e à comunidade em que vive. A compreensão da experiência da história da família de origem é fundamental para a delimitação das fronteiras intergeracionais. (Sampaio & Gameiro, 1998).

Características de uma família saudável (Whitaker, 1981)

Sampaio e Gameiro (2004) apontam as características que segundo Whitaker (1981) são identificadores de uma família saudável, As características essenciais anotadas por este autor são as seguintes:

- A família é um conjunto integrado, mas que não pode impedir a noção de indivíduo, não demasiado em fusão que não permita a individualização, nem demasiado disperso que leve ao isolamento de cada indivíduo;
- Há uma barreira intergeracional (pais não são filhos nem os filhos são pais, há uma delimitação dos sub sistemas);

- Há liberdade e flexibilidade na escolha de papéis familiares (ex: pais brincam e filhos fazem de comer);
- Distribuição do poder dentro da família é flexível;
- A família é capaz de brincar em conjunto;
- A família continua a crescer, tenha havido mais ou menos acontecimentos desagradáveis;
- Os problemas são resolvidos através do diálogo aberto e franco;
- A família é um sistema aberto, influenciado pelo que se passa na sociedade à sua volta e em contínua evolução.

4.4. Perspectiva estrutural de Salvador Minuchin

Minuchin (1974) elaborou uma perspectiva de terapia familiar com o nome de perspectiva estrutural, que poderá ser aplicada não só a problemas familiares mas também a famílias com doenças psicossomáticas. O objectivo desta perspectiva é alterar a estrutura disfuncional da família, através de uma reorganização, havendo modificações não só a nível familiar, mas também a nível individual. O sintoma surge como a face visível da disfuncionalidade de uma organização estrutural, e que tenderá a desaparecer quando essa organização (neste caso a família) estiver organizada.

Sampaio e Gameiro (2004) citando Minuchin (1974) referem que a estrutura é definida como um conjunto invisível de necessidades que organiza o modo como os elementos da família interagem e que vão sendo repetidas ao longo dos anos. Nas famílias disfuncionais existe alterações dos limites, por exemplo, a criança que assume face aos irmãos responsabilidades que são dos pais.

Sampaio e Gameiro (2004) entendem que numa família os adultos muitas das vezes têm necessidade de esconder assuntos que não são convenientes falar junto dos filhos, mas a experiência própria diz que tem verificado que frequentemente são falsos segredos que todos mais ou menos sabem mas que fingem não saber. Mas se forem confrontados podem colocar em risco o equilíbrio da família e ao mesmo tempo atacar a homeostasia familiar.

5. FAMÍLIA DISFUNCIONAL

A definição de disfuncionalidade é sempre complexa. Uma delas, como afirmada anteriormente, é a perda do autocontrolo do sistema familiar. Segundo Minuchin (1990), o sintoma é a face visível de uma determinada disfuncionalidade e é a primeira face visível da desorganização do sistema.

5.1. Família rígida

Fala-se de família rígida quando se mantêm as regras sem possibilidade de alteração, ao longo dos tempos, sem olhar à mudança da estrutura familiar (crescimento dos filhos, por exemplo). A autoridade pode ser exercida por qualquer um dos membros da família, estando normalmente associada ao pai rígido e restantes membros submissos. No entanto, essa rigidez pode ser exercida por qualquer outro membro da família, por exemplo por um filho que assume o papel central. Estas situações podem levar a problemas psicossociais dos elementos familiares. Um dos mais comuns acontece quando há um excessivo controlo da normal exuberância infantil, produzindo a timidez ou revolta (Tavares, 1995).

Gimeno (2001) indica que a pessoa, no caso de rigidez, fica imóvel apesar da necessidade de mudança. Repetidamente vão-se apresentando pedidos de mudança, os quais sistematicamente são rejeitados, principalmente por que detêm a autoridade máxima na família.

Uma estrutura familiar rígida não permite a autonomia do indivíduo mas todo o ser humano tem dentro de si duas forças antagónicas: o sentido de autonomia e o de fusão. Estas duas dinâmicas equilibram-se de forma desigual ao longo das diversas fases do ciclo vital. Na adultez a autonomia sobrepõe-se, mas é alimentada por momentos fusionais que têm a sua expressão mais habitual na relação do casal. Nas famílias com uma estrutura lábil, os seus membros não têm sentimento de pertença que lhes permita sentirem-se ligados uns aos outros, ficando por satisfazer as suas necessidades fusionais. Aqui é importante aparecerem alianças e coligações (Sampaio & Gameiro, 2004).

5.2. Importância das gerações passadas na família

No que se refere às coincidências familiares, parecem demasiado evidentes os comportamentos que parecem passar de geração para geração, principalmente em famílias alargadas. Estas coincidências surgem na maior parte das vezes pela imitação dos modelos apreendidos do passado. Se, por exemplo, uma mãe exerce uma actividade excessivamente protectora para com seu filho, este terá uma tendência natural a imitar a sua mãe quando tiver descendência. Se por outro lado um pai exerce uma actividade repressora sobre os filhos, também estes terão uma tendência a fazer o mesmo. Referindo Gimeno (2001) os modelos são imitados de uma forma mais ou menos consciente; a resposta activa-se quando a pessoa de vê envolvida numa situação similar.

Sampaio e Gameiro (2004) acreditam que numa família é importante a lenda dela própria, e que o papel que habitualmente têm os avós pode ser retomado pelos pais numa situação de crise.

Há uma transmissão da cultura familiar no seu sentido lato de uma geração para outra, englobando padrões, estilos, acontecimentos, segredos, mitos e problemas que determinam o carácter único de uma família (Lieberman, 1979). Há uma necessidade de tentar integrar o presente, através do uso do passado, de modo a definir padrões repetitivos disfuncionais que tenta alterar e construir um futuro diferente.

O progresso do ser humano radica na transmissão às novas gerações da bagagem de conhecimentos adquiridos pelas gerações anteriores. Esta transmissão ocorre principalmente através da família. Os modelos familiares configuram-se praticamente em todas as culturas como numa estrutura vital na transmissão da sabedoria popular. Cada família tem os seus modelos familiares próprios, ao mesmo tempo que estabelece limites entre o desejável e o proibido entre a norma e o desvio (Gimeno, 2001).

Os conflitos por resolver devem merecer uma atenção redobrada no sentido de fazer parte do legado familiar, em menor ou maior grau reduzindo o seu funcionamento eficaz. Esta herança deteriora a vida familiar sob a forma de confrontos abertos ou guerras latentes (Gimeno, 2001). A herança familiar de origem fortalece o sentimento de pertença, o de identidade familiar, sendo fonte de sabedoria que é transmissível à família de procriação (Beavers, 1995).

Sequeira e Ferreira (2006) apontam que os idosos constituem um excelente veículo para fomentar as histórias de vida; todos eles tem acontecimentos para partilhar, positivos e negativos, que transmitem às gerações vindouras, conseguindo uma partilha cultural com filhos e principalmente netos.

5.3. Famílias saudáveis vs disfuncionais

Barnhill (1979) sugere que as famílias saudáveis têm de se distinguir das disfuncionais por alguns critérios: Processo de identidade (Individualização, emaranhamento; reciprocidade, isolamento); mudança (flexibilidade, rigidez; estabilidade, desorganização); processamento da informação (percepções claras, confusas ou distorcidas; papéis bem definidos, papéis mal definidos ou conflitos de papéis); estruturação de papeis (papel recíproco, papéis mal definidos ou conflituais; fronteiras intergeracionais bem definidas, difusas ou quebradas).

Fleck (1980) aponta os elementos de uma família saudável, distinguindo-a com os pontos abaixo identificados. Este acredita que o desenvolvimento de apetências em cada um dos indivíduos depende das experiências vividas no seio da família, apontando os elementos que contribuem para a formação do carácter, entre eles a liderança, fronteiras nas famílias, afectividade, comunicação, desempenho de tarefas/objectos.

5.4. Conflitos e perturbações

Várias são as teorias que se aplicam para a potencial explicação de conflitos e perturbações existentes no seio de uma família, levando à disfuncionalidade. De seguida, referem-se alguns pontos que ajudam a perceber algumas destas disfuncionalidades.

Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) dizem que muitas vezes os conflitos que surgem entre pais e filhos se devem a razões tão simples como as heranças deteriorando-se assim as relações com os membros por afinidade (o genro ou nora) que muitas vezes não se compreendem. Este autor refere o do poder do dinheiro, indicando que ainda se sabe muito pouco sobre a sua real influência nos conflitos familiares, mas tudo parece indicar que este é um dos factores que provocam muitos conflitos entre famílias. Um outro aspecto de conflito na relação entre pais e filhos é ainda do foro económico e

enfoca-se na forma como os idosos gerem o seu dinheiro e tomam as suas decisões. Um outro aspecto não menos importante são as relações pais-filhos afectadas pelas expectativas dispare. Os pais esperam que os filhos os visitem mais e gostam de se sentir mais próximos mas os filhos têm a sua vida e centram-se mais na sua família descendente.

5.4.1. Conflitos

Ao longo da vida vão surgindo diversas situações, tanto individuais como familiares e externas que geram tensões. Essas situações podem levar a mudanças funcionais, estruturais às quais a família não teve capacidade de se adaptar, pois apareceu de uma forma inesperada. Numa determinada altura da vida o sistema familiar enfrenta o dilema de ter de mudar as suas normas de comportamento, regras e até mesmo os seus sistemas de valores e crenças enquanto noutras situações a única saída existente é a desestruturação ou a ruptura familiar (Gimeno, 2001).

Gimeno (2001) centra-se ainda no conflito, descrevendo-o como um confronto inter-pessoal em que cada pessoa tenta manter o seu ponto de vista, a sua conduta, os seus interesses. Implica tensão, angústia, sentimentos de impotência, depressão, rancor, raiva, hostilidade latente ou manifesta. Os conflitos familiares acarretam inconvenientes e são um perigo constituindo-se como um indicador de direcionalidade familiar e mesmo uma manifestação de falta de apego ou de maturidade, entre os membros da família. O impacto na vida familiar depende da sua intensidade, frequência e duração.

5.4.2. Crises familiares.

Gimeno (2001) complementa a sua definição de conflito, estabelecendo a diferença com o que designou por crise familiar. As crises familiares são conflitos mas com mais alta tensão, com maior impacto na vida familiar e que dura um período de tempo relativamente superior ao do conflito, podendo durar semanas ou meses. Neste período a família destabiliza-se e surge a necessidade de mudanças e reestruturações profundas uma vez que os valores, as metas, as expectativas e papéis são afectados: os existentes não servem são difíceis de harmonizar. Reavivam-se conflitos passados, constata-se a disfuncionalidade e insatisfação, enquanto se percebe a situação familiar como estando

à deriva. Nos períodos de crise, a angústia e a hostilidade podem ser elevadas e terem tendência para distorcer o sistema.

Pittman (1990) diferencia quatro tipos principais de crises: desgraças inesperadas; crises de desenvolvimentos; crises estruturais; crises de desamparo.

5.4.3. Ausência de pai

Parecendo mais ou menos consensual que a figura paterna é importante na formação do indivíduo, as áreas chave em que essa presença exerce influência já são objecto de discordância ou complementaridade. Alguns autores, a seguir referidos, debruçaram-se sobre estes aspectos, tendo desenvolvido teorias, baseadas muitas vezes em estudos, que tentam relacionar a figura paterna com a personalidade da criança e do adolescente.

Sendo assim, Cordeiro (1982) e Fonseca (2004) afirmam que a ausência do pai na criança e adolescente é um factor importante na desorganização da personalidade.

Malpique (1998) é da opinião que a figura paterna dá uma nova dimensão ao funcionamento psíquico e permite a sua inserção na sociedade. Juntando a estas responsabilidades a necessidade de geração de sustento económico, verifica-se que o pai é um pilar importante na vida familiar, dependendo dele, em grande parte, o sucesso de cada indivíduo e, no seu conjunto, de todo um modelo de sociedade construído tendo por base a família. Malpique (1999) aponta que a ausência de pai é um factor patogénico que pode levar a psicoses, neuroses, tentativas de suicídio, deficiências intelectuais. A presença do pai ou de um substituto é o agente fundamental da diferenciação, é a sua presença que abre para a criança o caminho à identidade sexual, ou seja à diferença. Balancho (2005) é da mesma opinião.

Chouhy (2005) apresenta as conclusões de vários estudos sobre adolescentes onde a figura paterna é presente ou ausente, referindo alguns dos aspectos relevantes ao nível da personalidade e formação sociopsicológica. Assim, o risco da interrupção dos estudos do ensino obrigatório é, para os filhos de pais ausentes, cerca de duas vezes superior, em relação ao grupo de jovens em que o pai está presente. Refere ainda que a ausência do pai provoca problemas emocionais e de conduta na criança, referindo que neste grupo a probabilidade de enfermidade mental é superior, havendo maior dificuldade no controlo dos impulsos e uma maior vulnerabilidade à pressão exercida

pelos seus pares. Para além disso, a prevalência de problemas com a lei é também superior. Angel e Angel (1993) citado por Chouhy (2005), afirmam que a falta do pai constitui um factor de risco para a saúde mental da criança.

5.4.4. Famílias monoparentais

A perda do pai por falecimento gera uma depressão e uma idealização do pai perdido. Se for por uma separação, é mais conflitual e pode gerar uma imagem negativa do pai, dependendo tudo da relação que o pai e a criança tinham estabelecido e da imagem que a mãe oferece à criança após a separação. A estrutura monoparental é um factor de risco para o desenvolvimento psicológico da criança. Neste tipo de família existe um sentimento de desamparo e de abandono (Malpique, 1999).

Malpique (1999) aponta que as mães que viveram sempre para os filhos, que não organizaram a vida, que ficaram viúvas ou separadas recorrem ou regressam às suas famílias de origem, estreitando os laços com os seus pais e arrastam muitas vezes os seus filhos na sua depressão. A mãe deprimida tem um papel muito difícil: por um lado não pode corresponder ao apelo do amor dos filhos, mas por outro lado não suporta o seu afastamento e a sua necessidade de autonomia fazendo com que o seu desenvolvimento psicológico fique bloqueado. A depressão da mãe parece ser a nota dominante deste tipo de famílias, logo são incapazes de mudança, pouco aptas a promover o desenvolvimento e saúde mental dos filhos (Malpique, 1999).

5.4.5. Ausência da mãe

A ausência da mãe, segundo Sister (1996), provoca manifestações por parte da criança de percepção da não identidade, vindo a significar a perda desta, o que desencadeia os processos de angústia. Para a criança, a ausência da mãe vai implicar uma proibição, modelando todas as proibições futuras do mesmo modo, indexando-as ao desejo da presença da mãe.

Colin (1986) referiu Oliver Schwartz num trabalho que realizou com famílias de mineiros do Norte de França e chegou à conclusão que a força da relação entre mãe e filha é como um segundo casal. A filha junta-se à mãe para conversar dos seus problemas, das suas dificuldades. Segundo este autor estas desabafos reforçam um bem estar psicológico e a filha torna-se dependente da mãe.

5.4.6. Conflitos pai-filho

Figueiredo (1985) aponta que as constelações que estão na origem das tragédias são principalmente os conflitos agressivos entre membros do mesmo sexo, sobretudo de gerações diferentes, segundo o modelo pai e filho e seguidamente o conflito dentro da mesma geração, segundo o modelo irmão/irmão. As ligações eróticas seguindo situações trágicas passam-se entre membros de sexo diferente e geração diferente, segundo o modelo pai/filha e mais raramente irmão/irmã. Estas duas ligações vão levar a conflito de gerações, como um impasse do mesmo conflito.

5.4.7. Instabilidade das díades conjugais

Os sistemas diádicos são normalmente caracterizados por relações instáveis, tendo uma tendência natural para evoluir para triangulações. Esta triangulação constitui a chave de todas as relações humanas, uma vez que, numa relação a dois é usual o aumento da angústia, e a conseqüente procura de uma terceira pessoa para a confiança e libertação da pressão gerada (Relvas, 2003). O triângulo é a molécula base de qualquer sistema emotivo, e o sistema mais pequeno das relações estáveis.

5.4.8. “Ninho vazio”

Minuchin e Fishman (2003) falam sobre o ninho vazio, que ocorre quando os filhos crescem e saem de casa e a família tem de se reorganizar. A este período chama-se de ninho vazio e normalmente vem associado à depressão da mulher. Mas este período de perda pode tornar-se num período de grande desenvolvimento se os cônjuges, como indivíduos e como casal, aproveitarem as relações acumuladas, sonhos que agora podem atingir que até então não era necessário por causa da educação dos filhos.

5.4.9. Segredo

Ausloos (2003) e Sampaio e Gameiro (2004) indicam que todas as famílias têm as suas leis próprias e ela própria define aquilo que pode ou não ser feito ou dito. Segundo este autor a culpabilidade que resulta da transgressão de uma dessas regras que vai dar origem ao segredo. Os segredos e as regras que eles originam, contribuem para manter a homeostasia da família e evitar as mudanças vividas como ameaçadoras. Segundo os mesmos autores, os segredos nos primeiros tempos podem ser úteis mas com o passar

do tempo tornam-se prisões impedindo a evolução do sistema familiar. Ele encerra-se em si próprio levando a um empobrecimento das suas comunicações e uma rigidez progressiva das suas estruturas relacionais.

Gimeno (2001) diz que todas as famílias têm os seus mitos que trazem felicidade à família, onde se misturam simultaneamente todas as heranças próprias da família de origem e um número não conhecido de desejos não satisfeitos. Refere este autor que os mitos familiares pretendem encobrir as realidades mais perturbadoras, daí que desmascarar o mito e construir um mapa familiar pode muitas vezes ser uma tarefa muito dolorosa. Seguem-se alguns exemplos de mitos potencialmente existentes numa família: marido trair a mulher; conhecer o ódio entre irmãos. O desmantelar desde segredo e a sua divulgação no seio da família, significa para a díade parental, assumir o fracasso como pais.

Borine (2008) diz que os segredos familiares são aspectos disfuncionais pertencentes à psique, que dentro de um olhar geral da família acaba por passar despercebido. Mesmo por uma cultura familiar eles são entronizados para que ninguém o questione.

5.4.10. Suicídio

Sampaio e Gameiro (2004) focaram-se no suicídio, referindo-se ao seu enquadramento numa perspectiva transgeracional. A tentativa de suicídio remete-se para o seu carácter isolado ou dentro do contexto familiar. Os mitos ou segredos encontram-se ligados a esta vontade de morrer e podem residir na existência de situações paralelas na história familiar. Vários relatos mostram muitas vezes que as dificuldades actuais provêm do passado que lhe cria modelos divergentes ou mesmo contraditórios de comportamento. Por isso a uma perspectiva interaccional alia-se uma perspectiva transgeracional.

5.4.11. Ciúme

Figueiredo (1985) diz que o homem sente humilhação quando a mulher que lhe pertence é seduzida por outro o que pode ser compreendido a diversos níveis. Um homem que fica sem a sua mulher revela a sua fraqueza mas também o homem que cede a sua mulher a outro, em particular a irmã ou a filha que lhe são proibidas pelo tabu do incesto, pode também ter sentimentos de ciúme associados.

6. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

6.1. Cultura e personalidade

Como refere Myers (1993), todo o ser humano é capaz de ler a expressão facial do seu semelhante, entende o sorriso, agrupa-se em comunidades e especialmente é capaz de aprender e se adaptar a novas situações. Estas características tornam o homem num ser único e inimitável. Myers (1993) refere ainda que o ser humano tem a capacidade de transpor entre gerações um conjunto de saberes e comportamentos: cada geração transmite à geração seguinte toda a sua capacidade social e psicológica.

Rosa e Lapointe (2002) expressam que a personalidade pode ser entendida como um conjunto de características emocionais, intelectuais, cognitivas e comportamentais de um indivíduo. Tal facto poderá levar a pensar que os indivíduos pertencentes a uma determinada cultura têm um conjunto de traços comuns da personalidade, o que nem sempre acontece e que leva muitas vezes à desintegração social de um indivíduo. A personalidade típica dos indivíduos de uma determinada cultura advém directamente do material cultural existente, uma vez que a personalidade é directamente influenciada pelo meio em que se insere. Poder-se-á também inferir sobre a influência da personalidade de um grupo de indivíduos na cultura, podendo afirma-se que a personalidade desenvolvida por estes também determinam a cultura.

6.2. Experiências na infância – comportamento no futuro

As experiências vividas na infância reflectem-se, mais tarde, na personalidade, podendo este fenómeno acontecer a longo prazo. Pode, no entanto, influenciar a vida da criança a partir do momento que sofreu o mau trato. A violência gera sentimentos de desamparo e, quando o mau trato é feito principalmente no seio familiar, pode gerar sentimentos tão díspares como o medo, a culpa, a raiva que, não podendo ser manifestados no momento do acto de violência, se transformam em comportamentos distorcidos, perpetuando-se para gerações seguidas, afectando e alterando, muitas vezes, a vida social. Os maus-tratos físicos maus-tratos psicológicos/emocionais irão manifestar-se ao longo da sua vida futura (Myers, 1993).

6.3. Teoria psicossocial de Erikson

Erikson (1963), na sua teoria psicossocial do desenvolvimento, acredita que todo o ser humano passa por um conjunto de estádios que contribuem no seu conjunto para a formação da personalidade. Os primeiros quatro estádios decorrem no período da infância, e os últimos três durante a idade adulta. Erikson dá especial importância ao período da adolescência, já que esta é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta e, devido aos acontecimentos relevantes que nesta fase de desenrolam, a formação da personalidade adulta é em grande parte resultante deste período. Todos os estágios contribuem de forma importante para a formação da personalidade, sendo que cada um deles é influenciado pelo estágio anterior, influenciando também a forma de atravessar a estágio seguinte. Erikson apresentou os estágios em termos de qualidade básica do ego que surge em cada estágio, discutiu as forças do ego que surgem nas fases sucessivas e descreveu a ritualização peculiar de cada um. Esta era por ele referido como uma maneira lúdica e culturalmente padronizada de experienciar uma vivência na interação quotidiana de uma comunidade (Hall, Gardner & Campbell, 2000).

A formação da identidade inicia-se nos primeiros quatro estágios, e o senso desta negociado na adolescência evolui e influencia os últimos estágios. As idades apontadas por esta teoria são: 1ª Idade: Confiança Básica vs Desconfiança Básica; 2ª idade: autonomia vs vergonha e dúvida 3ª idade: iniciativa vs culpa 4ª idade: diligência vs inferioridade; 5ª idade: identidade vs confusão, difusão; 6ª idade: intimidade vs isolamento 7ª idade: generatividade vs estagnação - 8ª idade: integridade vs desespero (Hall, Gardner & Campbell, 2000; Monteiro & Santos, 2001).

6.4. Maslow e a teoria das necessidades humanas

A teoria desenvolvida por Abraham H. Maslow conhecida com o nome “Teoria das Necessidades Humanas” é apresentada ao longo da sua obra. Para Maslow (1970), o homem é motivado por necessidades organizadas numa hierarquia de relativa prepotência. Isto significa que uma necessidade de ordem superior surge somente quando a de ordem inferior foi relativamente satisfeita.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

7. METODOLOGIA

O objectivo deste capítulo é a descrição dos procedimentos realizados para o estudo empírico, pretendendo-se também justificar as opções tomadas no sentido de dar resposta às questões de partida deste estudo e aos objectivos definidos.

A investigação é orientada através do método qualitativo pois só assim se consegue uma compreensão abrangente do fenómeno em pesquisa, e atende-se a um conhecimento e a uma análise das relações interpessoais em contexto. Este método permite extrair a essência de cada fenómeno em estudo, do ponto de vista daqueles que vivem ou viveram aquela experiência e o sentido que lhes atribuem. Sendo assim, opta-se por um método exploratório para melhor caracterizar uma realidade que nem sempre é de fácil discussão. O método descritivo será utilizado porque se pretende descrever o universo dos sujeitos que vivenciam esta experiência, descrevendo esta situação mediante um determinado espaço/tempo e descrevendo factos de uma determinada realidade, e uma terceira vertente, a analítica, vai permitir compilar os dados disponíveis, para melhor se analisar e compreender este fenómeno. Neste caso vai utilizar-se a análise de conteúdo. Vai-se assim de encontro a Polit (1995) por se salientarem os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, e a Bardin (2004) que refere que a análise qualitativa apresenta características particulares que permitem a dedução específica sobre um acontecimento.

7.1. Problemática

“Onde estão as pessoas com quem vivi?”; “Porque não me vêm visitar?”; “Triste ser-se velho, porque Deus não se lembra de mim”; “A minha vida deixou de fazer sentido”. Estas e outras frases do géneros são todos os dias proferidas pelos idosos institucionalizados. Será que por si só não justificam toda a necessidade de haver estudos aprofundados que se debrucem sobre a problemática da institucionalização e da influência das relações familiares na decisão de colocar os idosos em lares?

A questão fundamental de investigação é sempre o problema que preocupa ou que faz pensar em descobrir uma forma de o resolver. No trabalho de campo efectuado ao longo

deste projecto, a problemática principal recai sobre os idosos institucionalizados em lar que são pouco visitados pelas suas famílias, que evitam a relação com a instituição e com os seus idosos, apesar dos esforços levados a cabo pela instituição e pelos membros que a compõem. Numa primeira abordagem acredita-se que existiram no passado relações familiares mal definidas, tais como disfunções, conflitos, crises nunca resolvidas, tanto na família de origem como na família de procriação, tendo estas relações contribuído para a colocação dos idosos no lar e o posterior distanciamento destes.

A investigadora exerce funções há cerca de seis anos na instituição onde foi levada a cabo a investigação, sendo portanto a problemática estudada uma constante no seu dia a dia. Ao longo deste tempo sucedem-se um conjunto de ciclos muito curtos, relacionadas com o escalão etário do grupo alvo da investigação: uns idosos vão falecendo, novos idosos são recebidos, mas observa-se que em quase todos os casos existe uma vertente comum: são isolados pela família. No início do internamento ainda ocorrem visitas esporádicas, mas com o passar do tempo os familiares parecem esquecer-se que têm ali um pai, uma mãe, uma tia, chegando mesmo ao ponto de ir ao lar tratar de problemas administrativos e não visitarem, ou mesmo de dar um simples cumprimento, ao seu familiar. Por sua vez, os idosos não esquecem a família e rapidamente começam a ficar tristes, amargurados e com sintomas de depressão. Alguns deles conseguem resignar-se ao seu novo estilo de vida, outros nunca aceitam e esperam ansiosamente por uma visita, por um telefonema, ou por qualquer outro tipo de notícia.

A investigadora, por observação directa e muitas vezes por abordagem directa aos utentes, vai conseguindo fazer com que estes falem sobre os seus sentimentos mas esta tarefa é por vezes difícil uma vez que eles sentem muita solidão e tristeza, e têm uma tendência de se isolar cada vez mais, chegando mesmo ao ponto de perder a sua auto-estima, revelando sintomas de ansiedade e inquietação constantes, aparecendo com passar de tempo demências e atitudes estranhas de rebeldia. Quando os níveis de confiança mútua se estabelecem, começam a desabafar, mas rapidamente desenvolvem uma reacção de protecção, já que sentem que não podem comprometer os seus familiares perante pessoas estranhas, uma vez que alguns deles acabam por ser pessoas influentes na sociedade. As tentativas de aproximação com as famílias são quase sempre infrutíferas, porque estas não querem simplesmente falar, tentando mudar de assunto quando se fala alguma coisa acerca da família. As visitas aos idosos são bastante

rápidas, e não permitem a aproximação dos colaboradores da instituição nem de terceiros.

Numa tentativa de aproximação entre os familiares e os idosos, a instituição organiza festas e convívios com bastante regularidade, sendo sempre convidados os familiares. São raros os casos que aparece alguém. Tudo é incomodativo para os familiares, incluindo a investigadora.

7.2. Participantes

A população é constituída por um total de 25 utentes idosos residentes num lar de uma freguesia do centro da cidade do Porto. Considerou-se institucionalizado todo o idoso que permanece vinte e quatro horas por dia no lar, tendo-o como sua residência fixa. Inicialmente, pretendia-se alargar a investigação também aos familiares, mas não se encontrou a abertura nem a disponibilidade necessárias por parte destes, tendo-se então decidido reduzir a população alvo apenas aos idosos. A amostra é formada por doze elementos, um do sexo masculino e onze do sexo feminino. As idades variam entre os 73 anos e os 100 anos.

Segundo bibliografia consultada, neste grupo, as limitações físicas e psicológicas já se manifestam, como se pode ver em Marchand (2001) que afirma que a tendência da capacidade intelectual para decair começa aos setenta, oitenta, com um declínio ainda mais prenunciado aos noventa. Este facto justifica o tipo de abordagem, baseado na informalidade, conforme explicado adiante na secção 7.4.

Todos os idosos da amostra estão orientados no tempo e no espaço, conseguindo responder a perguntas directas com um grau de raciocínio lógico, sem confusões ao nível do tempo dos acontecimentos, e do local onde se desenrolaram, sendo esta a amostra possível uma vez que toda a população tem uma idade muito avançada. Seguiu-se, portanto, o método da amostragem por conveniência incluindo todos os sujeitos que cumprem as condições e critérios para participar no estudo, ou seja, idoso institucionalizado orientado no tempo e no espaço. Quanto ao estado civil da amostra: um casado, dois divorciados, um solteiro e os restantes são viúvos, sendo este grupo a maioria e constituído unicamente por mulheres. Como refere Campos(1982), nos lares de terceira idade mais de três quartos dos utentes são do sexo feminino devido a sua

maior longevidade, indo de encontro à amostra deste estudo, em que apenas um elemento é do sexo masculino.

As habilitações literárias dos idosos são díspares, sendo um analfabeto, dois sabem ler e escrever, cinco têm entre a 3ª e a 4ª classe, um tem o 9º ano, dois o curso médio e um o curso superior. Quanto às profissões exercidas durante a vida activa: 2 empregado fabris, 2 funcionários administrativos, 2 costureiras, 3 domésticas, 1 comerciante, 1 professora e 1 quirólogo. 4 idosos estão institucionalizados há menos de um ano, 4 entre 1 e 4 anos, e 4 há mais de 4 anos. Antes da institucionalização, 5 idosos viviam sozinhos e 7 acompanhados pelas respectivas famílias. No que diz respeito há periodicidade de visitas, 8 idosos são visitados raramente (1 vez por mês), 1 diariamente, 3 frequentemente (uma vez por semana, no mínimo).

Os restantes idosos não entraram no estudo por vários motivos, uns por recusa e outros por incapacidade mental, cognitiva ou emocional.

Um idoso foi para o lar de livre vontade, mantendo uma relação de proximidade constante com a nora e o filho, deslocando-se a casa destes numa base diária, tendo uma vida muito activa e, segundo ela própria diz, só ter ido para o lar para não ter trabalho em casa, e assim poder ocupar o tempo a fazer coisas de que gosta. Uma idosa recusou a participação, dizendo que não era um livro aberto nem estava para dar expor a sua intimidade. É uma pessoa com uma personalidade muito vincada e sisuda, não sorri, parece sofrer de um sentimento de infelicidade permanente, mas não quis partilhar a sua vida. Esta resistência por parte destes idosos constitui-se na forma encontrada para que não sejam confrontadas com a sua vida pessoal, pois sentiram-se ameaçadas por exporem a sua vida.

Uma das utentes é afásica mas quis dar o seu contributo para a investigação, tendo transcrito a sua história de vida. No entanto, o testemunho escrito da utente acabou por não ir de encontro aos objectivos, não tendo esta focado os pontos fulcrais da entrevista. O seu testemunho fica guardado para que um dia se possa dar um fim digno a uma história de vida, que apesar de sofredora não deixa de ser uma história de amor.

Os restantes idosos não cumpriam os critérios definidos de orientação mental, da percepção e da consciência, não sendo portanto possível estabelecer um diálogo ou uma conversa.

7.3. Material

A técnica de recolha de dados assenta em dois instrumentos principais: uma entrevista semi-directiva, e a observação directa em contexto natural.

A entrevista utilizada foi dividida em duas partes: uma primeira parte com cinco perguntas fechadas relativas a dados de natureza biográfica como sendo sexo, idade, estado civil, escolaridade, e tempo de residência no lar. A segunda parte é constituída por seis perguntas abertas, onde se colocaram questões abrangentes como sendo o pedido para referir os marcos importantes da sua vida, o seu relacionamento com a família ao longo do tempo, a forma como foi para o lar, se por vontade própria ou imposta, se teve a oportunidade de escolha da instituição, a periodicidade de visitas da sua família e o dia a dia no lar. Este tipo de questões permitem uma maior flexibilidade e o revisitar de temas sem haver a necessidade de recolocar exactamente a mesma questão. Por exemplo, depois de uma pergunta totalmente aberta em que se pede para descrever as fases da sua vida e o relacionamento com a família, surgem um conjunto de questões mais periodizadas que convidam a uma maior profundidade na resposta, e a um recalçamento das questões consideradas fulcrais para este estudo.

A entrevista elaborada pela investigadora foi adequada às pessoas em questão, tanto a nível da linguagem como da simplicidade de resposta exigida, tendo como objectivo permitir um total clima à-vontade por parte do entrevistado. A técnica usada é a semi-directiva, uma vez que as perguntas abertas são abrangentes para poder colher o maior leque e profundidade de informação possível, havendo intervenções esporádicas da entrevistadora no sentido de manter a focalização no tema proposto e direccionar o entrevistado para a disponibilização de informação que vai de encontro aos objectivos propostos para este trabalho, indo de encontro à definição de Quivy e Campenhoudt (2003) que classificam este tipo de entrevistas por não serem inteiramente abertas nem encaminhadas por um número preciso de perguntas. Tendo em atenção o grau de instrução e a idade avançada dos intervenientes, acredita-se que este instrumento de recolha de dados é o mais apropriado. A entrevista permite também uma maior flexibilidade para se poder repetir questões e reformular de uma forma mais simples cada pergunta (*vide* Anexo I).

A observação directa em contexto natural decorreu ao longo de um conjunto de tempo alargado, e teve como instrumentos um conjunto de conversas informais e observações de comportamentos e atitudes, tanto por parte do idoso como das famílias. Este contacto foi possível devido ao facto de a investigadora ter uma presença constante e diária junto dos idosos, desde o primeiro dia da sua institucionalização, criando com eles uma relação de empatia e de confiança mútua. Estes instrumentos complementa a entrevista, uma vez que esta, por si só, se pode revelar insuficiente e demasiado superficial. Simultaneamente, leva a que a veracidade dos factos relatados pelos idosos durante a entrevista seja total, uma vez que estão na presença da alguém que já conhece, ainda que não com todos os detalhes, a sua história de vida.

7.4. Procedimentos

As entrevistas foram realizados entre 15 de Janeiro de 2008 e 20 de Maio de 2008. Inicialmente o investigador propôs-se a utilizar como suporte às entrevistas o gravador, mas esta material acabou por se revelar intimidatório para alguns dos entrevistados, constituindo-se como um obstáculo ao normal decurso da conversa. Optou-se assim por recorrer à técnica de anotação das respostas da entrevista para os casos em que se notou o obstáculo imposto pelo gravador. Este método demonstrou-se eficaz nestes casos, uma vez que foi a única forma de conseguir obter do lado do entrevistado, uma maior calma e um ritmo de entrevista mais tranquilo e adequado à pessoa, trazendo no entanto o inconveniente de as pessoas se repetirem mais nas suas respostas, pelo facto de a entrevistadora e a anotadora serem a mesma. Toda esta investigação assenta nos dados recolhidos a partir das entrevistas, tanto nas gravadas (sete entrevistas) como nas baseadas na anotação da narrativa (cinco entrevistas).

As entrevistas registadas em suporte digital, com a devida autorização dos participantes, utilizaram como suporte o gravador o modelo DS-61 da Olympus, sendo posteriormente transferidas para o computador pessoal. As entrevistas transcritas foram elaboradas na momento, de forma a evitar a perda de informação.

Antes de iniciar cada entrevista foi explicado o objectivo do estudo, e a sua finalidade, e as condições de participação nomeadamente garantia de anonimato, sendo pedida a autorização para a colheita de dados. Este pedido de autorização aplica-se também à instituição (*vide* Anexo II). Houve uma conversa informal com cada um dos idosos,

tendo sido referido que o trabalho tinha em vista, não só um estudo meramente académico, mas também uma análise numa perspectiva de os conhecer melhor e de com isso conseguir incorporar na relação diária todos os conhecimentos adquiridos ao longo deste estudo. Foi garantido o anonimato, tanto do idoso como da sua família, sendo dada a garantia que os dados não seriam usados para outros fins, que não a dissertação de mestrado. Apostou-se numa relação emocional, para convencer os idosos a participarem no estudo, afirmando logo desde o início que o objectivo não era julgar ninguém, apenas identificar pontos de possível ajuda, caso eles consentam. Desde logo, houve uma abordagem humanista e sóbria com cada um dos entrevistados, tratando-se cada um de forma individualizada, e como adultos que são, cheios de lembranças e histórias de vida riquíssimas nas suas vivências e saberes, resistindo à tentação típica de infantilização do idoso.

No início da entrevista optou-se por utilizar como motivador um conjunto de conversas abstractas sobre assuntos quotidianos, garantindo assim a disponibilidade do entrevistado para a conversa. Esta componente, utilizando a função fática da linguagem, revelou-se útil na medida em que permitiu abrir o canal de comunicação.

As entrevistas foram realizadas num local sossegado, normalmente uma sala reservada e previamente preparada com duas cadeiras e uma mesa, confortável e com muita luz. Houve uma conversa prévia com todos os funcionários do lar, no sentido de não haver interferências de terceiras pessoas, o que de facto não aconteceu. Dois dos idosos preferiram ser entrevistados dos seus quartos, por se sentirem mais confortáveis e desinibidos, tendo havido anuência imediata por parte do entrevistador. Só foi feita uma entrevista por dia para se poder estar à-vontade, sem pressão de tempo, tanto para o idoso como para o investigador. A demora média para cada uma das entrevistas foi de duas horas.

Partiu-se depois para a entrevista em si, dividida nas duas partes já explicitadas. No final da entrevista voltou-se a utilizar uma componente de cortesia para proceder ao encerramento da sessão.

7.5. Localização do estudo

O estudo realizou-se num lar do centro da cidade do Porto. Foi pedido o consentimento informado às directoras da instituição que prontamente se mostraram receptivas ao estudo, uma vez que para elas a questão também as intriga.

O lar é um local acolhedor, de pequenas dimensões, local afável e com boas condições físicas e humanas. A lotação deste lar é de vinte e cinco camas, com várias salas de convívio com luz directa, um oratório onde muitos idosos fazem as suas rezas, um quintal onde os idosos podem passear mas é muito raro uma vez que eles preferem estar no quarto. Todos os dias tem uma animadora social, dois enfermeiros, nutricionista, médico e professor de educação física, para além dos funcionários ajudantes do lar.

Sendo um lar privado, com fins lucrativos e com mensalidades de valor elevado, a população residente situa-se dentro do nível socio-económico mais favorecido.

O principal objectivo desta instituição é procurar o bem estar dos idosos e das sua famílias garantindo a tranquilidade de ambas as partes. Um outro objectivo do lar é inserir a família nesta comunidade, garantindo maior inter-relação entre os dois lados. Promovem-se encontros, festas, palestras, convidando sempre a família para comparecer.

Apesar da preocupação com o bem estar físico do idoso não existe uma sensibilidade para o bem estar emocional do idoso e respectivas famílias. Não existe serviço de psicologia de apoio aos idosos, e há genericamente uma falta de sensibilidade quanto às questões do foro psicológico.

O estímulo a cada um dos utentes é reduzido, havendo pouca integração na sociedade, nomeadamente no que diz respeito a visitas a fora da instituição, a integração cultural é inexistente (não há saídas para o cinema, teatro, ou outros eventos culturais) e mesmo saídas ao exterior não acontecem com frequência, por falta de acompanhantes.

Existe um horário de visitas que se constitui como um entrave à visita esporádica e espontânea por parte dos familiares ou amigos.

7.6. Observações gerais

Nas entrevistas, quase todas as pessoas se apresentavam nervosas, mas com o passar do tempo as pessoas acabavam por se exprimir livremente, falando das suas vivências sem grandes problemas. A grande dificuldade encontrada referia-se às lacunas de memória de alguns idosos relativos a alguns acontecimentos ou pessoas, prendendo-se este facto com a idade avançada dos entrevistados e com as vivências diferenciadas da época em que eram mais jovens. A título de exemplo, refere-se o facto de que quase nenhum dos entrevistados tem uma memória firme sobre os seus avós.

Numa das entrevistas, a utente começou por falar muito agressivamente, tendo mesmo abandonado a sala. Passado pouco tempo procurou a entrevistadora no mesmo local, tendo pedido desculpas pelo seu comportamento. Segundo ela, cada vez que falava do seu passado lembrava-se de uma vida amargurada e de vergonha mas conseguiu ultrapassar esta fase e respondeu à entrevista. No final da conversa, a idosa transmitiu um sentimento de grande alívio, porque segundo ela nunca tinha contado a vida dela a ninguém e só contou desta vez por conhecer a entrevistadora, e dado que os seus filhos já morreram, não haveria a quebra de uma promessa que em tempo tinha feito aos seus filhos. Esta reacção por parte da idosa foi importante para, em futuras abordagens aos idosos, a entrevistadora ter ainda mais em atenção a componente afectiva, e iniciar a abordagem à entrevista de forma mais indirecta, explicando e sublevando a importância destes estudos, para o seu bem estar pessoal e de outros idosos.

7.7. Técnicas de análise de dados

Após a organização dos dados efectua-se várias leituras da informação recolhida, a fim de estabelecer contacto exaustivo com as narrativas dos sujeitos e conhecer o discurso.

Os dados recolhidos passaram a ser tratados de duas formas distintas. Para os casos que foram mais relevantes e que continham material de interesse realizou-se o estudo de caso individualizado, procurando-se o enquadramento da vida do idoso no contexto da vida real. Segundo Yin (1994), o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre os fenómenos e o contexto não estão claramente definidos. A segunda forma de tratamento de dados baseia-se na análise

multidimensional da informação recolhida depois de tratada pelos métodos da análise de conteúdo, definidos por Bardin (2004).

Numa das dimensões do estudo de caso segue-se a análise em forma de descrição da família definida por Mcgoldirk e Gerson (1985), com especial enfoque na estrutura familiar, ciclo de vida, padrões de repetição, experiências e acontecimentos, padrões de relação na família e equilíbrios e desequilíbrios familiares, sempre numa abordagem multigeracional, com as famílias de origem e procriação.

Na análise multidimensional trata-se a informação de uma forma bastante aprofundada, optando-se por enquadrar a informação numa lógica de categorias, facilitando a organização sintáctica e significativa do conteúdo do discurso. Uma vez encontradas as principais categorias, passa-se à identificação de um conjunto de subdivisões, que permitem organizar o discurso, identificando a sua multiplicidade de sentidos e significações, manifestas e latentes, construindo categorias temáticas que são a base para a análise dos pontos transversais a vários dos entrevistados.

Para se manter o total anonimato da população alvo do estudo, optou-se por substituir os nomes dos participantes, lugares e instituições por um conjunto de nomes fictícios ou descrições que não permitam identificar.

8. ESTUDOS DE CASO

A análise de casos em detalhe permite uma maior percepção qualitativa do conjunto de factores individualizados associados ao comportamento humano, estando estes na génese da explicação de um conjunto de fenómenos e acções desempenhadas pelos indivíduos e sistemas em que eles se inserem (Bardin, 2004).

Neste capítulo opta-se por apresentar quatro casos individuais, que devido à riqueza de elementos encontrados, permitem uma boa percepção das causas que levam à institucionalização e da sua relação com a história psicopatológica das famílias de procriação e de origem. Poder-se-ia complementar o estudo com a análise individualizada dos restantes casos, mas achou-se que tal não traria uma mais-valia efectiva ao presente estudo, já que estes são na sua maioria repetições de factores encontrados também nestes quatro casos analisados individualmente. De qualquer forma, na análise subsequente, por análise conjugada dos resultados das doze entrevistas, serão evidenciados outros aspectos relevantes para este estudo.

8.1. Alcina

A D. Alcina (nome fictício) tem 91 anos de idade, é do sexo feminino, viúva, não andou na escola mas sabe ler e escrever. Está no lar há cinco anos. Teve 2 filhos um rapaz e uma rapariga, a rapariga morreu muito nova. Nasceu em 1917, durante a 1ª guerra mundial, sendo filha de pai desconhecido. A sua vida tem sido marcada por um conjunto de acontecimentos traumáticos, que podem estar na base da sua personalidade marcada pela frieza, sofrimento, amargura e revolta. Citando palavras da idosa rapidamente se pode tentar estabelecer uma relação entre a sua personalidade e a sua experiência de vida: “*A minha vida foi sempre uma tristeza; sofri muito desde pequenina...*”; “*... levei muita porrada dos senhores com quem trabalhava...*”; “*...tive de ir servir porque a minha mãe, não tinha possibilidades de me dar comida e à minha irmã...*”; “*... nunca soubemos o que era ser criança e muito menos brincar, nunca me lembro de um brinquedo...*”.

A morte do marido e a morte prematura dos filhos também lhe provocou muito sofrimento: “*Ainda hoje me sinto angustiada com a morte dela...*”; “*...Dias depois o meu filho morreu mais uma culpa no corpo...*”. Nesta representação parece que há uma

noção de culpa pela morte dos filhos. A culpa reside no facto de que, quando a filha estava doente, a D^a Alcina ter apenas chegado com o seu auxílio quando já não havia nada a fazer. Em relação ao filho, e uma vez que este teve um enfarte após uma conversa com a idosa sobre questões financeiras, a D^a Alcina sente que, não tendo havido essa conversa, o desfecho poderia ter sido diferente.

8.1.1. Estrutura familiar

A análise da estrutura da família sugere uma família disfuncional e pouco estruturada, constituindo-se como pontos marcantes o desconhecimento do pai, e a vida promíscua da mãe, com vários parceiros ocasionais. Pelas palavras recolhidas na entrevista pode-se verificar esta disfuncionalidade: *“Nunca conheci o meu pai...”*; *“...a minha mãe era uma mulher da vida, por isso nunca nos deu grande atenção...”*. Uma das provas da disfuncionalidade é demonstrada pelo facto de a mãe ter estado envolvida em várias relações ocasionais da qual resultaram duas filhas de pais desconhecidos.

Ao crescimento no seio de uma família monoparental, que marcou a disfuncionalidade familiar, junta-se ainda o facto do desconhecimento dos avós *“Os meus avós maternos morreram muito cedo, não os conheci. Se eles estivessem vivos talvez não precisasse de ir servir com seis anos...”*. Pela entrevista conclui-se também que a vivência no seio da família de origem era reduzida (ausência de tios, primos, etc.), uma vez que a idosa não deu ênfase a outros familiares que gravitariam à volta da sua infância.

A família descendente é uma família tradicional, notando-se no entanto sinais de disfuncionalidade ao nível das relações afectivas, com o marido e com os filhos: *“...casei com 17 anos, mas a minha vida não mudou muito: passei muita fome...”*; *“...era muito rigoroso e muito ciumento; eu não podia olhar para o lado...”*; *“Também tenho de reconhecer que também nunca lhes dei muita atenção... Nem tinha tempo para pegar neles ao colo.”*; *“eu nunca lhe dei o devido valor. Nunca falei com ela sobre as coisas da vida, nunca a ouvi, e nunca lhe dei um carinho que fosse. Fiz exactamente o mesmo que a minha mãe me fez a mim.”*.

O marido emigrou para o Brasil e durante 3 anos não deu resposta. *“Esteve lá cerca de 3 anos, só mandou notícias duas ou três vezes, nunca mandou um tostão...”*. Este facto afectou, ainda que transitoriamente, o sistema familiar, levando a um sistema

monoparental temporário, o que pôde ter influência ao nível das tríades dentro da família de procriação.

8.1.2. Relações familiares

As relações familiares, tanto ao nível da família de origem como da de procriação, são marcadas por um conjunto de factores que influenciaram a sua infância e adultez. Desde logo o facto já referido da educação no seio de uma família monoparental, em que o pai é desconhecido. Malpique (1999) aponta a família monoparental como um factor de risco para o desenvolvimento. Pode-se inferir que o sentimento de abandono manifestado pela D^a Alcina é uma consequência da família monoparental em que foi educada. O sentimento de desconfiança que a D^a Alcina tem perante a vida pode prender-se com a ausência (neste caso, desconhecimento) do pai. O pai é a figura familiar que, segundo a mesma autora permite, através da sua acção, a melhor inserção na sociedade. Tudo indica que a ausência deste progenitor influenciou a forma de estar na sociedade da D^a Alcina. Também Cordeiro (1997) e Fonseca (2004) afirma que a ausência do pai cria desorganização da personalidade, o que de facto acontece neste caso, reflectindo-se no isolamento excessivo da D. Alcina: *“Fiquei a morar sozinha na minha casa, não tinha amigos, nem nunca dei confiança aos vizinhos. Nunca gostei de me meter na vida de ninguém por isso não queria que ninguém se metesse na minha vida.”*

Junta-se ao desconhecimento do pai, uma mãe ausente, com laços afectivos fracos, não dando possibilidade a um normal desenvolvimento afectivo familiar, como se pode ver pela frase da entrevista que refere *“Nunca nos deu atenção... a minha, mãe só pensava no trabalho por isso nunca nos deu um carinho que fosse... era uma pessoa amargurada”*. Erikson (1976) refere a importância da presença da mãe no suporte básico às actividades do bebé, permitindo desenvolver os traços de personalidade relacionados com a confiança. Tendo este ponto falhado, pela ausência da mãe, há uma forte influência na forma de estar da D^a Alcina, já demonstrado pela desconfiança que sente em relação aos outros, incluindo o próprio filho: *“...não queria que ninguém se metesse na minha vida...”; “Eu só queria saber das minhas coisas, do meu dinheiro que tinha no banco. Eu tenho direito a saber quanto dinheiro tenho...”*. Isto vai também de encontro ao referido por Sister (1996) que indica que a falta da mãe se manifesta pela não identidade e pelo desencadear de processos de angústia, o que acontece neste caso. Já o facto de o pai ser ausente, e a mãe não o referir e fazer dele um segredo, leva a um

estado de fusão, e a uma não diferenciação, constituindo-se a mãe como um factor patogénico. Isto vai de encontro às teorias freudianas referidas por Figueredo (1985), Freud (1976) e Malpique (1999), fazendo com que haja uma fraca diferenciação do *self*, o que se aplica neste caso ao nível da desconfiança sentida pela família e sociedade em geral e pelo individualismo excessivo que leva ao não estabelecimento de relações afectivas, incluindo-se os próprios filhos, como já foi anteriormente demonstrado.

Como forma de fuga da situação desfavorável da família de origem, a D^a Alcina acaba por se casar cedo, entrando no entanto numa família de procriação também disfuncional. Sofreu maus tratos do marido devido ao ciúme, sendo a relação marcada pelo rigor, intolerância e falta de comunicação: *“Ele era um homem muito respeitoso, mas também era muito rigoroso e muito ciumento; eu não podia olhar para o lado, por isso também sofri muito; não podia usar um pequeno decote ou uma saia mais ousada que ele tratava-me logo mal.”*; *“Depois o meu marido regressou e veio voltar a trabalhar no mesmo sitio onde trabalhava antes. Continuava o mesmo tipo de pessoa, pouco tolerante e de poucas falas; à mesa com os filhos era muito rigoroso...”*. Para além das relações conflituosas do casal, o clima de intolerância e pouca afectividade passa também para os filhos.

Neste caso, a família procriação é caracterizada, segundo Tavares (1995) como sendo rígida, tendo como consequência a fraca identidade familiar de todo o conjunto. Provocou a revolta por parte dos filhos em relação à mãe, como previsto por Tavares (1995), apesar de esta ser também uma vítima da situação, mas devido à sua passividade perante a situação, e não tentativa de mudança acaba por sofrer as consequências do desmembramento da família. Gimeno (2001) refere exactamente este ponto.

Quanto ao ciúme sentido pela marido, apenas se pode conjecturar qual a sua origem, que tem a ver com a sua austeridade e sentimento de posse. Figueiredo (1985) diz que o homem sente humilhação quando a sua mulher é seduzida por outros, pois este facto revela a sua fraqueza. Sendo o marido austero, o sentimento de fraqueza é algo inadmissível, tendo assim este a necessidade de reprimir o tipo de actos geradores de ciúme.

Pela entrevista nota-se também uma falta de atenção da própria D^a Alcina pelos seus filhos desculpando-se com a necessidade de trabalhar; *“...eu aqui matava-me a trabalhar para não faltar o essencial aos meus filhos. Também tenho de reconhecer que*

também nuca lhes dei muita atenção porque trabalhava muito, mas nunca os tirei de casa. Nem tinha tempo para pegar neles ao colo.”. Verifica-se aqui um sentimento de culpa associado a este facto. Há também um padrão de repetição em relação à família de origem. Quando seria esperado que a rudeza e ausência de comunicação dos filhos com o pai obrigasse ao fortalecimento da relação da díade mãe-filho, tal não acontece, levando a uma pouca identificação dos filhos com a própria mãe e a um padrão de identidade familiar baseado no isolamento e individualismo, evidenciado pela saída precoce de casa por parte da filha, logo à primeira oportunidade.

A família, no que diz respeito à sua coesão é desvinculada ao nível mínimo, segundo a classificação de Olson (1985). As triangulações necessárias a uma família funcional não existem, e mesmo as díades são disfuncionais, indo de encontro ao referido por Beavers (1995) que refere este tipo de famílias como centrífugas, em que a principal característica é o isolamento de cada um dos elementos, a recusa do papel de cuidadores por parte dos pais, e o favorecimento da emancipação e saída de casa por parte dos filhos: *“A minha mãe também era um a pessoa amargurada, e só pensava no trabalho, por isso nunca nos deu um carinho que fosse”*; *“Esteve lá (o marido) cerca de 3 anos, só mandou notícias duas ou três vezes, nunca mandou um tostão”*; *“Também tenho de reconhecer que também nuca lhes dei muita atenção...”*; *“...à mesa não se falava, não se podia dar uma palavra...”*; *“...saiu cedo de casa para casar, ainda que contra a minha vontade...”*. Estes acontecimentos são previsíveis pela teorias da transmissão multigeracional, sendo uma consequência da família marcadamente disfuncional, que não contribui para a protecção da integridade pessoal como afirma Gimeno (2001). O individualismo referido por Fleck (1980), a família desvinculada explicada por Olson (1985) e Beavers (1995) e que se aplica ao caso da família em estudo, explicam a aparente fuga como uma consequência esperada para a disfuncionalidade.

Já a família de origem da D^a Alcina tinha os mesmos problemas e as mesmas características, ou seja, família disfuncional, desvinculada ao nível mínimo e centrífuga: *“Com seis anos fui servir para Aveiro, passava o dia a limpar escadas.”*; *“Nunca conheci o meu pai. Fez um filho à minha mãe e desapareceu...”*; *“A minha mãe também era uma mulher da vida, por isso nunca nos deu grande atenção; tenho uma irmã que também não se sabe quem é o pai”*; *“Nunca soubemos o que era ser criança e muito menos brincar; nuca me lembro de um brinquedo”*. É lícito afirmar-se que se está na presença de um processo de transmissão multigeracional que segundo Bowen (1978)

atravessa gerações e permite compreender os problemas de gerações actuais com base nas gerações anteriores. A baixa diferenciação do self era já um problema do passado da D^a Alcina, resultante da sua família de origem, continuando ao longo da sua vida na família de procriação, e sendo geradora de disfuncionalidades não saradas e que levaram ao abandono na sua velhice.

Um acontecimento trágico, a morte da mãe, aumenta o sentimento de culpa da D^a Alcina. Apesar da proximidade geográfica, o apoio no momento da morte da mãe foi sentido pela idosa como insuficiente: “...mandava-lhe a comida pelos meus filhos. Um dia de manhã fui ter com ela e quando a vi ela tinha tido uma queda e estava morta; não sei bem o que teve mas pelo menos nunca saiu de casa dela como era o seu desejo. Ainda hoje me sinto culpada por a ter abandonado ao seu destino.”. Acaba por se concluir que, tendo a relação afectiva na infância sido conturbada, sem identificação emocional, a D^a Alcina pressente que deverá de alguma forma compensar a situação, mas não o conseguindo fazer, entra em sentimentos de remorso e culpa.

A díade mãe-filha nunca foi funcional, e não teve qualquer tipo de restabelecimento de normalidade ou perdão durante toda a vida da mãe. A desgraça inesperada na morte da mãe é disfuncional e gera sentimentos de culpa, indo de encontro à teoria de Pittman (1990). A culpa é uma consequência da situação de isolamento a que a mãe foi sujeita na fase final da sua vida, apesar das desculpas da D. Alcina, e da responsabilização do marido por mais este facto: “...mas o meu marido não gostava muito dela devido à maneira como ela levou a vida...”. Ela acaba no entanto por assumir a sua culpa: “Ainda hoje me sinto culpada por a ter abandonado ao seu destino”. O facto da díade nunca ter funcionado pode ser explicado por Myrian (2001), que aponta que os pais devem ser modelos positivos a seguir pelos filhos. Como a mãe da D^a Alcina vivia uma vida promíscua em relação a homens, nunca se constitui num modelo para a filha.

A morte do marido aos 68 anos acabou por ser um acontecimento encarado com normalidade do ponto de vista emocional, não tendo tido grandes repercussões no domínio afectivo. Isto deve-se à relação conflituosa sempre existente entre o casal. Neste caso, a família restabeleceu naturalmente a relação homeostática, pois os graus de dependência afectiva eram reduzidos, tal como Christie-Seely (1986) refere.

Já a morte da filha ainda jovem, logo após à morte do marido, afectou-a psicologicamente. Ao longo da entrevista há um segredo não revelado sobre a relação da D^a Alcina com a sua filha, e o seu falecimento parece ter provocado na entrevistada um novo sentimento de angústia. A investigadora sabe, através de pequenas conversas informais com outros membros da família, que a saída de casa prematura, por parte da filha da D. Alcina se deve a uma gravidez indesejada, e que não foi aceite pelos pais. Citando uma passagem da entrevista a D^a Alcina afirma “...a minha filha também ficou muito doente, pouco tempo depois do pai morrer; ela era uma pessoa muito fechada e não contava a ninguém que estava doente; ainda tinha os filhos pequenos. Um dia fui a casa dela; ela chorava de dores e levei-a para o hospital e detectaram um cancro na vesícula. Já não saiu de lá viva.”. O segredo não foi referido nem na entrevista nem a outras pessoas da família, tendo sido descoberto pela nora passados alguns anos. Como diz Gimeno (2001), o desmantelar de um segredo e a sua divulgação no seio da família, significa para a díade parental, assumir o seu fracasso como pais, e como tal isso nunca aconteceu com a D^a Alcina. No entanto, a manutenção deste segredo torna-se penoso para a entrevistada, constituindo num aspecto disfuncional grave e que acarreta sentimentos de culpa e desespero. Borine (2008) refere mesmo este aspecto.

Apesar de haver já netos da parte da sua filha, e quando poderia esperar-se um maior apoio da avó em relação a eles, o que de facto se verifica é o abandono dos netos à sua sorte, denotando mais uma vez um padrão de repetição intergeracional, que é o abandono dos infantes por parte dos pais e avós, indo mais uma vez de encontro às teorias transgeracionais referidas por Bowen (1974), Gimeno (2001) e Minuchin (1974).

O segredo referido na relação com a filha é evidenciado numa acusação da nora, com quem mantém uma relação conflituosa, e que se pode ver em “A minha nora dizia que eu era a responsável pela morte da minha filha, dizendo que eu nunca quis saber dela, e por isso os meus netos por parte da minha filha nunca mais falaram comigo nem quiseram saber mais de mim. Mas eu gostava muito dela; ainda hoje sofro muito com a morte dela.”. A relação com os netos aparece também como uma consequência do segredo existente, como se pode ver na citação anterior. Aqui existem vários segredos, não sendo perceptível o problema existente com a nora nem o abandono da avó pelos netos, sendo estes, no entanto, crianças pequenas quando a mãe morreu. A própria explicação da idosa não é muito profunda ficando tudo no ar como um segredo. Neste caso, a regra instituída pela D^a Alcina e pelos próprios filhos é a de não revelação do

passado e da manutenção do mito, indo de encontro ao referido por Tavares (1995), no que refere os papéis dos membros da família. A situação de ruptura com os netos deve-se à incapacidade de manutenção do segredo, o que impede a evolução do sistema familiar, já que este segredo se torna uma prisão. Este mesmo facto é referido por Gameiro (2004).

8.1.3. Relações sociais

Ao nível da família de origem, o facto de este ser de poucos recursos, obrigou a que a D^a Alcina tivesse de trabalhar muito cedo, não dando espaço a uma maior intimidade com a família de origem, e a um processo de maior emaranhamento segundo a definição de Barnhill (1979). Isto levou também a que a D^a Alcina não pudesse ir à escola, não tendo assim um substituto à transmissão e integração sólida a nível sócio-cultural que era insuficiente no seio da família materna.

Citando uma parte da entrevista, é referido que “...*leveí muita porrada dos senhores com quem trabalhava porque eu cansava-me muito e tentava descansar pois eu era uma criança...*” Esta experiência vivida na infância, logo após os seis anos de idade, foi traumática vindo a revelar-se no futuro, o que vai de encontro ao referido por Myers (1993). Como este autor refere, a violência gera sentimentos de desamparo e pode gerar sentimentos tão díspares como o medo, a culpa, a raiva que, não podendo ser manifestados no momento do acto de violência, se transformam em comportamentos distorcidos, perpetuando-se para gerações seguidas, afectando e alterando, muitas vezes, a vida social.

A ausência de vivências adequadas ao desenvolvimento da infância, com disfuncionalidades constantes até à idade adulta, provocou um conjunto de mal-formações da personalidade. De facto, pela teoria psicossocial de Erikson referida por Hall et al (2000), é fácil perceber que nos estádios críticos do desenvolvimento da personalidade, a D^a Alcina nunca teve as condições necessárias para um crescimento saudável e sereno.

O facto de ter passado pela segunda guerra mundial, um período de fortes carências e muita fome, parece também ter provocado fortes contrariedades ao nível da relação com a família, neste caso de procriação. Usando as palavras da entrevistada ela descreve “...*mal casei tive logo os meus filhos. Tive dois e fechei logo as portas. Era tempo de muita*

fome, era tempo de guerra, a segunda guerra Mundial. Tirei muito da minha boca para lhes dar a eles mas nunca os deixei ir servir. Era eu quem costurava todos os dias centenas de fardas para os soldados levarem para a guerra; Todos os dias às seis da manhã ia levar a trouxa de roupa, não dormia em toda a noite.”. Gimeno (2001) refere mesmo o impacto de crises deste tipo nas famílias. O processo de criação de afectividade com os filhos sai prejudicado pela falta de tempo e pelas questões relacionadas com a sobrevivência, não tendo sido possível ultrapassar os primeiro e segundo níveis da pirâmide de Maslow referidas em Maslow (1970), referentes à satisfação das necessidades fisiológicas e de segurança.

8.1.4. Traços da personalidade

Os traços da personalidade da entrevistada são identificados pela análise de conteúdo da entrevista e explicados à luz das teorias de desenvolvimento da personalidade apresentadas na introdução teórica.

Um dos sentimentos recorrentes e que acaba por ser dominante na personalidade da D^a Alcina é a vergonha. O facto de esta ter vergonha pela vida levada pela mãe e por não ter conhecido o pai, leva a que toda a família se veja envolvida num assunto tabu: *“...nunca quis contar isto a ninguém; até sinto vergonha. Prometi ao meu filho nunca contar isto, mas já que é você, e os meus filhos já morreram, estou a contar-lhe, pois até me sinto aliviada. Por isso já está a imaginar a minha vida.”.* Os sentimentos de vergonha, segundo a teoria de Erikson referida por Hall et al (2000) são fruto do 2º estágio de evolução da personalidade, sendo desenvolvidos quando não é transmitida uma ideia clara dos privilégios, obrigações e limitações.

Isolamento e introversão são também traços da sua personalidade. Identifica-se aqui um padrão de repetição, que passou por todas as mulheres das gerações em análise. Citando a entrevistada, *“A minha mãe morava perto de mim... ela também era uma pessoa muito fechada, era como eu.”;* *“...ela (a filha) era uma pessoa muito fechada e não contava a ninguém que estava doente”;* *“Eu gostava de viver sozinha com as minhas lembranças. Gosto de estar no meu canto...”.* Hall et al (2000) explicam que este traço é desenvolvido na 6ª idade, explicando que quando o ego não é suficientemente seguro, a pessoa irá preferir o isolamento à união. Percebe-se neste caso que o ego é frágil e inseguro, e por isso a preferência pelo isolamento.

A culpa, como um traço marcante da personalidade, é notória no sentimento demonstrado pela morte da mãe e morte dos dois filhos. Esta culpa é um traço marcante ao longo da vida, podendo ter sido desenvolvido no estágio da 3ª idade, segundo a teoria de Erikson. Na idade em que a D^a Alcina passava por esta fase, foi notória a falta de estímulo necessário para apoiar as iniciativas. Aliás, o que acabou por acontecer foi mesmo um abandono à sua sorte e posteriormente ao mundo do trabalho, com repressão e com violência por parte dos patrões.

Na última fase do desenvolvimento psicossocial de Erikson, que é o actualmente atravessado pela D^a Alcina, a conclusão a que se chega é que o traço marcante da personalidade é o desespero. Este desespero, acompanhado de sentimentos de sofrimento, amargura e angústia, é o resultado de toda uma vida de disfuncionalidades, controvérsias e conflitos, e culminaram na decisão de institucionalização da D^a Alcina por parte dos familiares: “*Fiz exactamente o mesmo que a minha mãe me fez a mim...*”; “*Hoje ainda me sinto angustiada com a morte dela. Deveria ter percebido antes que ela estava doente...*”; “*A minha nora dizia que eu era a responsável pela morte da minha filha, dizendo que eu nunca quis saber dela, e por isso os meus netos por parte da minha filha nunca mais falaram comigo nem quiseram saber mais de mim.*”; “*Os meus netos não vêm cá pois acham que eu fui culpada pela morte dos pais*”.

8.1.5. Comportamento na entrevista

Na primeira abordagem para a entrevista, a D^a Alcina mostrou-se indisponível, tendo tido uma reacção agressiva e de repulsa face à exposição da sua vida, referindo que a sua vida era uma tristeza, e que não tinha qualquer interesse em divulgá-la, abandonando o local de realização da entrevista.

Passadas duas horas regressou, dando a explicação da sua repulsa, e mostrando-se disponível para a entrevista, uma vez que a promessa de segredo face à vida passada feita aos filhos deixava de fazer sentido uma vez que estes haviam já falecido.

Ao longo da entrevista a D^a Alcina falou sempre com dureza e com um sentimento de amargura face à vida e muitas vezes referiu-se de forma de crítica aos modos de vida actuais, referindo por exemplo o desperdício, poupança, preguiça, etc.. Os bens materiais foram sempre referidos ao longo da entrevista, notando-se que estes tomavam uma posição prioritária em relação à componente afectiva.

Relativamente à morte da filha, e ao acompanhamento dos netos nos tempos seguintes, a D^a Alcina fez *suspense* na resposta e acabou por responder evasivamente relativamente ao facto de não assumir a educação / tratamento dos netos.

8.2. Amândio

Nasceu em 1929 no seio de uma família de muitas posses. Os pais tiveram sempre uma postura rígida e pouco afectiva em relação aos filhos, sendo a relação baseada na subserviência e não no afecto. Casou-se e teve oito filhos. O casamento acaba após a traição e abandono da esposa, tendo esta abalado para o Brasil com os filhos menores.

8.2.1. Estrutura familiar

A sua família de origem é marcada por ser uma família tradicional, burguesa, tendo uma dimensão reduzida. Para além do Sr. Amândio, a família nuclear é constituída pelos progenitores e por uma irmã, não havendo referências a um espectro mais alargado, por exemplo tios ou primos.

A família nuclear de procriação é extensa, com oito filhos, e apresentou sintomas de disfuncionalidade ao longo do tempo, tendo mesmo culminado numa separação, e numa descontinuidade de contacto com os descendentes. A marcação da disfuncionalidade da família levou à completa perda e desorganização do sistema familiar, tal como indicado por Minuchin (1990).

8.2.2. Relações familiares

A família de origem é marcada pela dureza de carácter do pai e pela incapacidade da mãe se sobrepôr à sua rudeza. Este tipo de família provocou mal-estar nos filhos, como o próprio Sr. Amândio refere: *“O meu pai era um homem rude, a minha mãe também não era melhor, por isso já pode imaginar a minha vida de criança...”*; *“Ele sempre me tratou mal, a mim e à minha irmã. Fazia connosco o que fazia com as empregadas dele da fábrica. Por isso, no trabalho não era melhor. Trabalhava com o meu pai mas estava farto...”*. A afirmação do Sr. Amândio, em que se queixa da família indica a falta do sentimento de pertença que permita uma ligação entre os membros da família, i.e., a satisfação das necessidades fusionais. Isto vai de encontro a Sampaio e Gameiro (2004).

A família rígida vai de encontro ao referido por Tavares (1995). Mantêm-se as regras sem possibilidade de alteração, ao longos dos tempos, sem olhar à mudança da estrutura familiar. A autoridade neste caso é exercida pelo pai, sendo a mãe submissa. Trata-se de uma família aglutinada onde não é permitida a existência de um espaço que desenvolva a individualidade de cada membro, tratando-se então de uma família disfuncional na medida em que não delimita claramente os laços afectivos da individualidade, não permitindo que cada membro desenvolva as suas capacidades, confirmando Minuchin e Fishman (2003). Esta rigidez e aglutinação são claramente visíveis na entrevista: “*Ele sempre me tratou mal, a mim e à minha irmã...*”; “*O meu pai era um homem rude, a minha mãe também não era melhor, por isso já pode imaginar a minha vida de criança...*”; “*Trabalhava com o meu pai mas estava farto, estava à espera de uma oportunidade melhor para sair daquele trabalho e ir governar a vida*”; “*O meu pai queria a todo o custo que eu fosse trabalhar com ele numa fábrica de confecções que ele tinha.*”

Uma vez que as díades mãe-filho e pai-filho eram disfuncionais, houve uma procura de triangulação com a irmã, tendo-se aqui estabelecido uma relação de cumplicidade e confiança: “*O que valia era a minha irmã, porque éramos muito amigos e protegíamo-nos um ao outro. Contávamos tudo um ao outro*”. Esta triangulação esperada vai de encontro a Gimeno (2001) sendo a díade fraternal uma das mais normais quando há conflitos com os pais, ou rigidez e disfuncionalidade imposta pelo sistema parental. Segundo o mesmo autor, esta díade é também recorrente devido à aproximação das idades e ao facto de os irmãos partilharem um conjunto de funções, desempenhando o mesmo papel no seio da família. Entre ambos fortaleceram assim os laços afectivos, e sentimentos de pertença e uma maior cumplicidade e compreensão. Poder-se-á também inferir sobre a irmã como substituta da mãe no complexo edipiano não resolvido, tal como afirma Figueiredo (1985), Freud (1976) e Malpique (1999).

Aos vinte e três anos acabou por se casar e resultaram desse casamento oito filhos. Segundo palavras do entrevistado: “*Namorei e com 23 anos casei...*”; “*A minha esposa era brasileira. Nós éramos muito devotos e andávamos numa igreja, fazíamos parte dela*”; “*Nasceram os nossos oito filhos e cresceram, também com essa educação...*”. Nota-se aqui um apego à vida espiritual, e uma educação ao filhos dentro de uma regra. Há uma preocupação por parte do Sr. Amândio em instituir um equilíbrio no seio da sua família, que consegue através da religião e da aplicação das regras morais da igreja

cristã na educação dos filhos. Minuchin (1990) aponta a importância da definição de regras no sentido de se conseguir a harmonia familiar.

Esta harmonia só parece ter sido afectada com uma crise familiar estrutural, que culminou na separação, após um acontecimento da “traição” por parte da esposa com o padre. Refere o Sr. Amândio na entrevista: “*Quem nos dava o curso era um padre bastante novo, com o passar do tempo vim a descobrir que a minha mulher tinha um caso com ele, já há muitos anos. Nem sei sequer se os meus filhos são realmente meus.*”. Este acontecimento levou a uma crise familiar, estando esta associada ao desenvolvimento (Pittman, 1990). Segundo Gimeno (2001) são crises previsíveis e incluem mudanças na estrutura familiar, o que de facto aconteceu. A separação é o resultado da humilhação sentida quando a mulher que lhe pertence é seduzida por outro, explicando-se este facto pelas teorias que referem o ciúme (Figueiredo, 1985).

A esposa vai para o Brasil com os cinco filhos menores, sendo este ponto referido na entrevista: “*...a minha esposa pegou nos cinco filhos mais novos e foram todos para o Brasil.*”. Passa então a haver uma ausência de contacto com os filhos, por rejeição do Sr. Amândio. A família de procriação fica totalmente desintegrada, passando a constituir-se duas famílias monoparentais, a do Sr. Amândio e a da sua esposa. Minuchin (1990) aponta o equilíbrio homeostático, que neste caso é completamente posto em causa pois o papel de pai foi alterado e entrou em conflito directo com o outro membro da família, neste caso a mãe.

Este acontecimento gerou mudança, contribuindo para o total desmembramento e afastamento da família, indo de encontro ao referido por Gimeno (2001). A partir daqui, os modos de vida mudam completamente, e aquilo que era uma família à procura da libertação espiritual deixou de existir. Para tal pode também ter contribuído também o facto de a traição ser com um padre, que era o portador das regras que o Sr. Amândio queria inculcar na família: “*Na altura fiquei mesmo mal. Traído, e logo com um padre.*”.

Após o desmembramento familiar, o Sr. Amândio procura consolo e substituição da esposa através de bens materiais e vida mundana (mulheres, carros e relógios). Contrariou todas as regras impostas pela religião que até então seguia e usava como modelo para os filhos, talvez pelo facto de o amante da mulher ser padre. Citando uma passagem da entrevista percebe-se rapidamente este facto: “*Não quis saber mais de uma*

mulher só e comecei a coleccionar mulheres, automóveis e relógios". Esta substituição dos afectos pela componente económica vai de encontro a Pimentel (2005).

O descontrolo vivido faz com que um novo acontecimento trágico se verifique. As empresas do pai, administradas pelo Sr. Amândio, acabam por falir. O pai sempre o obrigou a trabalhar com ele, coisa que ele nunca gostou no entanto também nunca saiu da empresa até que, ela foi à falência. Refere o entrevistado: "*Mais tarde quis entrar de sócio na empresa dele, mas depressa a fábrica do meu pai foi à falência*"; "*O meu pai perdeu tudo, penso que muita da culpa foi minha. Eu nunca tive jeito para trabalhar, mas o meu pai obrigou-me...*". Esta desgraça inesperada cria um sentimento de auto-culpabilização, de acordo com a teoria de Pittman (1990).

Logo após a falência da empresa, o pai acaba por morrer: "*O meu pai ficou sem nada e com o desgosto morreu logo de seguida...*", havendo em seguida uma aproximação com a mãe "*...a relação com a minha mãe já era melhor; já nos entendíamos melhor, já não entrávamos tanto em conflito...*"; "*Enquanto o meu pai era vivo, a minha só lhe podia ligar a ele, e esquecia-se dos filhos...*". Por um lado há o sentimento de culpa associado à morte do pai, e por outro um regresso à infância, e uma aproximação da mãe. Pode-se falar aqui do complexo de Édipo, que foi reprimido na infância devido à rigidez do pai. Neste preciso momento, após a morte do pai, é então retomado o sentimento escondido de desejo pela mãe. Ficou no entanto a faltar uma das partes da resolução deste complexo, que é o perdão e o reencontro com o pai. Estes factos vão todos de encontro às teorias freudianas referidas por Malpique (1998).

Entretanto procura uma nova profissão, associada às arte do culto "A Bruxaria". Quando o Sr. Amândio se viu perdido no mundo arranjou uma forma de vida em que tinha como principal objectivo fazer mal às pessoas e tentar ganhar dinheiro de uma forma simples. Citando as suas palavras: "*...dediquei-me mais que nunca à bruxaria e à lida das mãos*"; "*...enchi-me de dinheiro... fiz grande fortuna*"; "*...fiz muito mal. Por isso é que eu estou aqui agora e neste sofrimento*". Nota-se que ele estava revoltado com a sua própria pessoa e com tudo o que o rodeava. De facto, indo de encontro à teoria de Erikson apontada por Hall et al (2000), no estágio da definição de Intimidade vs Isolamento, após a fuga da esposa, o Sr. Amândio opta pelo isolamento, e pela vingança, transpondo para a sociedade em geral os problemas que ocorreram consigo no

passado. Isto indica uma baixa diferenciação do self, com incapacidade de distinguir o racional do emocional, tal como refere Bowen (1978).

Pode-se ver concretamente que os acontecimentos familiares alteraram o curso da família. Neste caso, e indo de encontro a Gimeno (2001), os acontecimentos familiares parecem influenciar em grande parte a forma de estar e o ciclo da vida, sendo pontos fulcrais que podem alterar completamente o curso de uma vida de uma determinada família. Estes acontecimentos dolorosos são geradores de mudança, contribuindo neste caso a um desmembramento e seu afastamento.

Os contactos com os filhos passaram a ser cada vez mais esporádicos, pois estes teriam vergonha da profissão do pai: *“Os meus filhos por vezes visitavam-me mas tinham vergonha da minha profissão.”*. Este desinteresse pelos filhos aponta para uma família totalmente desagregada que segundo Minuchin e Fishman (2003) faz com que estas famílias tenham um individualismo excessivo, não permitindo qualquer tipo de afectividade, afastando assim o conjunto familiar, tanto por parte dos pais como por parte dos filhos. Este ponto é fulcral pois está na origem da decisão de institucionalização por parte dos filhos, o que parece ser confirmado pelas poucas visitas que eles fazem actualmente ao pai: *“Os meus filhos têm a família deles, vêm cá poucas vezes...”*.

Após um problema de saúde grave (um tumor cerebral) e tendo em conta todo o passado familiar, o Sr. Amândio acaba por ser institucionalizado no lar. Pelas palavras dele, entra agora dentro de um tempo de reflexão, tendo ele a consciência que se deve tornar mais humano, e abandonar o narcisismo e a petulância, e estes factos são referidos por Gimeno (2001). Parece também notório o sentimento de arrependimento e auto-culpabilização do Sr. Amândio, chegando mesmo a assumir a culpa da separação da mulher e do abandono desta pelos filhos. Pelas palavras dele, quase no final da entrevista reconhece-se o estado de desespero previsto pela teoria psicossocial de Erikson: *“...porque sei que não fui um grande pai, pelo menos a partir em que a mãe deles nos deixou, a mim e a eles. Porque se ela na altura me procurava e me explicava o que se tinha passado, eu tinha-lhe perdoado, e talvez a minha vida fosse diferente.”*.

8.2.3. Relações sociais

A importância da vida em sociedade reflectiu-se, no caso do Sr. Amândio, numa aquisição de cultura acima da média. O facto de ter estudado até ao 7º ano do Liceu deu-lhe uma bagagem cultural e de vida em sociedade que não conseguiria adquirir apenas no seio da família, tendo nalguns casos a sociedade sido o pilar de triangulação para quando a família apresentou a sua disfuncionalidade. Neste caso, indo de encontro ao referido por Rosa e Lapointe (2002), o meio conseguiu moldar a personalidade do indivíduo, sobrepondo-se a limitações familiares e constituindo-se num pilar importante para a formação do eu.

8.2.4. Traços da personalidade

Ao longo da sua vida, e apesar de um conjunto de disfuncionalidades, o Sr. Amândio conseguiu desenvolver um conjunto de traços da personalidade que hoje o caracterizam e que ele próprio reconhece em si próprio. Dado que ao longo de toda a sua vida sofreu influências da família, mas também do meio social, tendo estudado durante vários anos, até ao 7º ano do Liceu, alguns dos traços da sua personalidade são compensados por este facto, indo além das relações familiares.

Um ponto que parece marcar a sua personalidade é o sentimento de culpa. Aqui vincam-se os pontos em que, na 3ª idade de Erikson referida por Hall et al (2000), a repressão do pai pode induzir na criança um sentimento de culpa por tudo o que acontece de negativo. Este sentimento acompanhou o Sr. Amândio ao longo da vida, em diferentes situações: no abandono da mulher, na falência do pai, na morte do pai e no abandono dos filhos.

O isolamento a que está votada a personalidade é uma característica desenvolvida após a separação da mulher. Neste caso, ele encontra em toda a sociedade um prolongamento de tudo o que de mal aconteceu no seu seio familiar, recusando-se assim a entrar em relações de intimidade. Este tipo de personalidade leva-o a desrespeitar os outros, incluindo a sua própria família descendente, levando a um isolamento e à consequência da institucionalização: *“Não quis saber mais de uma mulher só e comecei a coleccionar mulheres, automóveis e relógios.”*; *“Os outros filhos nunca mais soube deles, também nunca me procuraram pois dinheiro era o que eu tinha de sobra. Mas também nunca fui*

ao Brasil à procura deles.”; “...sei que não fui um grande pai, pelo menos a partir em que a mãe deles nos deixou”; “Gosto de estar sozinho no meu quarto. Tem de estar sempre escuro, não gosto da luz...”; “Estou a pagar o que fiz de mal a muitas pessoas”.

8.2.5. Comportamento na entrevista

Ao longo da entrevista, o Sr. Amândio mostrou-se sempre frio e distante dos acontecimentos narrados. Fez questão que a entrevista decorresse no seu quarto, seguindo as suas regras, conduzindo os temas de acordo com o seu interesse, não se desviando do caminho que ele próprio delineou.

Ao falar da vida com a sua mulher, antes da traição, notou-se um tom de voz doce e suave, percebendo-se um sentimento de saudade e felicidade aparente. Com o avançar da conversa, e na fase pós separação, notou-se uma mudança de discurso, endurecendo as palavras, demonstrando desprezo pela sociedade, notando-se o assumir de uma postura fria e calculista.

8.3. Gorete

A D. Gorete nasceu em 1920, sendo originária de um meio rural em que imperavam as graves dificuldades económicas. Devido a este facto, trabalhou desde muito nova, saindo de casa dos pais com tenra idade. Casou-se muito cedo, tendo estado envolvida num conjunto de disfuncionalidades que envolviam violência doméstica e alcoolismo, e que se veio a transformar numa história de abandono dos filhos pelos pais, e posteriormente no abandono da mãe pelos filhos e respectiva institucionalização.

8.3.1. Estrutura familiar

A família de origem da D. Gorete é uma família tradicional, com um núcleo completo constituído por pai, mãe e dois irmãos mais novos. A família de procriação é também tradicional, mas com a morte do marido muito cedo transforma-se numa família monoparental disfuncional.

8.3.2. Relações familiares

A família de origem da D. Gorete é marcada pela disfuncionalidade ao nível da confusão de papéis. Como ela própria refere, o desleixo dos pais por não a terem obrigado a estudar era um sintoma desta disfuncionalidade: *“Olhe não estudei por preguiça. Não quis, nunca me apeteceu. O meu pai também nunca quis saber porque se fosse outro eu não tinha querer. Mesmo a minha mãe também não ligava nada, só queria era beber.”*. Nota-se a inexistência de regras familiares, que se reflectem num completo desequilíbrio do sistema familiar, como apontado por Tavares (1995). O pai neste caso é uma pessoa que não assume o seu papel de educador e a mãe envolve-se no alcoolismo. Myrian (2001) diz que os pais devem ser pessoas confiáveis, que mostrem modelos de identificação positivos, que favoreçam na criança um sentimento de competência, acontecendo neste caso precisamente o contrário.

A família de origem é assim caracterizada por ser desagregada ao nível mínimo, que leva a um individualismo excessivo, que se reflecte na postura perante os problemas e vivências em sociedade, tal como refere Minuchin e Fishman (2003). Esta mesma categorização, por Olson (1985) coloca a família de origem da D. Gorete como a que menos coesão tem, não havendo quaisquer laços afectivos que se sobreponham aos sentimentos individuais.

Aos catorze anos, a D. Gorete decide sair de casa e ir morar para o Porto, indo servir para uma casa: *“Tinha 14 anos e não gostava da vida do campo, então vim ter com umas primas que moravam no Porto. Também já estava farta de aturar a minha mãe, que andava sempre com os copos. O meu pai nem ligada a nada.”*, refere ela na entrevista, notando-se aqui uma negação da sua origem geografia e da sua família da origem. Esta negação da família é natural, pois nunca a D. Gorete encontrou na sua família um espaço de protecção da sua integridade pessoal (Gimeno, 2001). Analisando também a família do ponto de vista da disfuncionalidade segundo Barnhill (1979) rapidamente se conclui que toda a caracterização da família aponta para a disfuncionalidade. Está-se perante uma família em que impera o isolamento, a excessiva flexibilidade, a desorganização, a confusão, a indefinição ou falta de aceitação dos papéis de progenitores, e uma má estrutura dos papéis: *“Eu é que tinha de tomar conta dos meus irmãos, e eu era apenas uma criança...”*. Esta disfuncionalidade leva à fuga como forma de lidar com a crise familiar (Pittman, 1990).

Todas estas disfuncionalidades tiveram um efeito drástico na formação da personalidade da D. Gorete, tornando-a numa pessoa com dificuldades na difereciação do *self*, pouco autónoma e sem capacidades de iniciativa. Esta mesma personalidade veio a reflectir-se na forma como decide aceitar um casamento, mais por interesse do que por afecto: “*Ele prometeu-me que se eu fosse para Mondim casava comigo e não precisava de servir mais na casa de ninguém. E assim foi, namorei e depois casei.*”. Nota-se aqui um assumir da inferioridade e uma intimidade forçada, que só trará problemas já que uma identidade mal definida irá ser anulada e ameaçada numa fase de união, como afirma Hall et al (2000). A cedência começa logo pela aceitação de ir morar de novo para o local de onde tinha saído por opção, algum tempo antes.

Após o casamento, e uma permanência de algum tempo da sua terra natal, nascem quatro filhos do casal. Numa identidade mal resolvida, a D. Gorete convence o marido a mudarem-se para o Porto, por não gostar de Mondim: “*Então, consegui convencer o meu marido a vir viver para o Porto. Fomos os dois trabalhar nas descargas de bacalhau em Leixões.*”. Esta mudança na família provocou disfunções ao nível do marido, passando este a embrenhar-se no álcool, na preguiça e a dar maus-tratos à família: “*Mas com o passar do tempo o meu marido começou a beber e eu comecei a ter um trabalho de escrava, pois ele foi despedido, passava o dia a preguiçar na tasca, e eu tinha de tomar conta dos nossos filhos e de trabalhar para todos*”. Este factor levou a mudanças funcionais, estruturais às quais a família não teve capacidade de se adaptar (Gimeno, 2001). Associaram-se-lhe imediatamente os factores de natureza económica, pois o facto de a família passar a depender apenas dos rendimentos do trabalho da D. Gorete levantou questões sérias na sobrevivência da família. Mais uma vez, esta carência económica vai reflectir-se na forma como a família se comporta como um todo: há uma menor envolvência afectiva, confirmando Gimeno (2001).

O alcoolismo do marido acabou por se transformar num constrangimento sério ao regular desenvolvimento da família, como refere a entrevistada: “*...o meu marido começou a beber e eu comecei a ter trabalho de escrava, pois ele foi despedido e eu tinha de tomar conta dos filhos...*”. A instabilidade da díade conjugal gerou nos filhos sentimentos de revolta, levando a que estes procurassem entre si a confiança e libertação da pressão gerada, confirmando Relvas (2003). O subsistema fraternal sai fortalecido, como refere Gimeno (2001): “*...eles lá tomavam conta uns dos outros, que eles entendiam-se muito bem, e ainda hoje são muito unidos...*”. Note-se no entanto que

com esta disfunção a família entra em ruptura completa. A complementaridade entre pai e mãe, abordada por Sister (1996) deixa de existir, fazendo com que o bem estar psíquico dos filhos seja posto em causa. Se numa fase inicial a mãe poderia ser o pilar afectivo e emocional da família em ruptura, tal veio a ser completamente impossível quando, a D. Gorete não aguentando a pressão, entra também no mundo do álcool, e deixa toda a família órfã de pai e mãe. Como referido em Civitas (2003), nenhuma das partes (pai e mãe) são prescindíveis para o crescimento dos filhos. Neste caso, falharam as duas: “...os filhos levaram muito má vida por causa do pai, ele batia-lhes muito. Eu levava e calava, mas os filhos mal puderam saíram todos de casa.”; “Na altura em que ele me batia muito eu também comecei a beber e os meus filhos ficaram traumatizados.”

A família deixou assim de ser o espaço de protecção da integridade pessoal dos filhos, vindo mesmo a transformar-se no carrasco do desenvolvimento psíquico de todo um conjunto de infantes. As consequências foram a saída prematura de casa por parte dos filhos, como forma de fuga à instabilidade familiar: “...mal puderam saíram todos de casa.”. Esta família não teve a capacidade de se reestruturar à volta de uma crise, não sendo capaz de se transformar num espaço de apoio a todos os seus elementos (Gameiro, 2001). As trocas intergeracionais, sugeridas por Fernandes (2001), são neste caso trocas culturais que sugerem desleixo, desarticulação e alcoolismo por parte de duas gerações consecutivas, em que nenhum dos membros assumiu o papel de pilar psicológico da família.

O marido acaba por morrer aos 31 anos de idade, sendo esta morte sentida como um alívio por parte da entrevistada. Se o casamento, como referido, foi meramente instrumental, parece que a morte acabou por ser o alívio para um instrumento ineficaz. A afectividade nunca existiu, e as características de uma família saudável, referidas por Barnhill (1979) e Fleck (1980), também nunca estiveram presentes, o que justifica por si só o total desmembramento.

O total abandono a que foi votada pelos filhos, com a sua precipitada saída de casa logo que conseguiram manter a sua autonomia económica, são os sintomas de uma família com fraco nível de coesão, e centrífuga, segundo a definição de Beavers (1995).

Numa análise intergeracional são por demais as evidências existentes entre as várias gerações. A família de origem da D. Gorete era marcada por um pai omissivo e uma mãe alcoólica. A família de procriação veio a ter exactamente os mesmos problemas. A filha mais velha da D. Gorete, que saiu de casa cedo procurando um casamento ainda jovem, teve também um casamento mal sucedido, sendo vítima de maus-tratos. Todas estas coincidências são explicadas pelas teorias transgeracionais apontadas por Sampaio e Gameiro (1998). O processo de diferenciação do *self*, neste caso fraco, atravessou as várias gerações, sendo uma constante em vários elementos da família, indo de encontro ao defendido por Bowen (1978).

Apontando as características de uma família saudável defendidas por Whitaker (1981) rapidamente se conclui que a família da D. Gorete, quer a de origem, quer a de procriação, não possui nenhuma das características típicas de uma família saudável, o que explica os comportamentos das gerações sucessivas e o isolamento a que a D. Gorete é votada na sua velhice e consequente institucionalização no lar. Após uma doença, cirurgia e hospitalização nenhum dos filhos aceitou a mãe em casa: “A assistência social falou com as minhas filhas para tomarem conta de mim mas elas disseram que não podiam...a solução era de me colocar num lar...”. A D. Gorete pensa que os filhos tinham as condições necessárias para tomar conta dela, já que até economicamente a situação é desfavorável, pelos valores dispendidos por cada um deles. “Eu sei que as minhas filhas dão cinquenta contos cada uma para eu estar aqui. Com esse dinheiro eu arranjava alguém que me ajudasse em casa...”; “Eu sei que não fui boa mãe mas fui eu que os pari e os sustentei. Dei tudo de mim quando eles eram pequenos, agora eles têm o dever de olhar por mim.”. O isolamento é confirmado pela quase inexistência de visitas: “A minha filha mais velha vem cá poucas vezes, e é sempre a correr”; “...do resto, não vem mais ninguém.”.

8.3.3. Relações sociais

Traçando a perspectiva da integração social da D. Gorete e respectiva família rapidamente se conclui que a sociedade não foi um pilar que pudesse substituir as disfuncionalidades a que a família estava votada. De facto, a decisão de não estudar e o isolamento da sociedade ao longo de toda a vida constituíram-se como entraves a uma maior abertura e correcção de pontos negativos da família. O alcoolismo contribuiu ainda mais para uma rejeição social, agudizando um problema já de si evidente. Na

óptica do sistema familiar definido por Christie-Seely (1986), e na capacidade de interacção com o meio, o facto do isolamento cria ainda mais dependências ao nível da capacidade da auto-regulação da família.

8.3.4. Traços da personalidade

Parecem por demais evidentes os traços da personalidade da D. Gorete: uma pessoa cuja vida se baseia na desconfiança de si própria e dos outros, baseada na vergonha de quem é e das suas origens, com fortes sentimentos de inferioridade reflectidos na forma como se auto-vítima e acusa os outros de todas as desgraças ocorridas: “...fui eu que os pari e os sustentei. Dei tudo de mim quando eles eram pequenos, agora eles têm o dever de olhar por mim...”; “Não quis, nunca me apeteceu. O meu pai também nunca quis saber porque se fosse outro eu não tinha querereres”; “Comecei a ter um trabalho de escrava, pois ele foi despedido.”; “Na altura em que ele me batia muito eu também comecei a beber...”. A D. Gorete acabou por desenvolver uma identidade confusa que é visível pelo facto de andar sempre indecisa, por exemplo, entre gostar ou não do campo, querer ou não querer casar, entrar no mundo do álcool e culpar o marido por isso.. A sua vida na velhice é caracterizada pelo desespero perante a morte, com fortes sentimentos de culpa perante as decisões da vida passada. Todos estes traços são os esperados para quem teve as lacunas familiares expostas anteriormente, indo completamente de encontro à teoria de Erikson (Hall et al, 2000).

Como prova dos remorsos sentidos diz a frase proferida no decorrer da entrevista: “*Não fui grande mãe porque eu nunca deveria ter começado a beber, pois assim os meus filhos não tinham ninguém em quem se apoiar. Hoje sinto remorsos da vida que dei aos meus filhos, mas não posso voltar atrás e nem agora eu lhes posso cobrar o amor, pois isso eles não têm para me dar.*”.

8.3.5. Comportamento na entrevista

Ao longo da entrevista o sentimento mais patente por parte da D. Gorete acabou por ser a amargura que sente perante a vida e a tristeza com que conta a sua história. Vê na morte a solução para todos os males e na institucionalização o castigo justo para quem não cumpriu com as suas obrigações.

Mostrou sempre um comportamento agressivo e rude para a entrevistadora, com respostas curtas e sem valor sentimental, tentando culpabilizar a época em que viveu, a pobreza e o marido por todos os males que lhe aconteceram.

8.4. Anunciação

A D. Anunciação (nome fictício) tem 83 anos de idade, é do sexo feminino e viúva. Fez a 2ª classe na escola. Está no lar há um ano. Após a data de nascimento em 1925, viveu a sua infância no Brasil. Os pais eram emigrantes, pessoas ricas que de repente faliram. Com muitas dívidas tiveram de voltar a Portugal e recomeçar tudo de novo mas não conseguiram “dar a volta por cima”. O pai ao longo do tempo tornou-se alcoólico e a mãe, sozinha, trabalhava para sustentar a casa. A sua vida foi marcada pelo trabalho que teve de fazer desde muito nova. O seu irmão começou com o vício do jogo constituindo-se este num grande desgosto para a família. Mais tarde casou com um marido que não lhe deu vida fácil. Para além de a trair, morreu cedo de acidente de aviação, deixando-a com três filhos ainda pequenos, entre os 9 e os 18 anos, para criar.

8.4.1. Estrutura familiar

A família ascendente é do tipo tradicional, com todo o núcleo bem constituído, sendo no entanto de número reduzido no que diz respeito aos seus elementos, sendo constituída pelos pais, a D. Anunciação e dois irmãos mais novos.

Também a família de procriação é tradicional, tendo um número de elementos considerável no que diz respeito aos filhos, que neste caso são quatro: três do sexo feminino e um do sexo masculino.

8.4.2. Relações familiares

A família de origem da D. Anunciação é marcada pela disfuncionalidade imposta pelo pai que perante situação económica adversa se entregou ao alcoolismo. Esta é uma referência ao longo da entrevista da D. Anunciação: *“No Brasil o meu pai trabalhava no café; eram pessoas muito endinheiradas mas quando ele deixou de dar, o meu pai veio para Portugal. Pelo o que eu percebi na altura ele ficou com muitas dívidas e não conseguiu pagar...”*; *“...o meu pai começou a ter o vício do álcool e tornou-se um*

malandro, mas a minha mãe trabalhava muito e ajudou o meu irmão do meio a tirar um curso comercial...”.

Este acontecimento adverso, relacionado com a falência e dificuldade económica, obrigou a família a reestruturar-se. Não só houve a necessidade de mudança geográfica, como também uma nova necessidade a nível do trabalho e da vida dos filhos, que embora pequenos, passam a olhar para o passado como um assunto proibido e causador de grande sofrimento, como se sente na frase da entrevistada que refere “...ficou com muitas dívidas e não conseguiu pagar, mas nunca percebi muito bem a história, pois quando se abordava o tema toda a gente chorava e ficava muito triste.”. Gimeno (2001) refere mesmo que numa situação de crise a família pode destabilizar-se, e surge a necessidade de mudanças e reestruturações, que foi o que aconteceu neste caso. Também Hoffman (1994) referido em Sampaio e Gameiro (2004) aponta as crises como factores que alteram o ciclo de vida das famílias, e que são capazes de obrigar a restabelecimento de funcionamento da família. Neste caso, com a vinda do Brasil, o pai teve de trabalhar como sapateiro, e não tendo a capacidade plena de adaptação à nova vida acaba por entrar dentro de um mundo de alcoolismo, o que contribui ainda mais para o desequilíbrio da família.

Com a entrada no mundo do álcool, e a demissão do seu papel de pai, gera-se uma instabilidade das díades conjugais, que compromete o sucesso da família como um todo. Os filhos passam a ser o triângulo da mãe, tal como previsto por Relvas (2003): “*O meu pai começou a ter o vício do álcool e tornou-se um malandro*”. No entanto, o papel de pai foi fortemente afectado, passando os filhos a não ter a estabilidade necessária ao nível do progenitores. Este estado de contra-modelo em que o pai se transforma, contribui também negativamente para a formação da identidade dos filhos, pois a definição de regras passa a não ser clara, e deixa de haver um modelo a seguir: “*O meu pai, com o vinho, e com o desgosto do meu irmão, foi como se tivesse morrido, ninguém contava com ele para nada.*”, confirmando Balancho (2005), Myrian (2001) e Malpique (1998). Como refere Malpique (1998), o pai contribui activamente para a formação da psique dos filhos, sendo uma figura incontornável no que se refere à influência da capacidade de inserção em sociedade. Esta é uma das características que acompanha a D. Anúnciação ao longo de toda a vida, i.e., incapacidade de um relacionamento saudável com a sociedade no seu todo.

Um dos factores ao nível social considerado traumático para o funcionamento de toda a família é também o facto de o irmão mais novo ter enveredado por uma vida de vício, ao nível do jogo. Malpique (1998) aponta o pai como o homem que desempenha a função de educar uma criança, transmitindo disciplina, conhecimentos e educação. Com o alcoolismo do pai, esta função foi afectada, constituindo-se num factor que poderá ter contribuído para a disfuncionalidade do irmão da D. Anunciação. Neste caso, o irmão enveredou por um comportamento desviante, que poderá ter sido fruto desta adversidade. Esta ausência de pai parece ter levado a que a D. Anunciação passasse a ter uma vida triste, amargurada e com maior propensão para sintomas depressivos, o que é confirmado por Chouhy (2005).

A partir da fase disfuncional do pai, a mãe passou a constituir-se como o pilar da família, tendo no entanto uma função de resolução da crise familiar instalada. A prioridade máxima passou a satisfação das necessidades humanas básicas definidas pela pirâmide de Maslow (1970), ficando para segundo plano as necessidades sociais, que incluem toda a componente afectiva: “...mas a minha mãe trabalhava muito e ajudou o meu irmão do meio a tirar um curso comercial.”; “Não tínhamos tempo sequer para ir ao jardim passear, nem para ir às festas.”. Passou também a ser prioritária a resolução do problema do irmão da D. Anunciação que entrou no mundo do jogo. Isto gerou na família um sentimento de ainda maior instabilidade, e de crise familiar, sendo este o sintoma mais evidente da disfuncionalidade e desorganização do sistema familiar, tal como indica Minuchin (1990).

Mais tarde, a D. Anunciação acaba por se casar tendo quatro filhos (3 raparigas e 1 rapaz). O casamento foi marcado pela disfuncionalidade imposta pelo marido, pelo facto de este praticar o adultério, sendo no entanto esta “traição” consentida e mantida em segredo em relação aos filhos. “Mas não tive grande sorte com ele. Ele gostava muito de mulheres: era um bom pai, mantinha a ordem lá em casa. O único mal dele era andar com mulheres e isso fazia-me sofrer muito, mas sempre calada; mas ele nunca me deixou.”, são as palavras proferidas pela D. Anunciação para explicar a sua sorte. Este tipo de situação, em que há um tabu que não pode ser discutido espontaneamente pela família, leva à manutenção de uma estrutura familiar débil, que não entrando em ruptura se torna disfuncional, tal como Minuchin (1990) clarifica: “O meu marido era um homem rude e de poucas falas. Nunca tivemos oportunidade de falar sobre a nossa vida privada. Quando tocava no assunto, ele levantava-se da mesa e saía de casa.”. A

manutenção deste assunto tabu é uma repetição do que se passou já com o problema da situação financeira da sua família de origem, em que este assunto não era permitido à discussão aberta, pela angústia que causava. Lieberman (1979) diz que este tipo de situações são transmitidas de pais para filhos, ao longo de gerações, e que estes padrões disfuncionais resultam da necessidade de perpetuar o passado ao longo das várias gerações.

Segundo Whitaker (1981) a família saudável deve resolver os seus problemas através do diálogo aberto e franco, o que nunca existiu nesta família, como se pode perceber a partir das palavras referidas anteriormente sobre o facto de ele abandonar a discussão dos problemas conjugais. Este sintoma acabou por se transmitir aos filhos, em que a resolução de problemas se constituiu também num problema, como se nota mais à frente pelo facto de a institucionalização da idosa não ser um assunto discutido abertamente.

A instabilidade na díade conjugal limitou a forma como os filhos da D. Anunciação perceberam as regras familiares e a afectividade. Juntou-se-lhe o facto de a preocupação com o futuro ao nível dos estudos e profissão se sobreporem a toda a componente afectiva e sentimental. Como a própria D. Anunciação refere, o futuro dos filhos foi o factor primordial e objectivo de vida após a morte do marido: “...*fiquei com os meus filhos trabalhei muito para que eles estudassem, todos eles tiraram o curso superior...*”; “*Bem sei que não tinha grande tempo para lhes dar mimos, mas tinha de ganhar o dinheiro para eles estudarem, e não terem de passar o que eu passei...*”. Numa família em que a componente emocional é colocada em segundo plano, rapidamente surge necessidade de autodeterminação, e uma pouca identificação com o conceito de família. A autonomia prematura, o isolamento, e a recusa do papel de cuidador, sentimentos mostrados pelos filhos da D. Anunciação, são a confirmação desta teoria, que confirma o postulado de Beavers (1995), confirmando a família como centrífuga.

A falta de atenção pelos filhos, em que a componente emocional é colocada em segundo plano, acaba por se estabelecer como um padrão de repetição em relação à geração anterior, indo de encontro à perspectiva multigeracional de Bowen, nomeadamente no processo de transmissão multigeracional. Nota-se aqui a projecção familiar e a diferenciação do *self* como padrões que se repetem entre a D. Anunciação e a sua mãe.

Toda disfuncionalidade emocional fazem com que a família de procriação da D. Anunciação seja pouco coesa, segundo a perspectiva de Olson (1985), podendo ser caracterizada como desvinculada: *“Eles sempre foram muito independentes, estudaram todos fora.”*; *“Eu senti que era um incómodo para os meus filhos, e que era um estorvo, pois se dinheiro não lhes falta e aqui até pagam mais, só mesmo por não gostarem de mim é que me punham aqui”*; *“Ninguém imagina o que é sentir não ser amada, e isto aconteceu duas vezes na minha vida, primeiro com o meu marido e agora com os meus filhos.”*. Este sintoma tem como desfecho a institucionalização da D. Anunciação do lar, por decisão dos filhos. Apesar de esta se sentir injustiçada como se nota pelas palavras *“...os meus filhos não me levam a casa deles nem sequer nas festas. Não percebo porquê, penso ter sido uma boa mãe...”* e *“...quando elas cá vêm eu digo-lhes para me levarem mas elas dizem que não podem tomar conta de mim.”*, a repulsa pelo papel de cuidadores dos filhos seria já prevista por várias das teorias referidas ao longo deste trabalho, destacando-se Beavers (1995) e Whitaker (1981).

8.4.3. Traços da personalidade

A vida de peripécias e de disfuncionalidades familiares foi uma constante ao longo da família da D. Anunciação, tendo marcado fortemente a sua personalidade. Antes de mais, pode-se caracterizar a sua personalidade como estando envolvida em fortes sentimentos de tristeza, amargura e angústia, sentimentos negativos perante uma vida cheia de desilusões e de objectivos fracassados: *“Ninguém imagina o que é sentir não ser amada”*; *“É um final de vida muito triste”*; *“Preferia estar com os meus filhos, pois eu fiz muito sacrifício por eles e não merecia este fim.”*.

Outros dos traços marcantes da personalidade da D. Anunciação é o isolamento a que ela se vota actualmente e sempre se votou ao longo da sua vida, inclusive ao nível da sociedade. Este sentimento de isolamento foi agudizado pelo casamento falhado, na altura em que a partilha de intimidade com o cônjuge mais influencia o carácter e personalidade de uma pessoa, segundo Hall et al (2000): *“Não gosto de me juntar com aquelas pessoas. Gosto de estar em silêncio, nem a televisão gosto de ver.”*.

A culpa é também uma característica da personalidade da D. Anunciação. Não havendo uma noção clara da relação do desenvolvimento deste traço com a sua infância, há pelo menos a indicação da instabilidade emocional do pai, que poderá ter estado na génese

do desenvolvimento deste tipo de característica da personalidade. Ela vem a manifestar-se no facto de a D. Anunciação se vir a sentir culpada pela falta de disponibilidade para acompanhar os filhos do ponto de vista afectivo: “*Bem sei que não tinha grande tempo para lhes dar mimos, mas tinha de ganhar o dinheiro para eles estudarem, e não terem de passar o que eu passei, mas parece que eles não percebem isso, e eu às vezes sinto-me culpada.*”. Também este traço pode ser justificado pela teoria de Erikson apontada em Hall et al (2000).

8.4.4. Comportamento na entrevista

A abordagem à D. Anunciação foi muito difícil porque não queria contar a vida dela, já que a considera triste e extremamente angustiante, entrando sempre em depressão de cada vez que tem de falar sobre o seu passado. Ao longo da entrevista notou-se este desconforto, na sua linguagem trémula como se estivesse quase a chorar.

Outra coisa que se notou foi a abertura gradual do seu discurso ao longo da entrevista, numa perspectiva de cada vez maior abertura sentimental. Isto foi sentido nas contradições em que foi caindo do início para o fim da entrevista. Por exemplo, no início da entrevista dizia que os pais se davam bem mas com o decorrer da entrevista deixa escapar que o pai era um malfeitor e que gastava todo o dinheiro que a mãe ganhava no vício do álcool.

Em tudo o que dizia notava-se que o fazia com algum esforço. Nota-se que é uma pessoa emocionalmente instável e apresentava-se muito nervosa.

9. HISTÓRIAS DE VIDA

As histórias de vida apresentadas se seguida de forma resumida referem-se ao conjunto de entrevistados para os quais não foram efectuados estudos de caso detalhados, evidenciados no capítulo anterior. Apresentam-se nesta secção como forma de contextualização para a restante parte do trabalho, servindo acima de tudo enquadrar as conclusões retiradas da análise multidimensional apresentada no capítulo 10.

9.1. Laurinda

A D. Laurinda (nome fictício) tem 88 anos de idade é do sexo feminino, é solteira, foi professora primária e dona de um colégio. Está no lar há 2 anos. Foi para o lar por viver sozinha; teve um acidente em que fracturou a anca e foi hospitalizada. Após a alta foi para o lar. Esteve noutra lar antes deste mas foi mal tratada. Tem visitas dos seus antigos colegas e amigos e de uns parentes que ela considerava como filhos. Passa o dia a ver televisão, a ajudar ,e colabora nos trabalhos com a animadora sócio-cultural.

Foi uma pessoa que decidiu sair da sua terra para estudar, deixando de visitar a família parental com regularidade, estabelecendo-se este ponto como um corte com a família de origem. Depois de terminar o curso foi trabalhar para o Porto onde conheceu uma colega com quem viveu.

A D. Laurinda é proveniente de uma família tradicional, própria das aldeias do interior, com quem manteve poucos laços afectivos, tal como referiu na entrevista. Sem descendentes, substitui a família de origem por uma família adoptiva transferindo para essa família todos os sentimentos familiares. Dedicou a sua vida a dar aulas às crianças, tornando-se directora e dona de um colégio. Segundo ela, teve a vida que escolheu, não sentindo ressentimentos de não ser visitada pela família de consanguinidade uma vez que ela própria se afastou dela.

O momento em que a sua amiga próxima faleceu foi doloroso para a entrevistada, referindo ela que foi esta a única fase em que realmente sentiu a falta de alguém. Segundo a entrevistada “*ela preenchia toda a sua família*”, constituindo-se como a sua alma gémea.

Mais tarde doou as suas coisas ao filho da sua amiga, que também considerava seu, mas este, mal pôde, colocou-a num lar. Daí a revolta sentida pela D. Laurinda, ficando a partir deste ponto inconsolável e desprotegida, segundo as suas próprias palavras.

Comportamento na entrevista

A D. Laurinda apresentou-se como uma pessoa de poucas palavras, sempre muito superficial na resposta às questões colocadas ou tentando a ironia como forma de evasão às perguntas colocadas. A cada pergunta o seu olhar fugia para o horizonte. Quando se abordada sobre questões a nível sentimental, ela simplesmente calava-se e não deixava sair qualquer expressão reveladora de sentimentos.

Apresentou uma desculpa sobre o facto de deixar de visitar a sua família em Lamego, apontando esta o facto de ser uma pessoa da cidade e nunca ter gostado do local onde nasceu. Nesta fase, deixou transparecer desconforto e nervosismo.

O nervosismo foi uma constante ao longo da entrevista. Antes de responder a qualquer questão a D. Laurinda reflectia durante largos períodos, como forma de preparar a resposta conveniente à situação.

9.2. Carolina

A D. Carolina (nome fictício) tem 83 anos de idade, é do sexo feminino e viúva. Fez a 3ª classe na escola. Está no lar há cinco anos. Durante a sua vida trabalhou numa clínica de ecografias. Teve 1 filho que só durou 3 dias. Foi para o lar porque ficou doente e as sobrinhas decidiram coloca-la lá. Nunca aceitou a sua ida para o lar e passa o dia a pedir a Deus a sua morte. É visitada pelas suas sobrinhas mais ou menos uma vez por semana. Passa o dia a olhar pela janela, vai passear e ajuda nos trabalhos na hora das refeições.

A sua vida tem sido marcada por ter tido muitos irmãos que morreram muito cedo, por a mãe se ter suicidado por um desgosto e pela depressão proveniente de tantos acontecimentos negativos. O pai também morreu muito cedo com um enfarte. Engravidou em solteira, um tabu para a altura na qual fez um aborto, do qual, segundo ela sente muito desgosto. Quando casou teve um filho que só durou umas horas, segundo ela um castigo de Deus e nunca mais conseguiu engravidar. Ainda hoje sente vergonha do que fez. Com o desgosto, o marido arranjou uma amante da qual teve um

filho. A D. Carolina associou a deslealdade do marido a um castigo por aquilo que ela fez em solteira, não valorizando assim a infidelidade. Teve uma vida muito conturbada de acontecimentos, principalmente por causa da amante do marido. Foi uma mulher muito mal tratada pelo marido mas no entanto nunca lamentou ter-se casado com ele, até pelo contrário. Segundo a entrevistada ele foi um homem muito bom porque a levou a conhecer o mundo inteiro.

Refere ainda a D. Carolina que nunca se arrependeu das agressões cometidas contra a amante do marido, mas também nunca conseguiu perdoar ao marido a sua infidelidade apesar de nunca o deixar. Aponta esta que o facto de depender dele financeiramente para viver fazia com que tivesse de aguentar tal vergonha.

Foi sempre uma pessoa que nunca deu grande atenção à família, exigindo no entanto das suas sobrinhas todo o apoio. Teve várias pessoas a viver com ela, mas nunca conseguiu arranjar ninguém que ficasse com ela, pois segundo a D. Carolina todas as empregadas a roubavam, ou de alguma forma a prejudicavam. Quando ficou doente e com necessidade de cuidados, colocaram-na no lar.

Comportamento na entrevista

Na primeira abordagem para a entrevista, a D. Carolina disponibilizou-se tendo uma atitude muito positiva, dizendo logo que tinha sido muito feliz, que o marido nunca lhe faltou com nada e que foi muito amigo dela, pois levou-a a conhecer o mundo inteiro. Ela contava os acontecimentos com lágrimas nos olhos como se sentisse falta daquele tempo, dizendo ao mesmo tempo que sofria maus-tratos do marido mas que ele era muito amigo dela, e que só queria morrer para ir ao encontro dele, o que indica da idealização de um passado conjugal que não existiu, sendo contraditório o sentimento de saudade, apesar dos maus-tratos.

Notava-se um sentimento de raiva quando falava da amante do marido, mas ao mesmo tempo entendia que a amante deu ao marido aquilo que ela não conseguiu dar, i.e., um filho. Ao longo da entrevista D. Carolina falou sempre com dureza e com um sentimento de amargura face à vida, tendo a percepção que Deus a castigou pelos pecados que fez na vida.

9.3. Palmira

A D. Palmira (nome fictício) tem 74 anos de idade, é do sexo feminino e é viúva. Fez a 2ª classe na escola. Está no lar há 2 anos. Trabalhou desde criança em muitas coisas quando casou ficou a tomar conta de uma mercearia. Casou 3 vezes e ficou viúva 3 vezes, e teve uma filha de um dos casamentos. Veio para o lar depois de ter sofrido um acidente vascular cerebral que a deixou incapaz de realizar as suas actividades de vida, tendo necessidade de apoio de terceiros. Nunca aceitou a sua ida para o lar porque achava que a sua filha tomava conta dela. Nunca visitou nenhum lar antes de vir para o actual. É visitada pela sua filha e netos, uma vez por semana (ao domingo). No seu dia-a-dia faz a sua higiene sozinha, vai passear e colabora com as actividades do lar.

Nasceu numa aldeia perto de Viseu. Foi criada pela mãe porque o pai se encontrava ausente a trabalhar no Alentejo a sua infância foi marcada pela pobreza, pelo trabalho infantil e pelos maus tratos. Quando regressou era um pai rude e ausente de afectos, provocando que, à primeira oportunidade, ela e uma irmã fugissem da família de origem, precipitando-se este evento pelo acontecimento trágico que foi a morte da mãe, pilar importante da sua vida, referido na entrevista. A sua vida tem sido marcada pelos seus vários casamentos, de curta duração devido à morte dos maridos, e com grandes problemas afectivos e muitas vezes violência. Num dos casamentos teve uma filha à qual dedicou a sua vida. Mais tarde a filha casou.

A relação com o genro tornou-se muito difícil afectando a relação mãe-filha, levando a que a D. Palmira tenha desenvolvido uma personalidade marcada pela tristeza e amargura, principalmente pelo facto de não poder estar junto da sua filha e dos seus netos. Segundo ela, foi o genro o principal responsável pela sua institucionalização, mas no entanto ela estabeleceu com a sua filha um tabu, acerca da sua ida para o lar, pois não quer que a sua filha se sinta responsável de alguma forma pelo seu internamento.

Comportamento na entrevista

Notou-se ao longo da entrevista uma forte preocupação com a componente económica, devido à pobreza da infância. Sacrificou as relações afectivas face às económicas. Não demonstrou sentimentos de tristeza ou apego em relação à morte dos maridos, tendo até demonstrado ironia pelo facto de ter enviuvado por três vezes. As relações conflituosas

foram uma constante com as várias famílias colaterais dos seus maridos, devido ao oportunismo financeiro demonstrado pela D. Palmira.

Sente uma grande tristeza de não poder estar em casa com a filha e os seus netos pois ainda acha que lhe poderia ser muito útil. É uma pessoa muito ansiosa, atrapalha-se a falar pois fala com um sentimento de raiva principalmente quando fala do genro.

9.4. Clara

A D. Clara (nome fictício) nasceu em 1921, tendo à data do estudo 87 anos de idade. É do sexo feminino e o seu estado civil é viúva. Fez o nono ano de escolaridade. Está no lar há 2 anos. Dedicou a sua vida aos trabalhos de casa e ao seu marido. Nunca conseguiu ter filhos. Foi para o lar depois de ter sofrido um desgosto muito grande, a perda do marido, recusando-se a comer e a viver. A sobrinha resolveu colocá-la no lar. Nunca pensou em ir para um lar visto que tinha condições económicas para ficar em casa. Nunca visitou nenhum lar antes do actual, mas a sobrinha andou a procurar vários lares antes de se decidir. É visitada pela sua sobrinha a quem passou um procuração com todos os poderes. Passa o seu dia a conversar, vai passear e colabora com as actividades do lar.

A D. Clara é a filha mais nova de uma família tradicional de classe média alta, apesar de haver suspeitas de ligações extra conjugais por parte do pai. A entrevistada é uma pessoa culta, estudiosa. Foi vítima de acontecimentos desgostosos por parte consciente dos pais e inconsciente ou latente do irmão (pela morte trágica do gémeo). Teve uma relação fria com a mãe, que tinha uma vida conturbada e insatisfeita. Segundo a entrevistada tinha um temperamento difícil, incomodando-se com tudo.

Segundo ela foi uma pessoa feliz porque teve o amor incondicional de um irmão apesar de este se ter quebrado com o casamento dele. Procurou uma compensação deste amor no casamento com o marido, tendo-o conseguido, apesar do desgosto de não terem tido filhos. Com a morte do marido e a doença grave do irmão, sentiu-se só, e quis por termo à sua vida porque ela já não fazia sentido.

Devido às condições precárias psicológicas com ameaças de por termo à vida a sobrinha resolveu levar a idosa para o lar e esta como forma de agradecimento fez-lhe uma

procuração com todos os poderes, levando assim a um corte de relação com os restantes familiares.

Comportamento na entrevista

Na entrevista, a D. Clara mostrou-se uma pessoa tranquila que, apesar de estar só, se sente bem. Apesar da sobrinha não ter sido aquilo que ela esperava, não lhe guarda rancor, mostrando apenas interesse em visitar as suas coisas para matar saudades.

Pelo discurso ao longo da entrevista, e pela emotividade demonstrada, notou-se ser apegada às recordações. Mostrou ser muito sociável, e apesar da sua idade avançada, demonstrou positividade face à vida.

9.5. Isabel

A D. Isabel (nome fictício) tem 73 anos de idade, é do sexo feminino e viúva. Fez a 3ª classe. Está no lar há cerca de um ano. Inicialmente, trabalhou numa fábrica de conservas e mais tarde numa agência funerária. Veio para o lar depois de ter sofrido um acidente por atropelamento que a deixou numa cama inválida, tendo sido encaminhada para o lar depois da alta médica, visto necessitar de cuidados que a família não foi capaz de assegurar. Nunca pensou em ir para um lar visto que tinha condições físicas para viver sozinha, e queria morrer em sua casa. Nunca visitou nenhum lar anteriormente à sua institucionalização. É visitada pelos filhos mas muito raramente, porque eles não têm condições financeiras para poderem deslocar-se para visitar a mãe. Passa o seu dia a sofrer de dores e de solidão.

Nasceu numa aldeia do concelho da Maia tendo a sua infância sido marcada por uma família disfuncional, marcada pela separação dos pais logo em tenra idade. Cresceu no seio de uma família “composta”, com a avó e a tia, tendo sido vítima de maus-tratos por parte da tia. A sua infância é marcada pela miséria e sofrimento. Teve um irmão que ela criou havendo uma forte relação de amizade com ele, por compensação da ausência de mãe, mas com o passar do tempo procurou o isolamento.

A entrevistada casou-se e teve filhos mas com morte repentina do marido em 1980 a situação económica tornou-se difícil.

Sobre a situação dos filhos refere a infelicidade das filhas, devido ao maridos que lhes dão maus-tratos. O filho ficou cego num acidente de uma pedreira, mas é apoiado pela família. Demonstrou um sentimento de impotência por não poder ajudar os filhos. Mais tarde sofre um acidente por atropelamento que despoleta a institucionalização, após internamento prolongado no hospital; não tendo outra solução a assistente social recorreu a um lar.

Transportou ao longo da sua infância um segredo que mais tarde se veio a revelar: sofreu maus tratos em segredo, para não magoar o pai. Esta situação repete-se com as filhas, que sofrem maus tratos dos maridos sem nada fazerem para corrigir a situação.

Comportamento na entrevista

Ao longo da entrevista a D^a Isabel demonstrou sempre amargura pela vida passada, mas ao mesmo acomodação à situação.

9.6. Miquelina

A D. Miquelina (nome fictício) tem 96 anos de idade, é do sexo feminino, divorciada e viúva do segundo relacionamento. Não foi à escola mas sabe ler e escrever. Está no lar há 2 anos. Trabalhou com os pais num armazém de frutas e mais tarde tomou conta da herança do marido. Teve 2 filhas do primeiro casamento e um rapaz e uma rapariga do segundo casamento. Foi para o lar porque a filha com quem estava ficou doente e não podia tomar conta dela, uma vez que também já estava acamada. Nunca aceitou a sua institucionalização. Nunca visitou nenhum lar antes do actual. É visitada diariamente pela sua filha; os outros filhos não a visitam porque vivem muito longe. Passa o dia na cama a ver televisão.

Nasceu numa freguesia urbana do Porto no seio de uma família abastada, de origem tradicional. Teve uma infância feliz segundo a entrevistada. Não foi para a escola mas sabia ler e escrever tendo exercido a sua actividade profissional na área da distribuição de frutas. Teve quatro filhos, dois do primeiro casamento do qual se divorciou e mais dois de outro relacionamento. O divórcio, segundo a D. Miquelina, não foi bem aceite pela sociedade e muito menos pelos pais mas com o passar do tempo os pais aceitaram e perdoaram. No segundo relacionamento, os futuros sogros eram contra o casamento levando a que a relação tenha resultado numa união de facto, contra a vontade dos

sogros. Como os filhos tinham uma idade próxima uns dos outros nunca souberam que os pais não eram casados e muito menos que só eram meios irmãos, tendo este segredo sido mantido durante muitos anos até que à revelação por parte de uma irmã.

Quando ficou viúva ficou a morar sozinha, mas visitava os filhos que estavam longe e ajudou-os a todos a nível financeiro. Mais tarde ficou doente e foi morar para casa da filha que morava mais próximo. Tendo a filha adoecido, e estando a entrevistada já acamada, houve a necessidade de colocar a D. Miquelina no lar visto que os irmãos também não se encontraram disponíveis para ficar com a mãe.

A D. Miquelina acabou por adquirir comportamentos de isolamento, padecendo de solidão acabando por se deprimir com facilidade, demonstrando ela sentimentos tais como arrependimento sobre a decisão de partilha de bens e arrependimento sobre a decisão de escolha de um filho para viver.

Comportamento na entrevista

A D. Miquelina narrou toda a história da sua vida sem demonstrar emoções, sendo fria, mesmo na narração de pontos considerados traumáticos como a decisão da institucionalização. Falou com amargura sobre a filha que a institucionalizou, apesar de compreender os seus motivos.

9.7. Lucília

A D. Lucília (nome fictício) nasceu em 1917, tem 91 anos de idade e é do sexo feminino. É casada. Tirou o curso comercial e foi trabalhar para uma empresa de filmes. Depois de casar teve 3 filhos: 2 rapazes e uma rapariga, e para se dedicar à família deixou de trabalhar fora de casa. Está neste lar há 2 anos. Foi para o lar porque teve um acidente e fracturou uma perna. Como não havia disponibilidade, dos seus filhos e marido, para tomarem conta dela, foi para um lar em Lisboa, mas mais tarde, para estar perto da filha veio para um lar no Porto. Não queria ir para o lar, porque não sente como se fosse a sua casa. Tem visitas quase diárias de duas netas e semanalmente da filha. Muito raramente do marido e dos outros filhos porque estão fora do país. Passa o dia na sala de convívio, no seu silêncio.

Do que se lembra da infância diz ter uns pais bastante distantes das filhas ao ponto de ela não se lembrar de emoções ou carinhos entre eles, nem qualquer sentimento de amor entre os pais, apesar de se lembrar de ter tido boa educação com bons princípios, e bons momentos de brincadeira com a irmã. Casou, foi morar para outra cidade, e depois emigrou para Moçambique e Angola onde teve uma vida com muita solidão, pois o marido trabalhava muito e passava muito tempo fora de casa sendo ela a responsável pela educação dos filhos, tendo mesmo deixado de trabalhar para tratar deles. Após finalização dos cursos superiores, os filhos abandonam a casa dos pais, na procura da sua independência. Um acidente leva à sua institucionalização em lar, apesar da sua juventude e autonomia, por recusa do marido e dos filhos em tomar conta da D. Lucília. Mais tarde veio para o lar para o Porto para estar mais próxima de uma filha, mas quem a visita são as netas de quem gosta muito.

Comportamento na entrevista

O sentimento de solidão foi o tema dominante ao longo de toda a entrevista. Mostrou uma posição superior em relação às amarguras da vida, descrevendo-as com nostalgia, mas sem se deixar dominar emocionalmente por elas. Nota-se uma alegria de viver e um cuidado extremo com a sua aparência e imagem transmitida para as outras pessoas.

Fica feliz com a visita regular das suas netas que a levam a passear e a lanchar.

9.8. Isabelinha

A D. Isabelinha (nome fictício), com 100 anos de idade, é do sexo feminino, sendo viúva. Fez o 6º ano de escolaridade. Teve um filho que morreu quando era bebé e uma filha a quem dedicou a sua vida. Foi para o lar para dar mais liberdade à sua filha, porque esta também se tinha reformado. Não queria ser institucionalizada, mas não teve outra alternativa. Tem visitas quase diárias da sua filha. Ao domingo vai sempre almoçar com ela. Passa o dia na sala de convívio a ver televisão , e a fazer croché.

Nasceu no seio de uma família tradicional da região centro do país, com cinco filhos. Estudou até à 6ª classe. Definiu-se como “namoradeira”, e amiga da liberdade, tendo fugido de casa do pais à procura dessa liberdade. A família de origem é tradicional e a de procriação reduzida. Teve pouco relacionamento com a família de origem desde a sua fuga porque emigrou para o Brasil (três anos), sozinha. Depois casou, teve um filho

que morreu pequeno e depois teve uma filha. Quando a filha casou sentiu novamente a tristeza de ficar só, por isso resolveu voltar a emigrar com o marido para Moçambique. Nesse país, o marido faleceu num acidente, e ela voltou e ficou a morar com a filha, e segundo a entrevistada ajudou a criar os netos. A D. Isabelinha refere que foi sempre uma pessoa autoritária, alegre, divertida, activa e participativa. Segundo ela veio para o lar para libertação da filha, para ela ter uma maior liberdade, visto a sua filha se ter reformado e necessitar de mais tempo disponível para se divertir.

Comportamento na entrevista

Mostrou-se pronta para responder a todas as questões colocadas, mas sempre superficialmente. Após 100 anos de vida, recorda com emoção e tristeza a perda dos seus entes queridos, principalmente o filho bebé e o marido.

Mostra no entanto muita alegria e felicidade pela sua longevidade.

10. ANÁLISE DIMENSIONAL

A análise dimensional permite inferir sobre as relações entre a caracterização psicopatológica da família e da personalidade dos indivíduos com o facto da institucionalização.

Para chegar à caracterização das famílias de cada uma das pessoas entrevistadas optou-se por recorrer à análise de conteúdo segundo Bardin (2004), tendo-se identificado um conjunto de dimensões ou categorizações de análise: caracterização familiar, classificação familiar segundo Barnhill (1979), classificação familiar segundo Fleck (1980), caracterização da família segundo a proximidade e existência de crises familiares condicionantes da família. Um outro aspecto dimensional utilizado é a classificação dos traços de personalidade, segundo a “Teoria de Erikson” apontada por Hall et al (2000).

Para cada um dos entrevistados optou-se por fazer uma distinção clara entre a categorização da família de origem e da família de procriação, sendo assim possível analisar os factores intergeracionais que se repetem ao longo das várias gerações bem como identificar os aspectos disfuncionais e em que geração eles se fazem sentir.

Não foi possível conseguir, através da análise de conteúdo uma classificação clara para todas as dimensões para cada um dos entrevistados, pelo que alguns dos totais dimensionais, por dimensão não correspondem ao número total de entrevistados que é de doze.

10.1. Caracterização familiar

Para a caracterização da família optou-se definir um conjunto de dimensões de análise relacionadas com este tópico, de acordo com as teorias apresentadas. Para além da identificação da estrutura familiar caracteriza-se a família quanto ao aspecto biológico e ao vínculo familiar, utilizando para tal as classificações de Gimeno (2001). Caracteriza-se ainda cada família quanto à sua caracterização social e nível relacional segundo Sampaio e Gameiro (2004), e à descendência de acordo com a classificação de Schlensinger referida pelos mesmos autores.

Quadro 1 – Caracterização Familiar (Família de Origem)

	Frequência
Estrutura Familiar	
Nuclear	10
Monoparental	2
Reconstituída	0
Caracterização Social	
Tradicional	10
Não tradicional	2
Descendência	
filho único	0
vários filhos	12

Quadro 2 - Caracterização Familiar (Família de Procriação)

	Frequência
Estrutura Familiar	
Nuclear	9
Monoparental	1
Reconstituída	1
Caracterização Social	
Tradicional	8
Não tradicional	4
Descendência	
com filhos	9
sem filhos	3

Pela amostra reconhece-se que a maioria das pessoas que estão institucionalizadas viveram no seio de famílias caracterizadas como tradicionais, tanto nas suas famílias de origem como de procriação. Reconhece-se assim que não poderão ser aplicadas na explicação da institucionalização teorias relativas, por exemplo, às famílias monoparentais ou às famílias não tradicionais. Há contudo exceções, como no caso do Sr. Amândio que atravessou um divórcio que causou grande turbulência e corte emocional com a família e a D. Miquelina que tendo-se divorciado reconstituiu família posteriormente com outro marido, tendo no entanto mantido este facto em segredo perante os filhos. Um terceiro caso de família não tradicional é o da D. Laurinda, que se manteve solteira e da D. Palmira que teve vários casamentos, tendo enviuvado por três vezes, tendo apenas uma filha do segundo casamento.

Já ao nível da família de procriação, três dos entrevistados não têm filhos, uma delas por ser solteira, adoptando no entanto o filho de uma amiga com quem vivia como sendo seu. Os outros dois casos são de vivências traumáticas, uma por não conseguir engravidar e uma outra por ter perdido o seu filho ao 3º dia de vida.

Um facto que está marcado para a maioria das famílias em presença é estas serem reduzidas, segundo a classificação de Sampaio e Gameiro (2004). Sendo as famílias reduzidas, a capacidade de suporte social por parte de familiares fora da família nuclear encontra-se muito afectada, havendo uma tendência para o isolamento, já que não se estabelecem laços fortes com a sociedade, que segundo Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) são necessários para o bom funcionamento do sistema familiar.

Através da caracterização familiar não se encontram factores globalizantes que por si só são responsáveis por algum tipo de disfunção e que tenham isoladamente contribuído para a decisão de institucionalização por parte das famílias de 3ª geração, excepto no caso do Sr. Amândio, em que a decisão de divórcio desencadeou um conjunto de eventos anti-família que provocaram a ruptura completa do sistema, sem capacidade de uma aproximação posterior com os filhos.

10.2. Classificação familiar

10.2.1. Análise segundo Barnhil (1979)

Para a classificação da família utiliza-se a classificação de Barnhil (1979) em que sucintamente é referida a distinção entre as famílias saudáveis e as disfuncionais, através de vários critérios, sendo estes os constituintes apontados no Quadro 3 e no Quadro 4. Pela análise das famílias de origem e de procriação identificam-se um conjunto de factos principais a nível do conjunto, para cada uma das dimensões em análise. A importância da análise da família de procriação, logo após a família de origem, reside na identificação dos padrões de repetição ou das preocupações de mudança de cada geração.

Quadro 3 - Classificação Familiar (Família de Origem)

	Frequência
Processo de identidade	
Individualismo	8
Emaranhamento	4
Reciprocidade	8
Isolamento	4
Mudança	
Flexibilidade	7
Rigidez	5
Estabilidade	3
Desorganização	9
Processamento da Informação	
Percepções claras	3
Percepções confusas / distorcidas	9
Papéis bem definidos	4
Papéis mal definidos / conflitos de papéis	8

Quadro 4 - Classificação Familiar (Família de Procriação)

	Frequência
Processo de identidade	
Individualismo	10
Emaranhamento	1
Reciprocidade	6
Isolamento	5
Mudança	
Flexibilidade	8
Rigidez	3
Estabilidade	4
Desorganização	7
Processamento da Informação	
Percepções claras	3
Percepções confusas / distorcidas	8
Papéis bem definidos	5
Papéis mal definidos / conflitos de papéis	6

Processo de identidade

Nota-se que, no que respeita ao processo de identidade, impera o individualismo e a reciprocidade, o que por si só constituem factores positivos para o desenvolvimento da personalidade e da própria identidade segundo Barnhill (1979), Gimeno (2001) e Minuchin (1974). No entanto, olhando para o cruzamento das duas dimensões,

verifica-se que apenas três dos indivíduos reúnem o crescimento numa família em que há simultaneamente o respeito pelo individualismo necessário à formação da personalidade e a reciprocidade importante para a vivência em conjunto e uma maior integração social, como se pode ver no Quadro 5.

Quadro 5 – Processo de Identidade (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹										TOTAL		
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU		IB	GO
Individualismo	x	x		x	x	x	x		x	x	x		9
Emaranhamento								x					1
Reciprocidade			x					x	x				3
Isolamento	x	x		x	x	x	x			x	x	x	9

Verifica-se também que para alguns dos casos analisados, o individualismo é excessivo, levando a que a família se torna desagregada, indo de encontro ao referido por Minuchin (1990). Encontram-se neste caso as D. Alcina, Laurinda, Anunciação, Palmira, Clara, Isabel e Isabelinha, em que se cultivava na família de origem o individualismo excessivo, mais numa perspectiva de não fomentar as relações psicoafectivas com os filhos do que propriamente procurar que os filhos crescessem num ambiente individualizado e formador do processo de identidade. Seguem-se algumas citações, retiradas das entrevistas, que apontam para estes factos.

“Contam-se as vezes que fui a Lamego; não me puxava nada, porque detestava viajar. Também não havia grande preocupação por parte deles; também nunca me visitaram. Eu, no Natal e na Páscoa ia lá, mas vinha logo embora ao outro dia.” (D. Laurinda)

“A minha mãe, como já disse, era uma pessoa muito difícil de temperamento. Andava sempre incomodada com tudo: com os empregados, com a roupa, tudo era uma aflição para ela, menos os outros dois filhos.” (D. Clara)

Por outro lado, a família do Sr. Amândio é emaranhada, levando a que a excessiva fusão comprometa a capacidade de individualização, tal como refere Withaker (1981), estando este visível pelo facto de o pai não o deixar autonomizar-se na sua vida profissional, e o obrigar a trabalhar para as empresas dele, apesar de ser contra a sua vontade.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

No que se refere às famílias de origem, que apenas um dos doze entrevistados foi educado numa família que levou em conta a individualização e a reciprocidade, sendo ele a D. Miquelina.

Quadro 6 – Processo de Identidade (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Individualismo	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x		10
Emaranhamento												x	1
Reciprocidade			x		x	x			x	x	x		6
Isolamento	x			x				x	x			x	5

No que se refere às famílias de procriação, o Quadro 6 faz a revisão das dimensões que contribuem para o processo de identidade. É aqui importante analisar a evolução das famílias da primeira para a segunda geração, rapidamente se concluindo que o padrão se repete para a maioria dos casos. Há no entanto a destacar os casos em que há uma oposição completa à família de origem, como no Sr. Amândio, que passa de uma família emaranhada e recíproca para uma sistema de individualismo e isolamento, em que há mesmo o abandono dos filhos, provocado pelo divórcio da mulher.

Há a referir neste ponto dois casos de excepção que são as D. Carolina e D. Clara, que não tiveram filhos, e como tal a classificação aplicada se refere apenas à diade conjugal.

Salienta-se aqui o facto de o isolamento fazer parte da vivência de 5 das famílias analisadas, o que contribui para a não criação de laços afectivos verdadeiros. Este factor, por si só, pode ser a causa do abandono dos pais por parte dos filhos, e respectiva institucionalização. Encontram-se nesta situação Alcina, Anunciação, Isabel, Amândio e Gorete.

“Também tenho de reconhecer que também nuca lhes dei muita atenção porque trabalhava muito” (Alcina);

“...eles ficavam sozinhos; eles lá tomavam conta uns dos outros, que eles entendiam-se muito bem, e ainda hoje são muito unidos...” (Gorete).

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Mudança

Na componente relativa à mudança, os números apontam para uma maioria de casos em que imperam a flexibilidade (7 casos) e a desorganização (9 casos), tal como se pode ver no Quadro 7. De facto, a flexibilidade parece estar intimamente relacionada com desorganização, com a instabilidade e a imprevisibilidade, o que acontece na maioria dos casos (6 casos). Segundo Whitaker (1981) a flexibilidade é uma característica de uma família saudável. No entanto, sendo estes acompanhados de desorganização, leva a uma disfuncionalidade pois a flexibilidade faz com que passe a haver uma perda de capacidade de autocontrolo do sistema familiar (Minuchin, 1990).

“O meu pai, com o vinho, e com o desgosto do meu irmão, foi como se tivesse morrido, ninguém contava com ele para nada” (Anunciação);

“Mudámos de casa doze vezes. A minha mãe nunca estava satisfeita ou era por causa dos vizinhos ou do sítio, ou porque era longe ou era perto” (Clara);

“Mas o meu pai começou a suspeitar de alguma coisa e um dia, durante o dia, veio a casa e encontrou-me a trabalhar à beira da estrada. Eu contei-lhe tudo, e ele foi para casa e zangou-se com ela” (Isabel).

Quadro 7 – Mudança (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹										TOTAL		
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU		IB	GO
Flexibilidade		x	x	x		x	x		x			x	7
Rigidez	x					x			x		x	x	5
Estabilidade										x	x	x	3
Desorganização	x	x	x	x	x	x	x	x				x	9

Neste caso, apenas a D. Miquelina provém de uma família que conjuga em si própria a flexibilidade e estabilidade, permitindo encarar os processos de mudança com naturalidade.

“Passei o tempo de criança como todas as outras, não me lembro nada de especial. Brincava com os meus irmãos e nada de especial. Quando tivemos a

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

idade de trabalhar, nós fomos ajudar a minha mãe no armazém de frutas”
(Miquelina)

Quadro 8 – Mudança (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Flexibilidade			x		x	x	x	x	x	x	x		8
Rigidez	x			x								x	3
Estabilidade						x	x				x		3
Desorganização	x		x	x	x			x	x	x		x	8

Na análise da família de procriação, constante do Quadro 8, constata-se também para a maioria dos casos a continuação do padrão da geração anterior. Mantêm-se como famílias desorganizadas as de Alcina, Carolina, Anunciação, Palmira, Amândio, Miquelina e Gorete. No caso de Alcina, Anunciação e Gorete a rigidez é também uma das características da família, o que ainda aumenta mais o grau de disfuncionalidade da família, fazendo com que os seus membros deixem de ter o sentimento de pertença, deixando de ser satisfeitas as necessidades fusionais, como diz Sampaio e Gameiro (2004). Nestes casos, a desorganização pode ser mais um factor que esteve na génese da decisão da institucionalização.

“Depois o meu marido regressou e veio voltar a trabalhar no mesmo sitio onde trabalhava antes. Continuava o mesmo tipo de pessoa, pouco tolerante e de poucas falas”; (Alcina)

“Fiquei viúva pela terceira vez e fiz jura que não me casava mais, apesar de ainda só ter 47 anos.” (Palmira)

“Eu e o meu marido ficámos com um segredo. Nunca ninguém soube que nós não éramos casados e escondi isso sempre aos meus filhos, não havia necessidade de eles saberem. Mas já a minha filha Lucília já era grandinha e se foi matricular para fazer um curso achou estranho quando levava os meus papéis e dizia lá que eu era divorciada” (Miquelina)

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Processamento da informação

Analisando o Quadro 9 relativo à família de origem, verifica-se que na maioria dos casos analisados há um conflito de papéis ou uma má definição destes, complementando-se ainda as percepções pouco claras sobre o papel de cada membro. Quando os papéis sofrem mutações, o equilíbrio da família pode desaparecer, como indica Tavares(1995). Um dos casos em que tal sucedeu foi na saída da D. Gorete de casa da mãe pelo facto de os pais nunca se interessarem pela seu sucesso escolar, i.e., não cumpriram o papel que a sociedade define para os pais. Pode-se ver este facto em “*não estudei por preguiça, não quis, o meu pai também nunca quis saber...a minha mãe, só queria era beber...*”.

Quadro 9 – Processamento da Informação (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Percepções claras									x	x			2
Percepções confusas / distorcidas	x		x	x	x	x	x	x				x	8
Papéis bem definidos		x								x	x	x	4
Papéis mal definidos / conflitos de papéis	x		x	x	x	x	x	x				x	8

Neste caso, apenas as D. Miquelina, e Lucília provém de uma família que onde os papéis são bem definidos e as percepções são claras.

“Apercebia-se no entanto que eles diante dos filhos sempre impuseram muita educação” (Lucília)

Quadro 10 – Processamento da Informação (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Percepções claras						x	x				x		3
Percepções confusas / distorcidas	x		x	x	x			x	x	x		x	8
Papéis bem definidos	x			x		x	x		x		x		6
Papéis mal definidos / conflitos de papéis			x		x			x		x		x	5

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Pela análise do Quadro 10, referente à família de procriação, apenas as D. Clara, Isabel e Isabelinha foram capazes de constituir uma família que onde os papéis são bem definidos e as percepções são claras. Lembra-se no entanto o facto de a D. Clara não ter filhos.

“Ele era tão compreensivo que tínhamos de dividir o tempo porque ele gostava de praia e eu gostava do campo. Fomos levando assim a vida.” (Clara)

“O meu marido era pedreiro, e era muito trabalhador. Se chegasse primeiro que eu a casa ia buscar a minha filha à ama.” (Isabel)

Pela análise do mesmo quadro, também se constata que o padrão se repete para a maioria das famílias, sendo que também na família de procriação as percepções são confusas em 8 dos casos analisados.

“Nunca estive presente numa data especial, nunca se lembrava da data de aniversário dos filhos. Então eu passava o tempo só” (Lucília)

“Tive a má ideia de casar com ele. Batia-me, tratava-me mal, mas a minha filha nunca se apercebeu. Ele gostava muito dela.” (Palmira)

10.2.2. Análise segundo Fleck (1980)

Para a classificação da família utiliza-se neste caso a visão de Fleck (1980) que define os elementos de uma família saudável, sendo estes sistematizados pelos pontos liderança, fronteiras, afectividade, comunicação, desempenho de tarefas / objectivos.

Liderança

Pela análise das famílias de origem, e de acordo com a informação obtida a partir das entrevistas, resumida no Quadro 11, rapidamente se constata que a maioria dos progenitores das famílias eram incoerentes na sua educação, tendo uma personalidade frágil que não lhes permite transmitir os padrões de educação e respeito que as crianças e jovens esperam para poderem crescer em segurança.

Quadro 11 – Liderança (Família de Origem)

		Nomes ¹												
Natureza		AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO	TOTAL
Personalidade														
Personalidade forte									x	x	x	x		4
Personalidade frágil	x		x	x	x	x	x						x	7
Coerente										x				1
Incoerente	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	11
Colisão marital														
Relação conflituosa				x	x	x	x	x					x	7
Relação saudável										x	x			2
Uso do poder dos pais														
Pais austeros						x			x		x	x		4
Coerentes com regras /poder moderado										x				1
Pais complacentes	x	x	x	x			x	x					x	7
Pais Justos			x							x	x	x		5
Pais Injustos	x					x				x				3

De facto, em 11 das doze famílias analisadas a personalidade dos pais é marcada pela incoerência, e em 8 desses casos os pais revelam-se com personalidade fraca. Alcoolismo, violência e adultério são exemplos de fragilidade demonstrados em várias das entrevistas. O castigo, por qualquer razão e de forma incoerente é também referido pela maioria dos entrevistados. Analisando também a colisão marital chega-se à mesma conclusão: em 7 das famílias estudadas o conflito é a palavra de ordem na relação conjugal, sendo o papel de mulher completamente subjugado ao do homem, tanto ao nível das obrigações domésticas como da educação dos filhos. É no entanto evidente que os papéis de pais estão bem definidos para a altura a que se reportam os factos (primeira metade do século XX), sendo o papel de pai o de impor limites, ainda que de forma rígida, e o de mãe o de dar suporte às actividades de cuidar.

Quando se analisa a forma como os pais utilizam o seu poder sobre os filhos, chega-se à conclusão que 11 das 12 famílias se encontram nos extremos: 4 famílias são constituídas por pais austeros, enquanto que 7 estão no limite oposto, na complacência exagerada, em que de facto o que se nota é um certo desprezo pela paternidade e abandono dos filhos à sua sorte. Apenas os pais da D. Miquelina são capazes de aplicar um conjunto de regras de forma coerente e moderada.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

A austeridade nos casos da D. Palmira, Sr. Amândio, D. Lucília e D. Isabelinha. São facilmente visíveis através de um conjunto de pontos reflectidos nas próprias entrevistas, que apontam maus tratos aos filhos, rigidez e autoritarismo.

“Eu gostava muito da minha, mãe do meu pai nem por isso; tinha um mau génio... Eu e os meus irmãos levávamos muita porrada do meu pai” (Palmira)

“O meu pai era um homem rude, a minha mãe também não era melhor, por isso já pode imaginar a minha vida de criança” (Amândio)

“...à mesa mal se falava e depois eles iam trabalhar...” (Lucília)

Relativamente à complacência, há várias passagens nas entrevistas que permitem tirar esta conclusão.

“Olhe não estudei por preguiça. Não quis, nunca me apeteceu. O meu pai também nunca quis saber porque se fosse outro eu não tinha querereres. Mesmo a minha mãe também não ligava nada.” (Gorete)

“A minha mãe, mais tarde, abandonou também o meu irmão e o meu pai foi buscá-lo e vivemos todos juntos.” (Isabel)

Numa perspectiva em que se consideram positivos os pontos: personalidade forte, coerente, relação saudável, coerentes com regras/poder moderado; e negativos todos os restantes, resulta o Quadro 12, onde é bem visível a disfuncionalidade de praticamente todas as famílias, exceptuando-se a da D. Miquelina.

Quadro 12 – Liderança (Positivos e Negativos) (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹											
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO
Pontos Positivos	0	1	0	0	0	1	0	1	5	2	2	0
Pontos Negativos	4	2	4	4	5	4	4	4	0	3	2	3

Utilizando o mesmo raciocínio para as famílias de procriação, nota-se uma repetição dos padrões de comportamento, e uma manutenção generalizada da negatividade transmitida aos filhos, como é notório pela análise do Quadro 13.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Quadro 13 – Liderança (Positivos e Negativos) (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹											
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO
Pontos Positivos	1		0	1	1	3	4	0	4	0	5	0
Pontos Negativos	4		3	4	4	0	0	4	1	4	0	4

Há no entanto a referir as mudanças contrastantes de algumas das famílias de procriação em relação às famílias de origem, encontrando-se nestes casos a D. Clara (que não teve filhos) e a D. Isabel, que tendo sido vítima de maus tratos por parte da tia acabou por transmitir aos filhos uma vivência diferente daquela a que tinha sido sujeita, baseada no positivismo e na procura da satisfação da família como uma entidade orgânica auto-suficiente e geradora de personalidades fortes e autónomas. Pode-se mesmo afirmar que, no caso da D. Isabel, a institucionalização não é uma causa directa da educação transmitida, e que apesar de todos os esforços parentais para que a família seja totalmente funcional de acordo com as definições de Fleck (1980) e Barnhill (1979) houve um desfecho considerado anormal, que se justifica por outras razões que não as do foro das relações familiares, neste caso, um acidente grave. Como a própria refere: “Após o acidente, o seguro resolveu colocar-me aqui, porque os coitados dos meus filhos não podem tratar de mim, eu necessito muito de ajuda.”.

Quadro 14 – Liderança (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Personalidade													
Personalidade forte						x		x		x			3
Personalidade frágil	x		x	x	x			x		x		x	7
Coerente						x	x				x		3
Incoerente	x		x	x	x			x	x	x		x	8
Colisão marital													
Relação conflituosa	x		x	x	x			x		x		x	7
Não aplicável													0
Relação saudável						x	x		x		x		4
Uso do poder dos pais													
Pais austeros	x												1
Coerentes com regras /poder moderado							x		x		x		3
Pais complacentes				x	x			x		x		x	5
Pais Justos	x			x	x		x		x		x		6
Pais Injustos													0

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Como famílias próximas das ideias referidas nas teorias de Fleck (1980) apresentam-se ainda, ao nível da liderança as da D. Miquelina e D. Isabelinha, seguindo um padrão da geração anterior.

Todas as outras famílias seguiram o padrão negativo transmitido pela geração de origem, indo de encontro ao esperado pelas teorias transgeracionais definidas por Bowen (1978).

Afectividade

A afectividade resulta como um processo de intercomunicação familiar, dependendo em grande parte da forma como cada elemento interage dentro da família. Sampaio e Gameiro (2004) referem que uma família não disfuncional possui uma delimitação bem clara dos laços afectivos e da individualidade, o que é contrariado pela análise do Quadro 15, em que é notória a incapacidade de respeito pela individualidade de autonomia de cada um dos membros da família para a maior parte dos casos em análise.

Quadro 15 – Afectividade (Família de Origem)

	Nomes¹												
Natureza	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO	TOTAL
Privacidade interpessoal													
Respeito pela individualidade e autonomia		x				x			x				3
Não respeito pela individualidade	x		x	x	x		x	x		x	x	x	9
Equivalência das tríades familiares													
Tríades compensadas						x			x				2
Tríades descompensadas	x	x	x	x	x		x	x		x	x	x	10
Tolerância dos elementos da família para com os sentimentos dos outros													
Tolerância		x	x			x			x				4
Intolerância	x			x	x		x	x		x	x	x	8
Emocionalidade do conjunto													
Emocionalidade familiar			x			x	x			x			4
Individualismo emocional	x	x		x	x			x			x	x	7

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Relativamente à compensação das tríades, a conclusão é semelhante, havendo grandes lacunas na tríade parental, em que na maior parte dos casos o pai aparece como ausente ou rígido. Também na tolerância e na capacidade de a família reagir emocionalmente como um todo, os resultados obtidos são indicadores de disfuncionalidade.

Numa análise individualizada, apenas as famílias da D. Clara e D. Miquelina reúnem em si todas as características de uma família funcional no que diz respeito à afectividade. Pela componente totalmente disfuncional, aparecem a D. Alcina, Anunciação, Palmira, Amândio, Isabelinha e Gorete, que não reúnem qualquer ponto considerado indicador de funcionalidade segundo Fleck (1980).

Quadro 16 – Afectividade (Família de Procriação)

	Nomes¹												
Natureza	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO	TOTAL
Privacidade interpessoal													
Respeito pela individualidade e autonomia						x	x	x	x	x	x		6
Não respeito pela individualidade	x		x	x	x							x	5
Equivalência das tríades familiares													
Tríades compensadas							x		x		x		3
Tríades descompensadas	x		x	x	x	x		x		x		x	8
Tolerância dos elementos da família para com os sentimentos dos outros													
Tolerância				x			x		x		x		4
Intolerância	x		x		x	x		x		x		x	7
Emocionalidade do conjunto													
Emocionalidade familiar						x	x		x		x		4
Individualismo emocional	x		x	x	x			x		x		x	7

Estes factores negativos apontam para malformações no carácter de cada um dos indivíduos que, tal como diz Gimeno (2001), condicionam todo o desenvolvimento afectivo, social e cognitivo das crianças, condicionando também a motivação para atingir os objectivos, competência social e responsabilidade. Todos estes factores são geradores de perturbações, que se manifestam em gerações futuras. O Quadro 16 parece apontar no sentido da transmissão dos comportamentos afectivos desviantes para a

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

geração seguinte. Os padrões de disfuncionalidade afectiva repetem-se para os casos das famílias de Alcina, Carolina, Anunciação, Palmira, Amândio, Lucília e Gorete.

A falta de afectividade no seio da família gera, confirmado pela teoria de Bowen (1978), indivíduos com uma forte necessidade de fusão emocional, e portanto com um baixo nível de diferenciação do self. É o que acontece no caso das pessoas em análise: Alcina, Carolina, Anunciação, Palmira, Amândio, Lucília e Gorete.

“Mais dois desgostos. Fiquei a morar sozinha na minha casa, não tinha amigos, nem nunca dei confiança aos vizinhos.” (Alcina)

“Eu ia a casa dela e berrava com ela e batia-lhe; ela fazia queixa ao meu marido e ele quando chegava a casa batia-me a mim, mas eu não me importava. Mas uma coisa é certa: ele nunca me deixou” (Carolina)

“O único mal dele era andar com mulheres e isso fazia-me sofrer muito, mas sempre calada; mas ele nunca me deixou. Ninguém imagina o que é sentir não ser amada, e isto aconteceu duas vezes na minha vida, primeiro com o meu marido e agora com os meus filhos” (Anunciação)

“Ele olhava para mim e para a minha filha com uns olhos que disse logo à minha filha: quando quiseres ver-me vai a minha casa e leva os meninos que eu à tua casa nunca mais volto” (Palmira)

“... porque sei que não fui um grande pai, pelo menos a partir em que a mãe deles nos deixou, a mim e a eles. Porque se ela na altura me procurava e me explicava o que se tinha passado, eu tinha-lhe perdoado, e talvez a minha vida fosse diferente.” (Amândio)

Comunicação

A comunicação no seio da família é considerada uma dos factores de funcionalidade por Fleck (1980), e como afirma Imaginário (2004) a comunicação é um dos pontos que garante a plenitude espiritual e a capacidade de enfrentar as tensões e as crises.

Quadro 17 – Comunicação (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹												
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	TOTAL	
Capacidade de resposta da família aos outros													
família com capacidade de resposta						x				x	x	3	
família sem capacidade de resposta	x	x	x	x	x		x	x			x	x	9
Congruência das comunicações verbais e não verbais													
congruente										x	x	2	
incongruente	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	10
Clareza da forma e sintaxe													
comunicação clara										x	x	2	
comunicação confusa	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	10

Pelos resultados da análise de conteúdo demonstrados no Quadro 17 rapidamente se constata que os meios de comunicação nas famílias de origem são deficitários em praticamente todos os casos analisados. Exceptuam-se a este nível as famílias de Miquelina e Lucília, como tendo a capacidade de responder nos momentos chave e de serem congruentes e claros na sua comunicação.

Nos casos em que a comunicação se tornou deficitária na família de origem, a responsabilidade recai principalmente sobre os pais, havendo de facto uma interrelação forte entre a incapacidade de comunicar e a caracterização da família ao nível dos processos de mudança, capacidade de processamento da informação e estruturação de papéis, referidos por Barnhill (1979) e já evidenciados neste trabalho. Para os casos da famílias aqui referidas como disfuncionais ao nível da comunicação, encontram-se igualmente, para a maior parte dos casos, a desorganização, as percepções confusas ou distorcidas e os papéis mal definidos ou conflitos de papéis por parte dos progenitores.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

Quadro 18 – Comunicação (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ²								TOTAL			
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM		MI	LU	IB
Capacidade de resposta da família aos outros												
família com capacidade de resposta						x	x		x		x	4
família sem capacidade de resposta	x		x	x	x			x		x	x	7
Congruência das comunicações verbais e não verbais												
congruente						x	x				x	3
incongruente	x		x	x	x			x	x	x	x	8
Clareza da forma e sintaxe												
comunicação clara							x		x		x	3
comunicação confusa	x		x	x	x	x		x		x	x	8

A triangulação que nalguns casos pode colmatar a falha de comunicação como diz Gimeno (2001), foi apenas visível em alguns casos. A D. Clara refere a relação criada com o irmão: *“Eu e o meu irmão éramos muito chegados, para onde ia um o outro ia também, ele protegia-me muito, era muito meu amigo, corríamos os bailes todos e ele andava sempre comigo...”*. Esta relação fortaleceu-se ainda mais após a saída do pai de casa. Já a D. Palmira refere a ligação forte estabelecida com a irmã, como forma de compensação da tirania do pai: *“Com as minhas irmãs tinha boa relação principalmente com a mais velha éramos muito confidentes... com as outras, como a diferença de idades era grande, a relação já não era a mesma coisa.”*.

A família de procriação é marcada pela repetição, na maior parte dos casos, do padrão comunicativo da família de origem. Nos casos de Isabel e Isabelinha houve uma alteração do comportamento comunicativo, tendo-se este tornado funcional, compensando de alguma forma os afectos não existentes nas famílias de origem.

² AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

10.3. Caracterização da proximidade

Numa caracterização de proximidade da família (Quadro 19 e Quadro 20) pode-se concluir que apenas Miquelina e Isabelinha conseguem manter, ao longo da família de origem e de procriação, um nível moderado de proximidade com os seus pares. Todos os outros casos alternam entre a desvinculação ao nível mínimo ou o emaranhamento.

Quadro 19 – Proximidade (Família de Origem)

Natureza	Nomes ¹										TOTAL		
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU		IB	GO
Desvinculada ao nível mínimo	x	x	x	x	x							x	6
Deitada ao nível mais baixo, moderadamente							x			x	x		3
Moderada / conectada ou ligada						x			x				2
Emaranhada								x					1

Quadro 20 – Proximidade (Família de Procriação)

Natureza	Nomes ¹										TOTAL		
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU		IB	GO
Desvinculada ao nível mínimo	x				x			x		x		x	5
Deitada ao nível mais baixo, moderadamente													0
Moderada / conectada ou ligada				x			x		x		x		4
Emaranhada			x			x							2

As famílias centrípetas definidas por Beavers (1995) e que têm uma correspondência às famílias emaranhadas de Olson (1985) criam uma dependência forte entre os seus membros. Estão neste caso a D. Clara, que tentou o suicídio após a morte do seu marido, devido à sua forte ligação fusional. O Sr. Amândio viveu no seio de uma família patriarcal, que dominava toda a envolvência afectiva, social e económica, prolongando-se para além da idade adulta.

Nos casos das famílias desvinculadas ao nível mínimo, a que corresponde o nível de centrífugas segundo a classificação de Beavers (1995) incluem-se as famílias de origem de Alcina, Laurinda, Carolina, Anunciação, Palmira e Gorete.

“...sofri muito desde pequenina, nunca fui a uma escola. Vivia em Santa Maria da Feira. Com seis anos fui servir para Aveiro.” (Alcina)

“Quando ele nos batia, eu e os meus irmãos fugíamos para debaixo da cama que eu já tinha comprado com o meu dinheiro...” (Palmira)

“Eu é que tinha de tomar conta dos meus irmão, e eu era apenas uma criança, porque o meu pai e a minha mãe não queriam saber de nada.” (Gorete)

Passam para a família de procriação o mesmo tipo de disfuncionalidade nos casos de Alcina, Palmira e Gorete.

“Também tenho de reconhecer que também nunca lhes dei muita atenção porque trabalhava muito, mas nunca os tirei de casa. Nem tinha tempo para pegar neles ao colo.” (Alcina)

“Levava muita porrada, até me espetou com um ferro na cabeça, mas os meus vizinhos diziam para eu no hospital não dizer que era o meu marido.” (Palmira)

“Não fui grande mãe porque eu nunca deveria ter começado a beber, pois assim os meus filhos não tinham ninguém em quem se apoiar. Hoje sinto remorsos da vida que dei aos meus filhos, mas não posso voltar atrás e nem agora eu lhes posso cobrar o amor, pois isso eles não têm para me dar” (Gorete)

Nos casos de Carolina e Amândio, troca o tipo de disfuncionalidade, mudando de totalmente desvinculada para emaranhada, e vice-versa.

10.4. Crises familiares

As crises familiares podem ter um conjunto de repercussões no ciclo de vida, sendo este normalmente delimitado pela mudança na estrutura da família como referem Carter e McGoldrick (1989) e Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004). Todo o ser humano é confrontado ao longo da sua vida com um conjunto de obstáculos, sendo a crise o

reflexo da não transposição imediata e saudável desses obstáculos, tal como Sampaio e Gameiro (2004) referiram.

Cada um dos entrevistados foi confrontado ao longo da sua vida com um conjunto de crises que alteraram o seu comportamento, a sua forma de estar perante a vida e o ciclo familiar da sua família. Numa análise mais detalhada, apontam-se as principais crises vividas por cada elemento e identificadas no **Quadro 21**.

Quadro 21 – Crises Familiares

Natureza	Nomes ¹											TOTAL	
	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB		GO
Desgraças inesperadas													
doença					x		x		x			x	4
prostituição da mãe	x							x					2
falência				x					x				2
maus tratos	x				x		x						3
alcoolismo				x								x	2
fuga de casa					x						x		2
morte	x	x	x	x	x	x	x					x	8
suicídio				x									1
Associadas ao desenvolvimento													
infidelidade			x	x		x	x	x		x			6
esfriamento da sexualidade												x	1
divórcio							x	x					2
ninho vazio								x	x				2
Estruturais													
sim	x		x	x	x		x		x	x		x	8
não		x					x		x			x	4
Desamparo													
sim	x	x	x	x	x		x			x		x	8
não						x		x	x		x		4

A forma como cada uma das crises alterou o ciclo de vida familiar diferiu de caso para caso, pelo que a análise será individualizada para os entrevistados em que de facto as crises resultaram numa alteração completa da estrutura familiar e em que houve uma dificuldade em recuperar da crise e em refazer o sistema de forma funcional.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

No caso da D. Alcina, um conjunto de crises estruturais da família afectaram a família como um sistema. Desde logo o facto de a sua mãe ser prostituta e o pai ser desconhecido afectou a percepção de família e a forma como a família não desempenhou o seu papel como protectora da integridade pessoal. Esta disfunção estrutural afectou toda a sua infância, até à idade adulta, quando decide sair de casa e casar-se.

No casamento, mais uma crise afectou toda a percepção de família, neste caso a de procriação. A intolerância e os maus-tratos do marido fizeram com que a D. Alcina tivesse de se adaptar a uma situação disfuncional, em que imperava a discórdia e o ciúme, levando a um esfriamento da afectividade e a uma disfuncionalidade ao nível dos papéis de pais desempenhados perante uns filhos, em que a relação era marcadamente descompensada, pela incapacidade da D. Alcina impor o seu papel de mãe, devido à intransigência do marido. Com a saída do marido para o Brasil durante um alargado período de tempo, houve necessidade de a família se reestruturar em volta da mãe, havendo no entanto uma pouca identificação emocional, já que a D. Alcina passava mais tempo a trabalhar do que a cuidar, uma vez que estava em causa a sobrevivência de todo um sistema.

A morte da mãe, num clima de quase abandono, afectou emocionalmente a D. Alcina, já que esta assumiu um sentimento de culpa pelo facto de não ter cuidado dela na sua velhice. Finalmente, a morte do marido, seguida na morte da filha ainda jovem, constituem-se também como dois eventos trágicos que descompensam completamente o sistema ao nível emocional e que levam a que a “culpa” seja um traço marcante da personalidade da D. Alcina.

No caso da D. Carolina, toda a sua infância foi afectada por um conjunto de acontecimentos traumáticos que alteraram completamente a definição de família funcional. Desde logo, a morte de 12 irmãos, todos em criança, que afectaram psicologicamente a sua mãe, tendo mesmo esta acabado por se suicidar. Neste ponto, o papel de mãe tão importante para o normal desenvolvimento da família saudável e de cada uma das crianças foi totalmente afectado levando a sentimentos de revolta a disfuncionalidades na D. Carolina que ainda hoje são visíveis. Um aborto na juventude, a morte de um filho com três dias de vida e o facto de não conseguir engravidar de novo são também acontecimentos traumáticos que a D. Carolina sente como um castigo de

Deus pelo facto de ter cometido estes erros. Ao longo da entrevista refere com regularidade estes factos e a forma como afectou a sua vida familiar, atribuindo mesmo a estes acontecimentos a responsabilidade pela infidelidade do marido ao longo do casamento.

Outro caso de família afectada fortemente por crises foi a do Sr. Amândio. Neste caso, uma infidelidade da esposa leva ao divórcio e à separação da família, com parte da família no Brasil e outra em Portugal. A partir dessa data, o Sr. Amândio assume também uma postura perante a vida completamente diferente daquela que levava, dedicando-se à luxúria e aos bens materiais, e pondo completamente de lado os filhos que consigo viviam.

No caso da D. Isabel, a família foi também fortemente afectada por crises estruturais. Após o conhecimento da relação infiel com vários homens por parte da mãe, despoletam-se um conjunto de acontecimentos que vão desde a separação dos pais, o ir morar com uma tia que dava maus tratos à D. Isabel, a descoberta desses maus tratos por parte do pai e a saída de casa da tia. Todos estes acontecimentos, na pequena infância da D. Isabel, parecem ter marcado profundamente o seu carácter e a sua personalidade, afectando a forma como passou a ver a família a partir de então.

As D. Anunciação, Palmira e Gorete foram afectadas por um conjunto de crises de diversas naturezas, tendo tido dificuldades em ultrapassá-las, ou não as ultrapassando de todo. A D. Anunciação entrou em depressão constante devido à morte prematura do marido, transmitindo essa tristeza para os filhos que teve de educar sozinha. A D. Palmira nunca conseguiu ultrapassar a situação de maus-tratos do pai, transmitindo para todos os homens, incluindo o genro, um sentimento de revolta e desdém por todos os elementos do sexo masculino, sendo esta uma herança implícita tal como referido por Sampaio e Gameiro (2004). A D. Gorete, depois da morte do marido e devido às condições económicas desfavoráveis, refugia-se no alcoolismo, não enfrentando os problemas.

Para os restantes casos, apesar de terem ocorrido também um conjunto de crises, chega-se à conclusão, através das entrevistas, que as famílias conseguiram ultrapassar essas crises, e readaptar-se às novas condições.

10.5. Personalidade

A definição de personalidade não é sempre objectiva e pode diferir de autor para autor. Neste caso opta-se por caracterizar os traços da personalidade definidos por Erikson referidas em Hall et al (2000), tentando descobrir no passado de cada um dos entrevistados as causas que poderão ter contribuído para estes traços. A categorização de cada um dos traços de personalidade foi efectuada através de um conjunto de análises, nomeadamente comportamentais ao longo da entrevista e análise de conteúdo de cada uma das entrevistas, que, através de palavras chave, permitem chegar a uma classificação dos traços dominantes. Também o conhecimento da história de vida por parte do investigador, resultante da convivência prolongada com cada um dos elementos estudados permitiu complementar os dados recolhidos nas entrevistas, apesar de muitas das vezes os elementos conhecidos serem de origem informal, transmitidos por familiares ou amigos.

A análise da personalidade não pode ser desligada do processo de envelhecimento, que provoca um conjunto de alterações funcionais e afectivas, levando a uma menor autonomia, redução da capacidade de adaptação, entre outros factos.

Uma das componentes que salta à vista é o traço de personalidade identificado por Erikson (1976) com o nome “Integridade vs Desespero”. Pela análise efectuada conclui-se que sete dos doze casos entrevistados (ver Quadro 22) desenvolvem nesta fase um traço marcante de desespero perante a morte e uma auto-culpabilização perante a vida, e perante um conjunto de crises ou factores de desenvolvimento familiar dos quais se sentem responsáveis. Como o próprio Erikson refere, e neste caso há uma correspondência total com esta teoria, as pessoas vivem a sua velhice marcadas pela nostalgia, pela tristeza, e aguardam unicamente a morte, sentindo-se inúteis perante a sociedade ou a família

Este traço pode ser considerado como uma consequência dos traços anteriores, na perspectiva em que a personalidade de cada indivíduo é influenciada pela sua vivência no seio da família e da comunidade (Rosa & Lapointe, 2002) e também esta personalidade influencia as próprias experiências de vida e o comportamento do sistema, neste caso o familiar, como um todo. Com base na análise do Quadro 22 verifica-se que, nos sete casos que demonstram um traço marcado pelo desespero na

velhice, estes traços são acompanhados por outros também negativos, sendo que traços como a culpa, o isolamento e a desconfiança são os mais se cruzam com o do desespero.

Quadro 22 – Personalidade (Erickson, 1976)

	Frequência
Confiança Básica Versus Desconfiança Básica	
Confiança	6
Desconfiança	6
Autonomia Versus Vergonha e Dúvida	
Autonomia	4
Vergonha	4
Dúvida	4
Iniciativa Versus Culpa	
Iniciativa	3
Culpa	9
Diligência Versus Inferioridade	
Diligência	4
Inferioridade	8
Identidade Versus Confusão/Difusão	
Identidade	7
Confusão/Difusão	5
Intimidade Versus Isolamento	
Intimidade	6
Isolamento	6
Generatividade Versus Estagnação	
Generatividade	7
Estagnação	5
Integridade Versus Desespero	
Integridade	5
Desespero	7

Globalmente, e estando no Quadro 23 identificados os traços da personalidade analisados, sendo assinalados a verde os considerados “positivos” no âmbito da cultura ocidental em que se integraram as vivências dos casos analisados, e a vermelho os traços considerados “negativos”, conclui-se que apenas três casos (Laurinda, Miquelina e Isabelinha) foram capazes de desenvolver traços de personalidade considerados positivos perante a vida, e como tal constituem-se como os casos em que aparentemente não haveria razão familiar para a institucionalização. Para os restantes casos, os traços negativos de personalidade são em número igual ou superior aos traços positivos.

“Mas agora gosto de estar aqui. Divirto-me ao ver esta velharia a andar de um lado para o outro e vejo a paciência que vós tendes para aturar isto. Não é fácil” (Laurinda)

“Então a minha filha decidiu colocar-me num lar, eu sei o quanto lhe custou. Eu fiz de conta que não percebi, mas ela chorou muito mas sozinha também não podia tomar conta de mim e agora também tinha um neta que tinha de tomar conta, mas ela era uma criança de meses. Na altura os meus outros filhos ficaram muito indignados por a Lucília me trazer para o lar dizendo que o dever dela era ficar comigo, mas também nunca ninguém me veio buscar. O meu grau de dependência era muito grande.” (Miquelina)

“Acho que na minha vida tive tempos felizes e tristes. O mais triste foi o não consentimento dos meus pais, de não me aceitarem como eu era: depois foi morrer o meu filho e depois o meu marido. O que me fez mais feliz foi passar muito tempo nesta vida e nunca ficar doente.” (Isabelinha)

Quadro 23 – Personalidade (Análise Individual)

		Nomes ¹												
Categoria	Natureza	AL	LA	CA	AN	PA	CL	IS	AM	MI	LU	IB	GO	TOT
Confiança vs.	Confiança		x		x		x		x	x		x		6
Desconfiança	Desconfiança	x		x		x		x			x		x	6
Autonomia vs.	Autonomia		x						x	x		x		4
Vergonha e	Vergonha	x				x		x					x	4
Dúvida	Dúvida			x	x		x				x			4
Iniciativa vs.	Iniciativa		x							x		x		3
Culpa	Culpa	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	9
Diligência vs.	Diligência		x						x	x		x		4
Inferioridade	Inferioridade	x		x	x	x	x	x			x		x	8
Identidade vs.	Identidade		x		x		x		x	x		x		6
Difusão	Confusão/Difusão	x		x		x		x			x		x	6
Intimidade vs.	Intimidade		x	x			x	x		x		x		6
Isolamento	Isolamento	x			x	x			x		x		x	6
Generatividade	Generatividade	x	x		x	x				x	x	x		7
vs. Estagnação	Estagnação			x			x	x	x				x	5
Integridade vs.	Integridade		x			x				x		x		4
Desespero	Desespero	x		x	x		x	x	x		x		x	8
Total (+):		1	8	1	3	2	3	1	4	8	1	8	0	
Total (-):		7	0	7	4	6	5	7	4	0	7	0	8	

¹ AL-Alcina, LA-Laurinda, CA-Carolina, AN-Anunciação, PA-Palmira, CL-Clara, IS-Isabel, AM-Amândio, GO-Gorete, MI-Miquelina, LU-Lucília, IB-Isabelinha.

11. ANÁLISE DE RESULTADOS

Muitas são as teorias que apontam a institucionalização como um factor social resultante da evolução da mentalidade e dos próprios valores da sociedade. Ao longo deste estudo foram analisados os vários casos de institucionalização tentando estabelecer-se uma relação entre as vivências familiares ao longo das várias gerações e a decisão de institucionalização do idoso. Parece claro que, na maior parte dos casos, a família é marcada pela disfuncionalidade, tendo esta gerado um conjunto de pontos negativos do carácter e identidade do idoso que estarão na causa principal da decisão da institucionalização por parte dos familiares.

Sendo a personalidade fruto das várias vivências na família e na sociedade, assim como do próprio processo de envelhecimento, e assentando-se a explicação dos resultados sobre a teoria de Erikson referida em Hall et al (2000), conclui-se que para a maior parte dos casos há uma aparente relação entre as patologias existentes ao nível da família e a formação da identidade positiva ou negativa de cada um dos elementos em análise.

Neste caso, a análise individualizada acaba por permitir estabelecer alguns padrões que, na amostra analisada, levam à institucionalização.

A D. Alcina teve uma infância marcada pela ausência de pai e com uma mãe pouco presente ao nível emocional. Segundo Malpique (1998), o papel instrumental da mãe é importante para a autonomia e o do pai para a integração na sociedade. Não estando nenhum deles efectivamente presentes na infância, a D. Alcina desenvolveu uma personalidade baseada na desconfiança, vergonha e inferioridade, que se prolongaram para a vida adulta, e que estiveram na base da disfuncionalidade imposta à sua família de procriação, confirmando a transmissão transgeracional apontada por Sampaio e Gameiro (1998) e as teorias psicossociais de Erikson referidas em Hall et al (2000) no que diz respeito à formação da sua personalidade. Também neste ponto, devido à falta de acompanhamento da mãe e saída prematura de casa a D. Alcina acaba por ter fortes lacunas que se reflectem no resto da sua vida. A sua relação com a família de procriação acaba por ser de submissão face ao marido e de incapacidade de estabelecimento de relações de intimidade com os filhos, acabando por ter com estes apenas o papel de garante da sobrevivência. Em suma, parece claro que, no caso da D. Alcina, a vida familiar disfuncional ao longo das várias gerações marcou a sua personalidade e afectou

a capacidade de esta estabelecer ligações afectivas com os descendentes, levando a que fosse rejeitada pelos filhos e institucionalizada na sua velhice.

No caso da D. Laurinda, apesar de a sua família de origem ter alguma disfuncionalidade, principalmente ao nível da incapacidade de transmitir afectos, esta conseguiu desenvolver uma individualidade e um carácter que ao longo da vida lhe permitiram encarar os vários desafios com confiança nela própria. Esta capacidade parece ter advindo do facto de, na sua adolescência, ter convivido com uma grande abertura para a sociedade, que lhe foi proporcionada pelo facto de ter estudado fora de casa e até uma idade tardia. O facto de ter optado por não se casar e não constituir família do ponto de vista tradicional fez com que lhe faltasse o suporte na sua idade avançada, e tivesse que recorrer a uma instituição quando a sua dependência aumentou. Neste caso específico não se adequam as teorias psicopatológicas da família indo mais de encontro a causa da institucionalização ao envelhecimento natural, referido por Reis (1996) e Imaginário (2004), e à falta de suporte familiar pelo facto de não existir família.

A vida da D. Carolina foi marcada também pelas várias disfuncionalidades da família de origem, acima de tudo. Marcada pela morte de vários irmãos e pelo suicídio da mãe, bem como pelo aborto cometido quando era solteira e que a fez manter este facto em segredo durante toda a vida. Não teve a compensação do papel de pai, que passava a maior parte do tempo no trabalho e na taberna, para não ter que enfrentar a depressão da esposa. A infância foi assim disfuncional, fazendo com que, na falta de suporte familiar, desenvolvesse traços de identidade negativos, tais como a desconfiança, a dúvida, a culpa, a inferioridade e a confusão/difusão, todos eles justificados pelas teorias de Erikson (1976), Malpique (1998) e outros autores referidos nas teorias transgeracionais. A disfuncionalidade acompanha a D. Carolina para a família de procriação, tendo uma relação tensa com o marido. O facto de não ter filhos piora a relação, tornando-se o conflito a principal forma de interacção com o marido. A relação com uma sobrinha, apesar de existente ao longo da vida da D. Carolina, parece ter-se pautado por uma relação de interesse financeiro, pelo que esta não se constitui como um suporte efectivo na velhice da D. Carolina. Pode-se assim concluir que, apesar de haver disfuncionalidades psicopatológicas da família da D. Carolina a principal razão da institucionalização se deveu ao facto de não haver uma família descendente capaz de suportar na velhice. Refira-se ainda que nunca houve uma preocupação da D. Carolina

em fortalecer laços de afectividade com a família alargada, nomeadamente sobrinhos, o que por si só se constitui também como uma disfuncionalidade familiar importante, e um outro factor para a institucionalização.

Interpretando os resultados obtidos para a análise de caso da D. Anunciação, mais uma vez se conclui que as disfuncionalidades familiares contribuíram para a formação de uma personalidade frágil e com sentimentos de inferioridade e rancor, que fazem com que encare a sua velhice com sentimentos de desespero, confirmados pela teoria de Erikson referidas em Hall et al (2000). Os pontos marcantes da sua infância são o alcoolismo do pai, o tabu face à vida anterior de riqueza da família e situação de pobreza actual, e o desequilíbrio das tríades, no sentido de ajudar um irmão que tinha problemas sérios com o jogo. O casamento foi marcado pela rigidez do marido, pela submissão da D. Anunciação e dos filhos à sua rigidez, e pelo facto de os filhos não verem na mãe uma pessoa forte capaz de enfrentar os problemas. Ainda do ponto de vista afectivo, a relação da D. Anunciação com os filhos baseou-se sempre na condição de sobrevivência, nunca havendo espaço para as trocas afectivas, indo de encontro à teoria de Malpique (1999) que afirma que a mãe deprimida não consegue corresponder ao apelo do amor dos filhos. Conclui-se neste caso que a personalidade marcada pela disfuncionalidade familiar condicionou a decisão de institucionalização, já que a relação afectiva com os filhos não era suficientemente forte para que estes a aceitassem na velhice.

A D. Palmira teve uma vida marcada pela ausência de pai no início da sua infância e pela sua rudeza aquando do seu regresso, o que afectou o desenvolvimento dos traços de personalidade como a desconfiança, a vergonha, e a inferioridade. Houve ainda uma marcada violência doméstica, recordada ainda agora, e que fazia com que a relação com o pai fosse conflituosa e desprovida de afectividade. A fuga de casa, após a morte da mãe nos seus braços, constitui-se como um marco para a viragem da sua vida. Os sucessivos casamentos com homens mais velhos e com interesses económicos envolvidos denotam uma incapacidade de assumir a intimidade, fruto de uma relação edipiana mal resolvida com o pai da infância, confirmando o referido por Figueiredo (1985). Assim, é evidente que a personalidade desenvolvida pela D. Palmira condicionou a forma como ela se relaciona com os vários homens, desde o pai, três maridos e genro, estando esta incapacidade de lidar com o sexo oposto na génese da institucionalização, pelo facto de a relação com o genro ser má. A capacidade de

estabelecer uma relação afectiva com a filha esteve também sempre muito aquém das expectativas para uma família funcional, o que levou a esta decisão por parte da filha.

A infância da D. Clara foi marcada pela inconstância da mãe, que mostrava ter padrões de comportamento díspares, e um temperamento difícil da mãe que passava para os filhos. Este factos parecem ter contribuído para a formação de uma personalidade pouco autónoma, e sentimentos de culpa e inferioridade, confirmando as teorias de Sister (1996) referentes à ausência de mãe. A instabilidade emocional da mãe e a promiscuidade do pai com várias mulheres levaram a que fosse estabelecida uma relação forte com o seu irmão, confirmando o referido por Gimeno(2001) relativamente ao fortalecimento das díades fraternais. O casamento aos 33 anos foi um acontecimento que só se verificou porque houvera um esvaziamento da relação sentimental com o irmão, devido ao casamento deste. Do casamento não resultaram filhos, e aquando da morte do marido a D. Clara tentou o suicídio, pois sentiu que tinha morrido uma das únicas pessoas com quem conseguira estabelecer uma relação sentimental forte (a outra, fora o irmão). A D. Clara nunca procurou estender as suas relações afectivas para além da família de origem, o que fez com que, após a morte do marido, tivesse ficado sozinha, sem amparo afectivo, suportada apenas por uma sobrinha. Assim, a institucionalização foi o desfecho natural, podendo neste caso atribuir-se à dupla conjugação de factores: formação da personalidade com base da disfuncionalidade familiar e ausência de suporte familiar na velhice.

O caso da D. Isabel acaba por ser paradigmático no que se refere à sua personalidade e aos comportamentos da família de origem e de procriação. Assim, a família de origem foi marcada pela disfuncionalidade pelo divórcio prematuro dos seus pais, tinha ela três anos de idade. Criada pela avó e pela tia, acaba por sofrer de maus tratos na infância que influenciam a formação da sua identidade, tornando-se uma pessoa desconfiada, com problemas de auto-afirmação que vêm a revelar-se ao longo da sua vida como geradores de conflito e na sua velhice como indutores de desespero. A causa da sua institucionalização reside aqui em dois pontos fundamentais: um deles aponta para a incapacidade do ponto de vista humano dos seus filhos tomarem a seu cargo uma mãe doente. O segundo aponta para toda a disfuncionalidade que acompanhou a família de origem e que contribuiu para a formação de uma identidade confusa e distorcida, geradora de conflito.

Um dos casos mais paradigmáticos e que mais afectados foram por crises familiares é o do Sr. Amândio. Originário de uma família rigorosa ao nível da educação transmitida pelo pai, e emaranhada pelo facto de ninguém se conseguir autonomizar do poder patriarcal, cresceu com um forte sentido de confiança, diligência e identidade. Casou-se e transmitiu o mesmo rigor aos filhos, baseando-se na moral católica. Com a separação da mulher, devido à infidelidade dela com um padre, acaba por mudar radicalmente a sua forma de estar perante a vida, procurando a luxúria e os bens materiais, deixando de ter uma relação saudável com os filhos. Com o isolamento devido a esta crise familiar todo o sistema acabou por desabar vindo este a transformar-se no facto que, na idade adulta, deu origem à decisão de institucionalização por parte dos filhos. Neste caso, a crise não ultrapassada da separação da mulher levou à ruptura total do sistema, como refere Gimeno (2001).

Analisando em detalhe o caso da D. Miquelina verificam-se traços de não se verificam traços de disfuncionalidade relevantes, nas famílias de origem e de procriação. Inclusivamente ao nível da personalidade, a D. Miquelina tem traços de completa funcionalidade, com traços positivos a todos os níveis. Apesar de várias crises familiares, que passaram por um primeiro divórcio, pela manutenção do segredo em relação a este facto no que diz respeito aos filhos e pela não aceitação dos sogros, a família foi sempre capaz de se reestruturar, vivendo uma relação saudável de respeito pela individualidade. Caso de excepção terá sido, na fase de transição para o segundo casamento, e como forma de proteger as filhas, a entrega destas ao cuidado dos avós e da tia. Neste caso, a razão para a institucionalização parece residir no facto de os filhos não terem a capacidade de integrar uma idosa com alguns problemas de saúde no seio da sua família de origem, indo de encontro ao referido por Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004) e Imaginário (2004).

Na análise da família de origem da D. Lucília chega-se à conclusão que o autoritarismo excessivo dos pais poderá de alguma forma ter marcado a personalidade da D. Lucília, apesar de ela referir uma infância feliz, pela convivência com os irmãos e outras crianças. De qualquer forma, do ponto de vista familiar, poder-se-á considerar a família como equilibrada, com poucos casos negativos dignos de registo, o que contribui para um crescimento saudável. A família de procriação foi marcada por um conjunto de disfuncionalidades, mais ao nível afectivo, que fez com que nunca houvesse um reconhecimento efectivo por parte dos filhos em relação ao papel efectuado pela mãe.

Este facto deve-se à inconsistência de personalidade revelada, que faz com que os filhos não se identifiquem com a mãe, por não reconhecerem nela o papel que Myrian (2001) aponta para os pais como pessoas confiáveis, que mostrem modelos de identificação positivos e que favoreçam na criança um sentimento de competência. Neste caso, a família acaba por não seguir a definição de Guzman (1974) que a define como uma unidade de compartilhamento de um conjunto de situações. Este é o factor que leva à decisão de institucionalização, pelo facto de afectivamente a família estar desligada.

No caso da D. Isabelinha, tanto a família de origem como a de procriação apresentam traços mistos de funcionalidade e disfuncionalidade, principalmente ao nível da família de origem. Apesar destes factos, a idosa foi capaz de desenvolver uma identidade própria, muito positiva e geradora de consensos. A causa de institucionalização prende-se acima de tudo com a idade de 100 anos que a idosa já tem, sendo a sua filha também idosa e não tendo capacidade de cuidar da sua mãe. Assim, este caso de institucionalização acaba por ser do foro social, por falta de descendentes com a capacidade de tomar conta da idosa.

Por fim, no caso da D. Gorete, pode-se concluir que tanto a família de origem como a de procriação são marcadas pela disfuncionalidade aos seus diversos níveis, tendo estas disfuncionalidades contribuído para uma formação de identidade negativa, baseada na desconfiança, dúvida, confusão e levando ao desespero na fase final da vida. O facto de os pais não se preocuparem com a transmissão de valores levou a que a personalidade seguisse os traços negativos previstos por Erikson (1976). A família de procriação foi marcada pela total disfuncionalidade, com casos de alcoolismo, quer do marido, quer dela própria, o que terá gerado nos filhos um sentimento de revolta e não identificação com os pais, sendo o desfecho final a decisão de institucionalização.

Pela análise dos resultados individuais da amostra conclui-se que a decisão de institucionalização para a maior parte dos casos se prende com problemas do foro patológico da família, que atravessaram várias gerações e que se tornaram no foco da não identificação familiar. Note-se que a instituição em causa é privada e com fins lucrativos, e que os valores mensais cobrados são relativamente altos, o que reforça ainda mais a ideia de abandono propositado dos filhos, independentemente das condições económicas exigidas. Verifica-se ainda que as famílias são capazes de

ultrapassar a vergonha referida por Hespanha (1993) de institucionalizar os idosos. Neste caso, os idosos saem do seu meio de conforto familiar (Cowdry, 1962).

Com esta análise contrariam-se algumas das teorias enunciadas, segundo as quais a institucionalização reside no facto do desrespeito pela velhice ou pela dependência física e psicológica do idoso referidos por Paul (1997) e Henderman (2000). Comprova-se sim que, nos casos em estudo, os factores patológicos estão na génese da formação de personalidades extremas, com tendência para o conflito, e com a incapacidade de proporcionar aos filhos o ambiente familiar onde eles se sintam seguros, tal como Gimeno (2001) aponta como caso de sucesso de família. A afirmação de Cabral (1994) que justifica no trabalho excessivo a causa da falta de tempo para os idosos e respectiva institucionalização sai contrariada com este estudo.

Conclui-se ainda que, como refere Cordeiro (1982), a maior parte dos idosos em questão não aceitam a velhice e as transformações que esta traz à sua forma de vida, tendo dificuldades de adaptação às novas condicionantes. Confirma-se também a vontade de todos os idosos envelhecerem em família, como afirma Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004), sendo este facto rejeitado pelos familiares pelo facto da pouca identificação com os progenitores, devido à disfuncionalidade que estes causaram na infância dos filhos (Gimeno, 2001).

Não se confirma o postulado de Pimentel (2005) relativamente à distância geográfica dos filhos e ao isolamento das famílias modernas. Este surge como uma hipótese, mas na maior parte dos casos os filhos dos idosos vivem na região do Porto, pelo que não se encontra aqui qualquer justificação para a decisão de institucionalização. Finch(1989) refere que os filhos reconhecem normalmente que têm o dever de apoiar os pais, o que neste caso não acontece, provavelmente porque os filhos não reconhecem os seus progenitores como verdadeiros e completos pais, devido à forma como estes foram crescendo no seio da disfuncionalidade.

O sentimento alargado de isolamento deve-se concerteza à não convivência em família, como aponta Minuchin (1990) e Drulle (1981). Pela decisão de institucionalização, os idosos passam a ver-se separados da família, desenvolvendo naturalmente sentimentos de solidão e nostalgia, apontando a responsabilidade dos filhos mais pelo factor da

criação do que do sentimento. Frases do tipo “...fui eu que o fiz nascer...” confirmam esta teoria.

Infere-se deste estudo que relações fortes entre as famílias são causadoras de conforto, enquanto que relações conflituosas e disfuncionais levam à quebra de laços e a decisões drásticas de institucionalização. Conclui-se também que a formação da personalidade está de facto intimamente ligada à família, principalmente à de origem, sendo nesta que se desenvolvem os traços que irão acompanhar a pessoa durante toda a idade adulta. Alterações à personalidade, com desenvolvimento de aspectos negativos, levam a um perpetuar de disfuncionalidades para além da família de origem, sendo factores sempre presentes na família de procriação. As famílias disfuncionais levam a laços afectivos fracos fazendo com que não haja uma identificação dos filhos com os pais, sendo este o factor primordial para a decisão de institucionalização.

12. CONCLUSÃO

Muitos são os estudos que abordam a idade adulta, numa perspectiva meramente estatística, focando as suas conclusões num conjunto de dados estatísticos, retirados de inquéritos efectuados directamente aos idosos. As condições que estes idosos têm para responder, quer do ponto de vista físico quer psicológico e afectivo, nem sempre são levados em conta nesses estudos, levando a que os resultados sejam muitas vezes enviesados.

Com o presente estudo optou-se por uma abordagem de proximidade, com o estabelecimento de uma relação de confiança mútua entre investigador e entrevistado, levando a que as respostas tenham sido desinibidas e sinceras. Surge desta relação de proximidade que culmina numa análise qualitativa da informação um conjunto de factos, que ficam escondidos numa primeira abordagem ao idoso, mas que em conversa continuada acaba por vir ao de cima. De facto, as entrevistas acabam por revelar, na maior parte dos casos, várias disfuncionalidades familiares, que começaram nas famílias de origem e se prolongaram intergeracionalmente para a família de procriação de cada um dos idosos, e que estão na base de um conjunto de disfuncionalidades ao nível da personalidade. Estas alterações de personalidade acabam por estar na base de todas as desavenças e disfuncionalidades afectivas com a família, precipitando por parte destas a decisão de institucionalização do idoso, ainda que economicamente a situação se revele desvantajosa e difícil de suportar.

Ficaram assim bem patentes os factores vivenciais da família como causa primeira da decisão de institucionalização, contrariando-se um conjunto de teorias que apontam simplesmente os estilos de vida modernos e o desrespeito pela senioridade como causas primárias para a decisão de internamento em lar.

A divisão dimensional da informação obtida a partir das entrevistas e a sua representação de forma tabular, complementada pelos estudos de caso individualizados, acabam por dar um conjunto de informação qualitativa, tratada ao nível individual, fazendo com que a investigação se situe num nível mais próximo das terapias familiares do que propriamente no tratamento estatístico de informação que muito dificilmente serviria de base para qualquer trabalho prático de intervenção junto da comunidade em estudo. De facto, a aplicação prática de um conjunto de terapias que permitam suavizar

o estágio final da vida de cada um dos idosos estudados torna-se, a partir deste estudo, bastante mais simples, uma vez que estão identificados todos os factores causadores de disfuncionalidade, faltando apenas definir um conjunto de planos de acção individualizados para cada um dos idosos.

Ao longo de todo o tempo da investigação houve um conjunto de factores que limitam os resultados obtidos, apesar de estes estarem desde logo previstos antes do início da investigação. A idade avançada dos idosos faz com que determinados acontecimentos longínquos, principalmente relacionados com os pais e avós, estejam pouco presentes. A não aderência de familiares ao estudo, pelo menos do ponto de vista formal, condiciona as histórias e a visão dessa história de apenas uma das partes; sabendo-se que uma das características do envelhecimento é a auto-vitimização que leva sempre a encontrar “bodes expiatórios” para tudo o que de mal acontece, seria interessante ter uma comparação da história, para analisar a veracidade dos factos.

Ao nível dos objectivos propostos para esta investigação conclui-se que estes foram integralmente concluídos. Foi possível identificar para cada um dos casos os factores familiares que estão na base de decisão de institucionalização e os impactos ao nível da personalidade que estes tiveram, tendo sido possível fazê-lo nas várias gerações de cada uma das famílias.

No final deste estudo conclui-se assim que a metodologia utilizada foi a apropriada face ao problema definido e aos objectivos propostos, permitindo um conjunto de conclusões bem fundamentadas e que de certa forma alteram os tipos de abordagem mais usuais em investigação na terceira idade.

Do ponto de vista das instituições, torna-se fácil recomendar que estas passem a ter apoio psicológico aos seus utentes e respectivas famílias, sendo também importante a sensibilização junto da direcção e funcionários para a saúde mental dos idosos, e a sua importância como meio de proporcionar o bem-estar possível para um grupo já de si fragilizado pelo estigma do envelhecimento e da institucionalização.

É necessário desenvolver actividades para que os idosos consigam manter, até cada vez mais tarde, um equilíbrio entre a parte física e emocional, sendo importante apoiar a família para que esta consiga alterar a sua própria ideia de institucionalização e integrar-se nesse novo mundo, sem complexos.

BIBLIOGRAFIA

- Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias, tempo, caos, processo* (2ª ed.). Coleção: Sistemas, Famílias e Terapias. Lisboa: Climepsi Editores.
- Balancho, L.(2005). *Ser pai, hoje*. (6ª ed.), Lisboa: Editorial Presença.
- Bardin, L.(2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos de terapia familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barnhill, L. (1979). *Healthy family systems*. *Family Coordinator*, 28, 94-100.
- Beavers, R., & Hampson, B. (1995). *Famílias exitosas. Evaluación, tratamiento e intervención*. Barcelona: Paidós Iberica.
- Beavers, W. R. (1982). *Healthy, midrange, and severely dysfunctional families*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Borine, B. (2008). Análise da estrutura familiar, "Beleza Americana". Consultado a 12 de Fevereiro de 2008, em [http:// www.inic.com.br/artigo-pt.asp?id=30](http://www.inic.com.br/artigo-pt.asp?id=30).
- Bowen (1978). *Family therapy in Clinical Practice*. Nova Iorque: Janson Aronson.
- Cabral, B. (1994). A capacidade e responsabilidade da família num mundo em transformação. Uma visão Planetária das questões familiares. *Hospitalidade*, 229, 9-13.
- Campos, C. (1982). População idosa institucionalizada no Distrito de Lisboa. *Direcção Geral de Saúde*, 1, 41-51.
- Cárter, B., & Mcgoldrick, M. (1989). *As mudanças do ciclo de vida - uma estrutura para terapia familiar* (2ª ed.). Brasil: Editora Electrónica.
- Chouhy, R. (2000). Función Paterna Y Familia Monoparental: ¿Cuál Es El Costo De Prescindir Del Padre? *Psicología y Psicopedagogía*, 2378, 345-349
- Christie-Seely, J. (1986). *Working with family in primary care: A system approach to health and illness*. Nova Iorque: Praeger.

Civitas (2003). *How do fathers fit in?*. London: Civitas - The Institute for the Study of Civil Society.

Colin, A. (1986). *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.

Cordeiro, J. C. (1982). *A saúde Mental e a Vida, Pessoas e Populações em risco psiquiátrico*. Editora Moraes.

Costa, M. (2006). *Cuidar Idosos. Formação, práticas e competências dos enfermeiro* (2ª ed.). Coimbra: Edições Sinais Vitais.

Cowdry E. V. (1962). *El cuidado del pacient Geriatrico en su hogar*. México: La Prensa Medica Mexicana.

Drulle, M. (1981). *Vivre ou survivre? Les centres d'ebbergement pour personnes Âgées*. Paris: Editions du centre National de la Recherche Scientifique.

Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2ª ed.). Nova Iorque: Norton & Company.

Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zaha.

Fernandes, A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e politica social-itenerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, problemas práticos*, 36, 39-42.

Figueiredo, E. (1985). *Reino de Xantun. Os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento.

Finch, J. (1989). *Family obligations and Social Change*. Polity Press.

Fleck, S. (1980). Family functioning and family pathology. *Psychiatric Annals*, 10, 46-57.

Fonseca, A. F. (2004). *A psicologia e a psicopatologia da infância e da adolescência* (2ª ed.). Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Freud, S. (1976). *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editoras.

Gameiro, J. (1998). *Quem sai aos seus* (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

- Gimeno, A. (2001). *A família - o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Guzman, D. (1974). *Psicodrama com grupos familiares*. Buenos Aires: Plus Ultra.
- Hall, C., Lindzey, G., & Campbell, J. (2000). *Teorias da personalidade*. (Maria Adriana Veríssimo Veronese, Trad.) (4ª ed.). Porto Alegre: Artemed Editora.
- Henderman, D. (2000). Validity of accelerometer for the assessment of moderate intensity physical activity in the field. *Med. Science Sports Exercices*, 32, 442-449.
- Henry, J. (2001). Comparison of physical activity levels into contrasting elderly populations in Thailand. *American Journal of Human Biology*, 13, 10-315.
- Hespanha, M. (1993). Para além do estado: A saúde e a velhice na sociedade de providencia. *Portugal: um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento.
- Hoffman, L., Paris, S., & Hall, E. (1994). *Developmental psychology today* (6ª ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Imaginário, C. (2004). *O idoso dependente em contexto familiar. Uma análise da visão da família e do cuidador principal*. Coimbra: Formasau.
- INE, Censos (2001). *Resultados do XIV recenseamento geral da habitação*. Instituto Nacional de Estatística Portugal.
- Lieberman, C. (1979). Problems of women psychiatric residents, *Psychiatric Quarterly*, 53,175-181.
- Malpique, C. (1998). *Ausência de pai* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Malpique, C. (1999). *Pais e filhos em consulta psicoterapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marchand, H. (2001). *Temas de desenvolvimento. Psicologia do adulto e do idoso*. Coimbra: Colecção Psicológica.
- Maslow, A. (1970). *Motivation and Personality*. New York: Harper & Row.
- Mcgoldrick, M., & Gerson, R. (1985). *Genogrammes et entretien familial*. Paris: ESF Editeur.

- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias fundamento e tratamento*. Porto Alegre: Arte Médica.
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (2003). *Técnicas de terapia familiar*. Belo horizonte: Artmed.
- Monteiro, M., & Santos, M. (1999). *Psicologia* (1ª ed.). Porto: Porto Editora
- Myers, D. (1993). *Social Psychology*, (4ª ed.). Toronto: McGraw-Hill.
- Myrian, B. (2001). *Psicopatologia da criança*. Coleção de psicologia de bolso. Lisboa: Climepsi.
- Olson, H. (1986). Commentary: Struggling with congruence across theoretical modes and methods. *Family Process*, 24, 204-207.
- Paul, M. (1997). *Lá para o fim da vida. Idosos, família e meio ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Pimentel, L. (2005). *O lugar do idosos na família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Pittman, F. (1990). *Momentos decisivos. Tratamiento de familias em situaciones de crisis*. Barcelona.
- Polit, D. F. (1995). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências Sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Reis, J. (1996). O envelhecimento. *Revista Geriátrica*, 83, 14-28.
- Relvas, A. (2003). *Por detrás do espelho* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Rosa, V., & Lapointe, J. (2002). *Culture et Psychology: une approche anthropologique* (1ªed). Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Sampaio D., & Gameiro J. (1998). *Terapia familiar*. (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

Sampaio D., & Gameiro J. (2004). *Terapia familiar* (5ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

Santos, P. (2000). *A depressão no idoso*. Coimbra: Quarteto.

Sequeira, C., & Ferreira A. (2006). Histórias de vida. *Sinais vitais*, 67, 63-66.

Sister, B. (1996). *O Édipo das origens*. S. Paulo. Consultado a 30 de Maio de 2008, em http://www2.uol.com.br/percurso/man/pcs_21/artigo_21119.htm.

Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família* (1ª ed.). Porto: Âmbar.

Tavares, F. (1995). *O mundo da família*. Porto: Laboratórios Bial.

Yin, R. K. (1994). *Applications of Case Study Research*. NewburyPark: Sage.

ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Entrevista D. Alcina

A entrevista foi realizada a 15 de Janeiro de 2008 às 10 horas da manhã, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem ?

Nasci em 6 de Fevereiro de 1917.

Estado civil?

Sou viúva há mais de 20 anos.

Escolaridade?

Não tenho, mas sei ler e escrever.

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 2 de Fevereiro de 2003.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

A minha vida foi sempre uma tristeza; sofri muito desde pequenina, nunca fui a uma escola. Vivia em Santa Maria da Feira. Com seis anos fui servir para Aveiro, passava o dia a limpar escadas. Os meus avós maternos morreram muito cedo e não os conheci. Se eles estivessem vivos, talvez não precisasse de ir servir aos seis anos.

Nunca conheci o meu pai. Fez um filho à minha mãe e desapareceu, nunca soube nada dele. A minha mãe também era uma mulher da vida, por isso nunca nos deu grande atenção; tenho uma irmã que também não se sabe quem é o pai. Nunca quis contar isto a ninguém; até sinto vergonha. Prometi ao meu filho nunca contar isto, mas já que é você, e os meus filhos já morreram, estou a contar-lhe, pois até me sinto aliviada. Por isso já está a imaginar a minha vida.

Passei muita coisa, levei muita porrada dos senhores com quem trabalhava porque eu cansava-me muito e tentava descansar pois eu era uma criança. Tive de ir servir porque a minha mãe não tinha possibilidades de me dar comida, a mim e à minha irmã. Ela

trabalhava a bordar par fora, mas dava pouco dinheiro e segundo a minha mãe os pais dela morreram muito cedo por isso também não tinha quem lhe deitasse a mão.

Passados para aí uns três anos eu e a minha irmã regressámos para junto da minha mãe e ela resolveu que devíamos vir para o Porto, visto que ela sabia bordar muito bem, e ensinou-nos a nós a bordar e a costurar, tinha eu cerca de 10 anos. E assim foi. Começámos a trabalhar aqui no Porto; vivíamos as três num quarto muito pequeno e acabámos de crescer assim. Nunca soubemos o que era ser criança e muito menos brincar; nunca me lembro de um brinquedo. A minha mãe também era um a pessoa amargurada, e só pensava no trabalho, por isso nunca nos deu um carinho que fosse. Eu até gostava da costura e do trabalho com a roupa, mas a minha irmã não gostava nada, por isso mal pôde arranjou um namorado e foi com ele para o Brasil.

Entretanto, eu também conheci um rapaz; só o conheci a ele nunca tive mais namorado nenhum e casei com 17 anos, mas a minha vida não mudou muito: passei muita fome, mal casei tive logo os meus filhos. Tive dois e fechei logo as portas. Era tempo de muita fome, era tempo de guerra, a segunda guerra Mundial. Tirei muito da minha boca para lhes dar a eles mas nunca os deixei ir servir. Era eu quem costurava todos os dias centenas de fardas para os soldados levarem para a guerra; Todos os dias às seis da manhã ia levar a trouxa de roupa, não dormia em toda a noite.

O meu marido trabalhava num escritório mas ganhava muito pouco, mas dava para pagar as coisas de casa. Ele era um homem muito respeitoso, mas também era muito rigoroso e muito ciumento; eu não podia olhar para o lado, por isso também sofri muito; não podia usar um pequeno decote ou uma saia mais ousada que ele tratava-me logo mal. Quando ia no autocarro e um cavalheiro se levantava para eu me sentar ele ficava logo com uma cara e com vontade de me malhar. Passado três anos ele resolveu ir também para o Brasil e queria que eu também fosse mas eu não quis ir fiquei cá com os meus filhos. Esteve lá cerca de 3 anos, só mandou notícias duas ou três vezes, nunca mandou um tostão por isso eu aqui matava-me a trabalhar para não faltar o essencial aos meus filhos. Também tenho de reconhecer que também nunca lhes dei muita atenção porque trabalhava muito, mas nunca os tirei de casa. Nem tinha tempo para pegar neles ao colo. Depois o meu marido regressou e veio voltar a trabalhar no mesmo sítio onde trabalhava antes. Continuava o mesmo tipo de pessoa, pouco tolerante e de poucas falas; à mesa com os filhos era muito rigoroso; à mesa não se falava, não se podia dar uma

palavra. Com o dinheiro que ele trouxe do Brasil comprámos uma casa e a vida começou a melhorar; os filhos foram crescendo.

A minha mãe morava perto de mim mas o meu marido não gostava muito dela devido à maneira como ela levou a vida. Ela também era uma pessoa muito fechada, era como eu. Vivia sozinha na casa dela mas eu quando podia ia lá vê-la e tratava-lhe das coisas de casa e mandava-lhe a comida pelos meus filhos. Um dia de manhã fui ter com ela e quando a vi ela tinha tido uma queda e estava morta; não sei bem o que teve mas pelo menos nunca saiu de casa dela como era o seu desejo. Ainda hoje me sinto culpada por a ter abandonado ao seu destino.

O meu filho estudou e depois foi trabalhar; a minha filha só fez a 4^a classe e saiu cedo de casa para casar, ainda que contra a minha vontade; trabalhava também na costura e teve 2 filhos. O meu filho, depois de casar ainda morou algum tempo em nossa casa mas depois, claro, foram governar a vida deles, mas moraram sempre aqui no Porto.

Fiquei viúva; o meu marido tinha 68 anos e morreu com o cancro do pulmão. Entretanto a minha filha também ficou muito doente, pouco tempo depois do pai morrer; ela era uma pessoa muito fechada e não contava a ninguém que estava doente; ainda tinha os filhos pequenos. Um dia fui a casa dela; ela chorava de dores e levei-a para o hospital e detectaram um cancro na vesícula. Já não saiu de lá viva. Hoje ainda me sinto angustiada com a morte dela. Deveria ter percebido antes que ela estava doente. Como já disse, saiu de casa cedo, pois não aguentava a vida lá de casa. O pai era muito rigoroso, e eu nunca lhe dei o devido valor. Nunca falei com ela sobre as coisas da vida, nunca a ouvi, e nunca lhe dei um carinho que fosse. Fiz exactamente o mesmo que a minha mãe me fez a mim.

Mais dois desgostos. Fiquei a morar sozinha na minha casa, não tinha amigos, nem nunca dei confiança aos vizinhos. Nunca gostei de me meter na vida de ninguém por isso não queria que ninguém se metesse na minha vida. Os dias eram todos iguais. De vez em quando o meu filho visitava-me, assim como os meus netos, mas tinham a vida deles, tinha a minha reforma e a do meu marido e levava a minha vida sem grandes luxos.

Como veio para o lar?

O tempo foi passando e eu cada vez mais velha, mas gostava de viver sozinha com as minhas lembranças; fazia as minhas rotinas e lá vivia. Um dia de manhã fui às compras e quando cheguei a casa tinha sido assaltada levaram tudo o que era de valor. O meu filho e o meu neto vieram ter comigo dizendo que eu não podia estar só, e como a minha relação com a minha nora não era das melhores fui viver para casa do meu neto. A minha nora dizia que eu era a responsável pela morte da minha filha, dizendo que eu nunca quis saber dela, e por isso os meus netos por parte da minha filha nunca mais falaram comigo nem quiseram saber mais de mim. Mas eu gostava muito dela; ainda hoje sofro muito com a morte dela.

Entretanto fui para casa do meu neto, mas não deu resultado. Eu estava todo o dia em casa sozinha e eles acharam que eu assim não estava bem. Então resolveram colocar-me no lar.

Um dia o meu filho veio cá visitar-me e no dia a seguir soube que ele tinha tido um enfarte mas a culpa não foi minha. Eu só queria saber das minhas coisas, do meu dinheiro que tinha no banco. Eu tenho direito a saber quanto dinheiro tenho; sempre tratei das minhas coisas e depois enfiaram-me no lar e pensam que eu já morri. Eu só queria que ele me levasse ao banco para saber das coisas. Desde que vim para cá puseram-me ao lado de tudo (a utente contava isto com ar revoltado).

Dias depois o meu filho morreu. Mais uma culpa no corpo.

A senhora queria vir para o lar?

Nunca. Eu queria estar era na minha casa. Preferia estar sozinha. Vim para aqui comecei logo a ficar cega. Caí e parti a anca e depois claro foi sempre a ficar cada vez mais dependente. Não gosto que me dêem ordens; gostava de estar na cama até que horas me apetecesse e não gosto de dar trabalho a ninguém. Gosto de estar no meu canto. Desde que vim para aqui nunca mais fui a mesma. Tenho comichão pelo corpo todo, são uns bichos que andam lá no quarto eu bem os vejo, são muito pequeninos. Sou uma desgraça.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Eu não procurei nada eles trouxeram-me logo para aqui, gostasse ou não.

A sua família vem cá visitá-la?

Depois do meu filho falecer raramente vem cá alguém. A minha nora vem cá fazer os pagamentos e só nesse dia é que a vejo. Os meus netos não vêm cá pois acham que eu fui culpada pela morte dos pais, mas só Deus é que sabe como eu gostava que os meus filhos estivessem vivos, pois por ordem das coisas eu teria de morrer antes e Deus não se lembra de mim. O meu neto mais velho é que nas principais festas, como no Natal, é que me vem buscar para eu ir lá cear mas até me sinto mal porque noto que só fazem aquilo para eu não ficar só nessa noite no lar. Mas fico tantas outras que para mim aquilo não faz sentido nenhum. Quem me telefona muitas vezes é a minha irmã do Brasil. Nunca mais cá veio desde os seus 15 anos mas telefona muitas vezes. Os meus sobrinhos também telefonam. Até queria que eu lá fosse, mas se nunca fui, não vai ser agora que lá vou; mas fico contente por não se esquecerem de mim.

Como é o seu dia no lar?

Passo muito tempo sozinha no meu quarto. Venho para estas salas e fico ainda mais deprimida quando olho para estas pessoas que se tem de dar de comer à boca, babam-se todas, é preciso levarem-nas à casa de banho. Só peço a Deus que se ficar assim que me leve logo. Não gosto de jogar nem de fazer nada; já trabalhei muito quando era nova, agora descanso. Sinto muita tristeza por ter de terminar a minha vida num lar sempre gostei da minha casa.

Entrevista D. Laurinda

A entrevista foi realizada a 07-02-2008 às 11:00, não tendo sido usado o gravador como suporte de gravação áudio, a pedido da entrevistada. O suporte usado foi o papel, e o texto que se segue é a reconstituição textual da entrevista, efectuada logo após a ocorrência, tendo como suporte as anotações efectuadas.

Quantos anos tem ?

A entrevistada referiu ter 88 anos.

Estado civil?

Respondeu prontamente a D. Laurinda: “Sou solteira, nunca gostei de me prender a ninguém. Era uma pessoa que não gostava de ter uma vida presa, principalmente por um homem”.

Escolaridade ?

Professora Primária.

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 3 de Janeiro de 2006.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

A idosa nasceu e morou até aos 15 anos em Lamego. “Naquela altura ainda era uma terra muito longe do Porto, e até de Vila Real”, refere. Aponta a D. Laurinda que a sua vida de criança foi como a de todas as outras: brincou, estudou na escola primária e com 15 anos foi para Vila Real, e morava com os seus primos. “Esses sim, lembro-me bem deles e considerava-os mais família que a própria família pois eram eles que me ouviam quando tinha algum problema”, apontou a D. Laurinda.

Os pais estavam longe, só telefonava de vez em quando: “Só perguntava como iam as coisas não se entrava em grandes pormenores”. Por isso, segundo a D. Laurinda, os laços iam-se desfazendo. Desde muito cedo começou a ter uma vida muito independente. Visitava muito raramente a família porque os transportes eram muito raros e também porque não tinha assim tanto dinheiro para andar para a frente e para trás; o seu pai usava o mesmo argumento.

Quando terminou o curso veio para o Porto. Foi dar aulas para um colégio, do qual se tornou proprietária e directora e assim dedicou a sua vida às crianças desde os três anos até eles serem crescidos. Refere a D. Laurinda: “Eles preenchiam todo o meu tempo, por isso nunca senti necessidade de namorar nem de ter filhos, preferia durante o dia cuidar dos filhos dos outros e de noite dormir sossegada na minha cama”. Morava num

apartamento com uma colega: "Gostávamos muito uma da outra e vivíamos como irmãs. Passeávamos juntas e trabalhávamos no mesmo colégio".

Sobre as vistas à família diz que as visitas eram esporádicas, o que lhe causou o afastamento da família: "Contam-se as vezes que fui a Lamego; não me puxava nada, porque detestava viajar. Também não havia grande preocupação por parte deles; também nunca me visitaram. Eu, no Natal e na Páscoa ia lá, mas vinha logo embora ao outro dia. Mais tarde os meus pais faleceram e eu nunca mais tive nenhum relacionamento com o resto da família. Tive um irmão que também não teve grande relacionamento pois era mais novo que eu cinco anos. Ele ficou sempre por Lamego. Teve 8 filhos que foram todos para Lisboa; claro não querem saber da tia para nada ela também nunca lhes ligou. O meu irmão já morreu assim como a mulher".

Viveu sempre com uma colega que faleceu com 80 anos. "Essa senti realmente muito a falta dela. Fiquei a morar sozinha, coisa que me custou muito, visto que estava habituada a morar com aquela pessoa ela era realmente a minha família e só quando ela me deixou a que eu vi a falta que me fazia". Diz ainda a D. Laurinda: "Os dias tornaram-se longos demais e como ao longo da minha vida não fiz grandes amigos estava a pagar agora na pele. Tenho muitos conhecidos porque era uma pessoa que conhecia muita gente devido à minha profissão, mas nada de especial".

Nunca casou mas a amiga teve um filho e a D. Laurinda continuou a morar com toda a família. "Numa altura comprei um apartamento porque não conhecia o temperamento da pessoa com quem a minha amiga se casou, mas tive sorte, ele era uma excelente pessoa". A D. Laurinda criou aquele rapaz como um filho: "Esse filho cresceu e casou e teve dois filhos, os quais eu trato por sobrinhos".

Como foi a sua vinda para o lar?

A D. Laurinda morava sozinha no 5º andar. Todos os dias saía de casa, ou para tomar café ou dar uma volta, e falava com os seus vizinhos, aquilo já era um hábito. Um dia eles acharam estranho não a verem e foram-lhe bater à porta mas ela não respondeu. Continua a D. Laurinda: "Eles chamaram a polícia e arrombaram a porta e lá estava eu no chão. Levaram-me para o hospital onde me diagnosticaram uma fractura da anca; ainda estive internada bastante tempo. Depois, quando tive alta uns primos meus que também viviam aqui no Porto propuseram-me a minha ida para um lar. Quando me

reformei, decidi doar o apartamento aos meus sobrinhos, nunca pensando que me colocassem no lar, pois se eu soubesse nunca lho tinha dado”.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

“Eu antes de vir para aqui fui para outro lar, mas fui muito mal tratada. Mas estes parentes que eu lhe falo não gostaram das instalações nem da maneira como fui tratada e trouxeram-me para aqui”. Mas a D. Laurinda diz que nunca tinha ido ver nenhum lar porque nunca pensou nessa possibilidade: “Só em pensar num lar dava-me uma tensão, mas afinal até gosto de estar aqui”.

A sua família vem cá visitá-la?

A D. Laurinda diz que tem poucas visitas: “Os únicos familiares que me vêm visitar são estes parentes que bem conhece. Deixei-lhes tudo o que tinha e eles tomam conta de mim, pelo menos vêm saber se eu preciso de alguma coisa, mas felizmente não preciso de nada. Por vezes sou visitada por antigos colegas e alguns conhecidos que sabem que eu estou aqui. Os meus sobrinhos nunca me vieram visitar; eu sou uma pessoa estranha para eles. Também não iam ter o trabalho de vir de Lisboa até aqui para verem a tia velha, isso para eles não tem significado nenhum. Eu bem os gostava de ver, pelo menos ver se os tirava pela pinta, mas é assim a vida”.

A senhora queria vir para o lar?

A D. Laurinda respondeu um peremptório não, e referia tremer sempre que pensava neste assunto: “Tremia cada vez que pensava no assunto, mas a vida nem sempre é como queremos. Mas agora gosto de estar aqui. Divirto-me ao ver esta velharia a andar de um lado para o outro e vejo a paciência que vós tendes para aturar isto. Não é fácil”.

Como é o seu dia no lar?

Passa o dia sentada a ver televisão, a fazer trabalhos com a menina Liliana e a ver o tempo passar: “Já não tenho olhos para ler nem para fazer mais nada, e penso como foi a minha vida. Às vezes poderia ir passear mais vezes, mas custa-me muito andar e não gosto de ir a estas ruas; Dão-me muitas lembranças, pois sempre morei por aqui. Nunca mais consegui passar no colégio e muito menos na minha casa. Tenho medo da minha reacção”.

Entrevista D. Carolina

A entrevista foi realizada a 09-02-2008 às 14:00 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem ?

83 anos.

Estado civil?

Sou viúva.

Escolaridade?

Andei até à terceira classe na escola.

Há quantos anos está a viver no lar?

Vivo aqui há cerca de 5 anos, vai fazer a 31 de Julho. Vim em 2003.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Eu tinha 12 irmãos, mas morreram todos muito novos. O meu irmão mais novo morreu com 22 anos. Chamava-se Pedro, era marinheiro. Veio doente, foi para o hospital militar e acabou por morrer, e deixou duas filhas pequenas e a mulher.

Os meus pais eram muito pobres. A minha mãe era doméstica e tratava de nós todos como podia; quer ela quer o meu pai sempre gostaram muito dos filhos; os meus irmãos foram morrendo todos. Como já disse, só ficou o meu irmão mais novo que morreu com 22 anos e uma irmã que também morreu nova. A nossa vida em criança foi sempre triste, porque a minha mãe com tanta desgraça apanhou uma depressão. Nunca a vi rir, sempre triste. O meu pai também não lhe ligava muito, eram homens daquele tempo, de poucos sentimentos. Ele passava muito tempo no cemitério ou na taberna, e dizia que não a aguentava, pois ela tinha muito mau humor. Até a nós nos fazia confusão, estar em casa com ela.

A minha mãe matou-se em casa com 54 anos, desgostosa porque a minha irmã teve um acidente e ficou inválida, e a minha mãe é que tomou conta do filho dela. Mas o marido

dela perante aquele quadro foi-se embora, mas passado algum tempo veio buscar o filho, e a minha mãe com o desgosto matou-se. Pelo vistos o meu cunhado já tinha uma amante, mesmo antes da minha irmã ter o acidente pelo qual depois acabou por falecer. Nunca quis saber do miúdo, e de um dia para o outro veio buscá-lo. Ela matou-se com “remédios”.

O meu pai era porteiro de Agramonte, era cobrador do cemitério. Ficou a viver só depois da minha mãe morrer, e ele morreu também muito cedo, com 64 anos, com um ataque. Era eu que tomava conta dele na altura.

Quando tinha 21 anos já não tinha pais nem irmãos. Eu trabalhei muito em solteira, era o único sustento da casa depois do meu pai ficar doente. Tomei conta de crianças, trabalhei muitos anos numa clínica de ecografias. Depois de casar deixei de trabalhar, só tomava conta da casa. Arranjei um namorado; namorei com ele pouco tempo mas engravidei ainda em solteira e tive de “deitar abaixo” a gravidez por causa da vergonha, tanto minha como do meu namorado. Passado algum tempo resolvemos casar e voltei a engravidar mas a criança só viveu 3 dias. Depois nunca mais consegui engravidar; cá para mim foi um grande castigo que eu tive. Nunca fui de ligar muito à família, só tinha as minhas sobrinhas, e nunca tive assim tanta confiança com elas.

O meu marido teve uma amante, da qual tinha um filho dela. Eu sempre soube, e ele sabia que eu sabia, mas nem se importava. Eu ia a casa dela e berrava com ela e batia-lhe; ela fazia queixa ao meu marido e ele quando chegava a casa batia-me a mim, mas eu não me importava. Mas uma coisa é certa: ele nunca me deixou; mas teve a amante durante 20 anos. Arranjou uma amante porque ele era um homem da noite e procurava casas de prostituição: gostou da tipa. Passei muito por causa dela; sofri muito. Mas também era muito meu amigo, e levou-me a conhecer o mundo inteiro: fui ao Brasil, Grécia, França e em Portugal não há lugar nenhum que eu não fosse. Mas continuava sempre a andar com ela. Ele era um ardido. Mas eu também lhe batia a ela, muito; puxava-lhes por aqueles cabelos, e quando passava por ela na rua tratava-a muito mal. Ao meu marido, eu perdoava-lhe tudo; era a única pessoa que tinha e como ele tinha muitas possibilidades... e aguentei sempre assim a minha vida. No fundo ele nunca me faltou com nada.

Ao fim de 63 anos ele morreu. No dia do funeral dele zanguei-me com o filho da minha irmã, que por causa dela a minha mãe se matou, porque ele foi ao banco e levantou o dinheiro e deixou a casa toda vazia dos bens do meu pai; foi pessoa que também morreu para mim. Depois do meu marido morrer fiquei a morar sozinha e arranjei uma rapariga para ir morar comigo, mas durou pouco tempo, porque ela me roubou. Levou-me todo o ouro que tinha. Depois tive outras moças que não prestavam, que só se queriam aproveitar de mim. Eu tenho duas sobrinhas por parte do meu irmão: sempre foram minha amigas enquanto eu não precisava, e o meu marido dava-lhes muito. Quando fiquei sozinha tinha uma que vinha visitar-me e a outra só começou a vir depois de ficar viúva. Eu bem as percebi, mas esqueceram-se que eu tinha gasto o dinheiro quase todo a viajar. O que elas queriam era ver o que podiam levar, mas eu não sou tola, e despachei-as.

E foi assim a minha vida

Como veio para o lar?

Eu vivia só como já disse. Quando podia ia visitar as minhas sobrinha, e até lhes telefonava muitas vezes. Mas elas visitavam-me poucas vezes pois tinham a vida delas e a família delas pois eu delas não era nada. A minha saúde também não era grande, porque eu nunca trabalhei depois de casada. O meu marido trabalhava na EDP ganhava bem para nós, ia eu trabalhar para ele dar o dinheiro ao filho dele, isso a que era bom. Nessa altura eu dava tudo o que tinha às minhas sobrinhas, pois elas gostavam muito de mim. Elas tratavam-me bem, iam passear comigo e levavam-me ao restaurante.

Era a idade e uma noite qualquer deu-me uma coisa; os vizinhos aperceberam-se e arrombaram a porta e encontraram-me no chão. Levaram-me para o hospital e estive lá cinco dias e depois trouxeram-me para aqui porque o marido da minha sobrinha não queria que eu fosse para casa dela dizia que eu era muito chata e obrigou a minha sobrinha a trazer-me para aqui. Quando eu viajava trazia-lhe sempre boas prendas a ele, e agora foi a paga. É um mal agradecido.

A senhora queria vir para o lar?

Nunca quis. Sempre gostei da minha casa. Para um lar é a última ida para onde se quer ir; deixámos as nossas coisas ao abandono, deixámos lá ficar a nossa vida, deixei lá em

casa tudo o que era bom, mas elas já despacharam tudo, por isso não sei que fim deram às minhas coisas. E aqui mexem-me em tudo até me roubam a minha roupa. Eu é que não quero dizer nada para não me chatear. Triste ser-se velho, porque Deus não se lembra de mim. Uma pessoa só está aqui para sofrer.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Nunca fiz contas de vir para o lar. Tudo o que tinha dei às minha sobrinhas pensando que um dia ela ficariam comigo mas foi um engano. Nunca pensei em vir, mas também nunca pensei durar tantos anos. Já tenho 83 anos! Já não faço falta nenhuma; devia era morrer.

A sua família vem cá visitá-la?

Vêm cá elas mais ou menos 1 vez por semana o que é muito pouco, depois vêm sempre com muita pressa. Tenho uma vida muito triste, neste momento o que mais queria era morrer.

Como é o seu dia no lar?

É a tomar conta do meu menino (o gato) e a olhar pela janela. Quando está bom tempo ainda vou dar uma volta até à rua, quando está frio olho para as outras pessoas e tomo conta do meu bicho. Quando as empregadas me pedem eu ainda ajudo a tirar as mesas mas a directora não quer porque tem medo que eu caia e me aleije com a loiça. Ando aqui sempre cheia de dores, o médico diz que já não sabe o que me há-de fazer. É uma vida muito triste. É triste ser-se velho.

Entrevista D. Anunciação

A entrevista foi realizada a 01-03-2008 às 10:00 h, não tendo sido usado o gravador como suporte de gravação áudio, devido ao desconforto demonstrado pela entrevistada. O suporte usado foi o papel, e o texto que se segue é a reconstituição textual da entrevista, efectuado logo após a ocorrência, tendo como suporte as anotações efectuadas.

Quantos anos tem ?

83 anos.

Estado civil?

Viúva.

Escolaridade?

Fiz a 2ª classe

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 27 de Julho de 2007. Diz a D. Anunciação: “Estou aqui há pouco tempo e nunca pensei cá estar. Nunca achei que os meus filhos me colocassem num lar”.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Os seus pais estiveram muito tempo em África e depois foram para o Brasil, onde nasceu a D. Anunciação e o seu irmão mais velho. “O meu irmão mais novo nasceu em Portugal”, refere. O seu pai trabalhava com o café, mas quando ele deixou de ser economicamente rentável, voltaram para Portugal: “No Brasil o meu pai trabalhava no café; eram pessoas muito endinheiradas mas quando ele deixou de dar, o meu pai veio para Portugal. Pelo o que eu percebi na altura ele ficou com muitas dívidas e não conseguiu pagar, mas nunca percebi muito bem a história, pois quando se abordava o tema toda a gente chorava e ficava muito triste.”. Voltaram então para Portugal e os seus pais tiveram de começar tudo de novo: “O meu pai trabalhava como sapateiro e a minha mãe como costureira”. Sobre a relação entre os pais, a D. Anunciação diz: “Eu sei que os meus pais eram muito amigos um do outro, e connosco sempre tiveram uma boa relação. Deram-nos uma boa educação”.

O tempo foi passando mas a família não conseguiu reconstruir-se “Eu andei na escola mas pouco tempo. Os meus irmãos fizeram a 4ª classe depois o meu irmão mais novo começou a ter o vício do jogo. Para o meu pai foi uma tristeza pois ele gastava tudo o que encontrava. Eu fiz pouca coisa, porque o meu pai começou a ter o vício do álcool e tornou-se um malandro, mas a minha mãe trabalhava muito e ajudou o meu irmão do meio a tirar um curso comercial. Eu, apesar de ter estudado pouco, sei ler e escrever. O

meu pai, com o vinho, e com o desgosto do meu irmão, foi como se tivesse morrido, ninguém contava com ele para nada.”.

Entretanto, começou a trabalhar com 14/15 anos na costura com a mãe: “Era modista. Trabalhávamos noite e dia; tínhamos sempre muito trabalho. Não tínhamos tempo sequer para ir ao jardim passear, nem para ir às festas”. Mais tarde arranhou um namorado com quem namorou três anos e casou: “Mas não tive grande sorte com ele. Ele gostava muito de mulheres: era um bom pai, mantinha a ordem lá em casa. O único mal dele era andar com mulheres e isso fazia-me sofrer muito, mas sempre calada; mas ele nunca me deixou. Ninguém imagina o que é sentir não ser amada, e isto aconteceu duas vezes na minha vida, primeiro com o meu marido e agora com os meus filhos.”. Sobre marido referiu ainda: “O meu marido era um homem rude e de poucas falas. Nunca tivemos oportunidade de falar sobre a nossa vida privada. Quando tocava no assunto, ele levantava-se da mesa e saía de casa”.

O marido era polícia e tinha de fazer umas tantas horas de treinos de avião e num desses treinos o avião caiu e ele morreu: “Tinha na altura a minha filha mais velha 18 anos e o mais novo 9. Fiquei com os meus filhos, trabalhei muito para que eles estudassem. Todos eles tiraram curso superior. Eu trabalhei muito e eles também foram bons alunos. Bem sei que não tinha grande tempo para lhes dar mimos, mas tinha de ganhar o dinheiro para eles estudarem, e não terem de passar o que eu passei, mas parece que eles não percebem isso, e eu às vezes sinto-me culpada. O meu filho António é advogado, a Anabela é contabilista, a Vanda é analista e a Ana Paula é escritora. Eles sempre foram muito independentes, estudaram todos fora.”.

Como veio para o lar?

Veio para o lar porque não tinha mais lugar nenhum para estar. Como a própria diz, “As minhas filhas dizem que, como eu estou doente, o melhor lugar para eu estar é aqui. Não quer dizer que eu não goste de estar aqui, mas preferia estar com os meus filhos, pois eu fiz muito sacrifício por eles e não merecia este fim. A minha casa era alugada e entregaram-na quando eu estive doente, deixei de andar. No início passava a minha vida a passar de casa de filho em filho, mas não deu certo porque alguns dos meus filhos nunca estão em casa. Então eu quase que estava sempre na casa da minha filha Vanda mas ela disse que não aguentava mais e como os outros filhos não me levavam para

casa ela decidiu colocar-me aqui. A minha filha mais nova estava contra, mas ela também não podia tomar conta de mim. No início a minha filha ainda arranjou uma empregada para ficar comigo e todos pagavam, mas as despesas eram muitas. Eu senti que era um incómodo para os meus filhos, e que era um estorvo, pois se dinheiro não lhes falta e aqui até pagam mais, só mesmo por não gostarem de mim é que me punham aqui. Então vim para aqui contra minha vontade e nunca aceitei aqui ficar e claro não posso mostrar bom grado. Quando elas cá vêm eu digo-lhes para me levarem mas elas dizem que não podem tomar conta de mim.”

A senhora queria vir para o lar?

A D. Anunciação diz que nunca queria vir, nunca gostou de estar presa numa casa e não se identifica com nada disto: “Queria a minha casa, estar com os meus filhos, com os meus netos e bisnetos que mal os conheço, porque ninguém mos cá vêm mostrar. Parece que aqui há doenças transmissíveis”.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

A resposta foi demorada mas acabou por sair: “Não, eu não vi nada nem sei se as minhas filhas viram alguma coisa antes de me trazer para aqui. Se o fizeram nunca me disseram nada”.

A sua família vem cá visitá-la?

A D. Anunciação queixa-se da falta de visitas por parte da família: “No início vinham todos os dias agora vêm de mês a mês. A minha filha vem cá buscar o sangue para o controle e nem sobe para me vir ver; elas pensam que eu não dou conta; mas eu bem sei; não custava nada vir ver-me ou bastava dar-me um beijo e desejar-me um bom dia”. Refere ainda que os familiares se queixam da falta de tempo para a visitar devido ao trabalho: “Têm muito trabalho e segundo eles trabalham até muito tarde”.

Como é o seu dia no lar?

Passa o seu tempo no quarto e na sala, evitando o convívio com os restantes idosos: “Não gosto de me juntar com aquelas pessoas. Gosto de estar em silêncio, nem a televisão gosto de ver. Fico só aqui, não posso andar por isso estou sempre sentada na cadeira ou deitada na cama a ver o tempo passar. Olho pela janela e vejo as nuvens. É

um final de vida muito triste, desde que vim para aqui, nunca mais ninguém me levou a passear”. Queixa-se ainda que nunca mais foi a casa dos filhos: “Os meus filhos não me levam a casa deles nem sequer nas festas. Não percebo porquê, penso ter sido uma boa mãe”.

Compreende que hoje a vida não é fácil e toda a gente tem muito que fazer: “Mas não trabalham por turnos, ao fim-de-semana devem estar em casa. Poderiam vir buscar-me pelo menos uma vez por mês, mas nem isso. Dizem que eu sou chata porque estou-me sempre a queixar. Pois se eu tenho dores! Enfim”.

Entrevista D. Palmira

A entrevista foi realizada a 01-04-2008 às 10:00 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem ?

74 anos.

Estado civil?

Viúva há 27 anos.

Escolaridade?

3ª Classe

Há quantos anos está a viver no lar?

Estou cá há cerca de dois anos. Vim para aqui no dia 3 de Março de 2006.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Nasci numa aldeia perto de Viseu. Da minha mãe nasceram 12 filhos, mas só conseguiram sobreviver quatro raparigas, de resto morreram todos. Morriam quando eram pequeninos, e só os rapazes. A minha mãe e o meu pai trabalhavam no campo. Depois mais tarde o meu pai foi tratar de porcos para o Alentejo, e a minha mãe tomava

conta de nós e dos terrenos. Gostávamos muito dela. Ela dava tudo para nos ver felizes. O meu pai é que era diferente e só nos visitava uma a duas vezes por mês.

Fui para a escola e fiz a 3ª classe. Depois desisti, porque os meus pais não tinham condições financeiras. Havia muita fome; eu ia descalça para a escola, era uma vida muito dura. As minhas irmãs também foram para a escola mas todas nós começámos a trabalhar muito cedo. Eu quando desisti de estudar fui trabalhar para um atelier de umas pessoas muito ricas e eu fazia as entregas das roupas que lá se faziam. Era na rua do Comércio em Viseu. Trabalhei lá durante muito tempo mas depois a dona foi para o Brasil e eu fiquei desempregada. Então fui servir para casa de uns senhores mas à noite vinha dormir a casa. Nessa altura o meu pai já tinha vindo do Alentejo. Eu gostava muito da minha, mãe do meu pai nem por isso; tinha um mau génio... Eu e os meus irmãos levávamos muita porrada do meu pai e a minha mãe sofria muito com isso, porque gostava muito de nós. Ver o meu pai a maltratar-nos era como se lhe batessem a ela, e ficava muito zangada e gritava por socorro, mas não podia fazer nada para contrariar o meu pai. Quando ele nos batia, eu e os meus irmãos fugíamos para debaixo da cama que eu já tinha comprado com o meu dinheiro, porque antes de trabalhar nós dormíamos numa cama de tábuas. Com as minhas irmãs tínhamos uma boa relação principalmente com a mais velha. Éramos muito confidenciais. Com as outras, como a diferença de idades era grande, a relação já não era a mesma coisa. As duas mais novas também eram mais chegadas uma com a outra.

Como vê, passei a minha infância a trabalhar, não sabia o que era o divertimento. Depois de servir, fui trabalhar para uma lavandaria de um consultório de fazer biopsias. Era eu quem lava aquela roupa toda, cheia de sangue. Nessa altura tinha eu cerca de 16 a 17 anos; nessa lavandaria trabalhei cerca de 10 anos. Entretanto a minha mãe adoeceu e morreu com um cancro nos intestinos. Morreu nos meus braços coisa que nunca esqueço. Naquele momento parecia que tudo tinha morrido com ela. Apesar dos maus-tratos do meu pai, nunca saí de casa por causa da minha mãe, mas depois da morte dela já não fazia sentido lá continuar.

O tempo foi passando, as minhas irmãs mais novas ficaram com o meu pai e eu e a minha irmã mais velha viemos para o Porto, mais por causada do mau génio do meu pai, e era mais connosco. Com as filhas mais novas ele não se zangava. A minha irmã no Porto casou, mas eu não era pessoa de estar parada, então fui para Lisboa onde estive

cerca de 2 anos. Trabalhei na Petrogal e também em vários sítios a fazer limpeza em casas. Depois regresssei ao Porto e vim viver com a minha irmã.

Aqui arranjei um namorado. Ele era muito mais velho que eu tinha 28 anos e ele 52. No inicio foi tudo muito bom mas depois começou a deitas as unhas de fora. Só estive casada com ele 8 anos. Ele tinha muitas posses, era merceeiro mas era uma pessoa muito ruim. Levava muita porrada, até me espetou com um ferro na cabeça, mas os meus vizinhos diziam para eu no hospital não dizer que era o meu marido. Ele batia-me por causa de uma filha que ele já tinha de outro casamento e estava sempre a fazer queixas de mim, por isso fazia-me a vida negra. Ela era muito má, só fazia intrigas. Mas o diabo do homem teve azar apanhou uma doença nas pernas e passado pouco tempo morreu. Depois de ele falecer tive de ir para tribunal porque ele deixou-me muitas coisas em meu nome, até a mercearia, e a filha queria tirar-me tudo mas não conseguiu. Fiquei três anos viúva, trabalhava na mercearia mas vivia muito só.

A minha irmã tinha duas filhas. Tinha a vida dela e também trabalhava. Por vezes ia ter com ela aos domingos mas eu também não podia sair da mercearia. Nunca mais fui visitar o meu pai nem as minhas outras irmãs, elas também nunca vieram ao Porto. Um dia apareceu lá na mercearia um senhor muito bem parecido, muito bem encarado, que sabia que eu vivia sozinha mas também era mais velho que eu. Tinha 57 anos. Eu tinha uma pontaria... E eu e casei com ele e engravidei, mas por azar só durou 5 meses, morreu canceroso do estômago. Ele nunca me disse, mas penso que ele já sabia que era doente e queria ter alguém do lado dele. Coitado nem conheceu a filha. Ele tinha bom coração, também não teve tempo de ser mau, pois mal casámos ficou logo doente. A minha filha não conheceu o pai; ela sente muita tristeza com isso.

Fiquei novamente viúva e grávida, foram tempos de muito trabalho, porque mal a criança nasceu fui logo para a mercearia. Não tinha com quem a deixar mas levávamos uma vida tranquila. Quando a minha filha fez cinco anos, conheci um brasileiro que morava em Baião. Este era da minha idade, mas também não saiu grande coisa. Tive a má ideia de casar com ele. Batia-me, tratava-me mal, mas a minha filha nunca se apercebeu. Ele gostava muito dela. Ela tratava-o por padrinho. Brincava muito com ela. Ele queria tratar da minha mercearia e eu não deixava, porque queria levar-me à falência, e aquele era o meus sustento. Ele era muito mulherengo, andava sempre metido com as mulheres da vida, mas também morreu passados seis anos e fiquei

novamente viúva. Este meu marido, quando casou comigo, também já era viúvo e tinha três filhos que só apareceram quando ele morreu, e queriam tirar-me a mercearia dizendo que também era do pai. Mas eu consegui provar que aquilo já era tudo meu. Fiquei viúva pela terceira vez e fiz jura que não me casava mais, apesar de ainda só ter 47 anos.

Criei a minha filha, sempre lhe dei o melhor que podia. Foi estudar mas só quis fazer o 2º ano do ciclo e depois foi trabalhar desde os 14 anos num pronto a vestir e esteve lá cerca de 18 anos. E eu trabalhava na minha mercaria.

Entretanto, soube que o meu pai tinha ficado doente arranjei uma empregada temporária e fui a Viseu, mas passado pouco tempo morreu. Parecia que estava à minha espera, para me dizer alguma coisa, mas não o fez. Mesmo assim, eu perdoei-o. Ele ficou a viver com a minha irmã mais nova. Elas tinham pouco relacionamento comigo. A minha irmã do Porto, passado algum tempo, ficou doente e morreu com 70 anos.

A minha filha casou com 22 anos, com um rapaz que trabalhava na Molin e depois foi para a Soares da Costa. Ele tem mais três anos que ela. Desde aí o relacionamento com a minha filha modificou-se bastante. Ele não gostava muito de mim nunca soube porquê. Às vezes eu pergunto à minha filha, mas ela diz que é cisma minha, mas eu percebia que não era bem vinda a casa deles e ele muito raramente vinha à minha. Mas a minha filha quando podia ia sempre visitar-me. Um dia fomos passear, ela tinha um carro, e tivemos um acidente bastante grave. Estive bastante tempo no hospital e depois fui para casa; continuei a viver sozinha, lá fui recuperando e levava a minha vida. Mas sentia tristeza porque eu tinha um relacionamento tão próximo da minha filha e por causa do marido dela eu afastei-me, para ela levar uma vida boa. Teve os dois filhos dela e eu parecia uma visita na casa da minha filha nunca tive à-vontade nem de lhe fazer um chá. Ele olhava para mim e para a minha filha com uns olhos que disse logo à minha filha: quando quiseres ver-me vai a minha casa e leva os meninos que eu à tua casa nunca mais volto. E assim foi.

Como veio para o lar?

Depois do acidente recuperei e voltei a trabalhar na mercearia, mas já não dava quase nada. Então reformei-me e passei muito mais tempo em casa e foi nessa altura que tive um AVC. Fiquei muito mal, não sentia metade do corpo. Andei na fisioterapia, na

terapia da fala, eu não dizia uma palavra, estive quase a morrer. Quando tive alta vim directa para aqui. Quando vi esta casa não a reconheci. Fiquei muito triste, ainda não vinha totalmente recuperada, mas senti uma tristeza no meu coração, um vazio por dentro. As assistentes sociais quando me visitavam perguntavam se eu não tinha para onde ir e eu dizia que morava sozinha pois se o meu genro não gostava de mim eu simplesmente não ia para casa da minha filha, mas pensando que elas me iam arranjar algum tipo de apoio domiciliário, mas não, vim para um lar. A minha filha nunca me disse uma palavra acerca disto. Nesse dia senti que estava só. Na minha vida nunca tive grandes pessoas ao meu redor, mas eu era nova e consegui dar a volta por cima mas agora debilitada, quase não falava, pensava que o meu final ia mesmo ser triste.

Mas com Deus fiquei melhor da minha fala e consegui arranjar aqui pessoas que penso gostarem de mim pelo menos fazem-me muitos mimos.

A senhora queria vir para o lar?

Querer não queria, mas já me tinha passado pela cabeça

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Não, nem sequer tive tempo, mas já tinha pensado nisso. Quando tive o acidente pensei que um dia, mais cedo ou mais tarde, teria de ir para um lar para tomarem conta de mim. Se tivesse tido mais filhos poderia ser que tivesse mais sorte, mas só tive aquela.

A sua família vem cá visitá-la?

Como já disse, a minha irmã mais velha morreu. Deixou duas filhas: uma foi para Lisboa e nunca cá veio, a outra mora aqui no Porto e por vezes vai telefonando para ver como eu estou. A minha filha, estou com ela muitas vezes. As minha irmã de Viseu perdi o contacto com elas. Sei que estão vivas; telefonam para aí uma vez por ano à minha filha. Com elas perdi o contacto totalmente. Aqui quem me visita é a minha filha. Ela, ao domingo, vem cá sempre; nos dias de semana não pode porque trabalha todos os dias, por isso nesse dia fico logo ansiosa. Por vezes, para estarmos mais à vontade saímos; ela leva-me ao café ou então conversamos no carro. Ela traz os meus netinhos e mato saudades deles. Já me estou a habituar assim mas no início foi complicado. A minha filha nunca quis falar da minha vinda para o lar e eu agora também faço de conta

que foi uma coisa natural. Muito raramente, o meu genro também me visita, mas é de poucas falas mas eu também não lhe ligo, porque se eu estou no lar é por causa dele.

A minha filha pergunta-me como estou eu digo-lhe que estou feliz mas o meu coração não diz a mesma coisa, mas eu não quero que ela sofra, nem que se sinta culpada de alguma coisa. Ela merece ser feliz. Raramente me leva a casa, tem sempre desculpas. Eu gostava muito de rever as minhas coisas, que são velhas como ela diz, mas são minhas. Também tenho o meu ouro que lhe queria dar mas se calhar ala até já o vendeu. É como o dinheiro, desapareceu todo e olhe que eu tinha o meu pé de meia mas quando tive o acidente a minha filha achou que devíamos colocar o dinheiro no nome dela pensando que eu já ia morrer. Olhe foi a minha burrice.

Mas não faz mal aqui não preciso de nada mas é ela que me paga a prestação para estar aqui e nunca falha. Quando vejo que se está a atrasar, telefono-lhe logo.

Como é o seu dia no lar?

Comparado com as outras idosas penso que me dou muito bem. Levanto-me de manhã, tomo o meu pequeno almoço, vou-me arranjar, e depois vou ver um bocado de televisão ou então peço à menina Liliana para me arranjar as unhas ou o cabelo. Depois vou almoçar. De tarde, vou para as actividades ou então vou passear até lá fora. Penso que apesar de tudo, tive sorte de vir para aqui. Claro que gostava de estar em minha casa ou pelo menos ir visitá-la, mas isso é impossível. Rezo muito pela minha filha e pelos meus netos. E é assim todos os dias. Ao Domingo, a minha filha vem-me ver. É um dia muito agitado para mim porque ela não diz a hora a que vem, por isso depois do almoço fico tão ansiosa que passo a tarde a olhar pela janela para ver se vejo o carro. Quando chega é uma alegria para mim, porque gosto muito dela. É a luz dos meus olhos.

Entrevista D. Clara

A entrevista foi realizada a 01-04-2008 às 12:00 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem ?

Nasci em 1921 em Vila Nova de Gaia.

Estado civil?

Viúva.

Escolaridade?

9º ano no Instituto de francês

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 17 de Marco de 2006. Já estou cá há 2 anos.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

O meu pai era brasileiro; a minha mãe casou com ele tinha 19 anos. Ele veio com 17 anos do Brasil, andavam os dois na escola e conheceram-se lá. Casaram. Depois, ela teve um aborto e depois teve 2 irmão gémeos, mas a minha mãe ficou muito preocupada pois não tinha leite para os dois e a minha avó levou um para casa dela. Mas a minha mãe ficou muito desgostosa mas naquela altura foi melhor assim, apesar de não ter sido a melhor opção. O meu irmão que foi morar com a minha avó acabou por morrer quando tinha 2 anos; diziam na altura que foi uma troca de leites.

Depois de passar cinco anos, nasci eu, tinha a minha mãe 26 anos. Tive uma infância normal. Eu e o meu irmão éramos muito chegados; para onde ia um o outro ia também. Ele protegia-me muito, era muito meu amigo. Corríamos os bailes todos e ele andava sempre comigo. A minha mãe era doméstica e o meu pai era empregado bancário. Viemos para o Porto, tinha eu 8 anos o meu irmão 13 anos, ainda éramos umas crianças. Mudámos de casa doze vezes. A minha mãe nunca estava satisfeita ou era por causa dos vizinhos ou do sítio, ou porque era longe ou era perto, nunca nada estava bem. O que era certo é que andávamos sempre a mudar de casa, punha sempre defeitos em tudo. Andávamos os dois na escola.

Quando fui para o liceu, conheci lá o meu futuro marido. Eu tinha duas amigas no instituto de francês e elas ajudaram-me a conhecê-lo melhor. Então soubemos que ele ia a um passeio, e eu também me inscrevi. Então, dali para a frente, sempre que havia

passeios íamos sempre os dois mas como amigos. Nunca fui de namoros mas era muito brincalhona, fazia cada tolice..., e pior era com os rapazes. Começámos por ser muito amigos. Só a Espanha, fizemos pelo Instituto Francês 5 viagens. Ele era um rapaz muito respeitador. Os pais deles eram de Felgueiras e ele veio estudar sozinho para o Porto e vivia numa pensão.

A minha mãe, como já disse, era uma pessoa muito difícil de temperamento. Andava sempre incomodada com tudo: com os empregados, com a roupa, tudo era uma aflição para ela, menos os outros dois filhos. Um dia dá-lhe uma aflição e morreu logo ali. Era uma mulher nova, tinha 62 anos. O meu pai, como era um homem novo, resolveu casar de novo, mas essa mulher nunca gostou dele, gostava daquilo que ele tinha. O meu pai tinha muitas posses, ela era muito mais nova. Pelo que me apercebi mais tarde, eles já eram amantes, mas acho que a minha mãe nunca soube. O meu pai era como o pai dele ...que era o meu avô... casou 3 vezes, e a última vez casou com a governanta e que pelos vistos ela também já era amante dele.

Eu ainda era solteira. Eu e o meu irmão ficámos a viver sozinhos depois que o meu pai casou. Éramos tipo unha e carne. Visitávamos o meu pai e deixámo-lo viver a aventura da vida dele. Entretanto o meu irmão casou, mas a minha cunhada tinha muito mau feitio. A nossa relação nunca mais foi a mesma. Nós gostávamos de brincar tanto um com o outro e ela tinha ciúmes. Então, como o meu namorado vivia numa pensão, resolvemos também casar, já eu tinha 33 anos.

Fiz de tudo um pouco: bordava, trabalhava em casa, mas nunca trabalhei para fora. Viajei muito, estudei a minha língua preferida que era o francês, estudei espanhol e italiano e depois viajava para aproveitar para falar, passeei muito. O meu marido era desenhador, era funcionário público e trabalhava também no Instituto de Francês. Ele desenhava cartazes, então ele viajava muito e eu ia sempre com ele.

Nunca consegui ter filhos tinha uma menina que era minha prima que passava muito tempo comigo e apesar da minha cunhada não gostar de mim ajudei-a a tratar dos filhos dela. Mas eu e o meu marido fomos muito felizes. Lembro-me que ao domingo de manhã levantávamo-nos da cama, íamos aos concertos, depois almoçávamos fora. Tínhamos uma vida muito feliz. Quando os filhos da meu irmão já eram grandinhos, tive uma zanga muito feia com a minha cunhada. Estive 11 anos sem falar com ela e por

isso também me afastei mais do meu irmão, mas sempre que podíamos encontrávamo-nos, nem que fosse para matar saudades, e eu continuava a ver as minhas sobrinhas de quem eu gostava muito, principalmente de uma.

Passado algum tempo, soubemos que a mulher do meu pai tinha morrido cancerosa. Então o meu pai vivia sozinho com a empregada, mas com o passar do tempo levei-o para minha casa, mas contra a vontade dele pois ele queria ficar em casa dele. Mas ele estava doente, tinha um problema do mediastino. Ainda estive em minha casa cerca de um ano e depois morreu. No dia do funeral, fiz as pazes com a minha cunhada mas nunca tivemos uma grande relação. Mas deixava as minhas sobrinhas irem para minha casa e isso para mim já era bom, porque eu tinha muita tristeza de não ter filhos.

Segundo o médico, eu tinha o útero torcido. O meu marido nunca se interessou muito, tínhamos muita confiança um no outro. Ele só tinha um defeito: trabalhava muito e chegava tarde a casa. Ele era tão compreensivo que tínhamos de dividir o tempo porque ele gostava de praia e eu gostava do campo. Fomos levando assim a vida. A minha prima continuou a viver comigo até casar e as minhas sobrinhas também casaram. Foram dias muito felizes para mim, elas eram como se fossem minhas filhas. Mais tarde, o meu marido apanhou uma doença, a diabetes, e passado algum tempo morreu. Para mim foi uma tristeza tão grande. Não sofri tanto com a morte dos meus pais, pois tinha morrido a pessoa da minha vida com quem eu fui muito feliz. O meu marido foi aquela pessoa incondicional.

Passei muito mal depois de ele falecer não conseguia viver com a sua ausência até que decidi colocar termo a minha vida. Meti-me na cama e deixei de comer e beber. Eu queria morrer, pois achei que a minha vida deixou de ter sentido. O meu irmão entretanto também teve Alzheimer. As duas pessoas da minha vida já não estavam comigo. Sempre tive muito mimo e de repente encontro-me sozinha.

Como veio para o lar?

Eu estava a ficar muito doente, na cama. A minha sobrinha foi lá a casa, meteu-me a roupa na mala e disse-me que me ia levar para um lar onde eu pudesse estar melhor; não me podia deixar morrer. Segundo ela, visitou vários lares mas não gostou de nenhum, mas gostou deste porque é muito arrumado e ela sabia que eu gosto de ver tudo no lugar. Então trouxe-me para aqui.

A senhora queria vir para o lar?

Não, porque eu tinha condições de viver sozinha. Mas eu não queria, mas se ficasse em casa era bem capaz de me matar, pois tenho muitas saudades do meu marido. Por vezes a minha sobrinha ainda me leva a casa do meu irmão, mas ele já não me conhece por isso dói-me muito lá ir. A minha cunhada fala comigo, mas nunca gostou de mim, nem agora aqui, nunca me veio visitar.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Não.

A sua família vem cá visitá-la?

A única pessoa da família que me vem visitar é a minha sobrinha, mas ela mora em Lousada e diz não ter tempo para cá vir ver-me. Segundo ela tem uma vida muito atarefada. O que eu queria era que me levassem a minha casa pois deixei lá tudo, mas ela diz que nunca tem tempo. Eu passei-lhe uma procuração com todos os poderes, se calhar já se desfez de tudo.

O meu sobrinho, irmão dela, nunca me veio visitar. Fui tão amiga dele quando ele era pequeno, mas quando fiquei doente fiz tudo o que tenho à minha sobrinha, por isso é ela que tem todos os poderes sobre as minhas coisas e por isso é que ele deve ter ficado triste comigo. Mas foi ela que tratou de tudo para eu vir para aqui, é ela que paga a mensalidade, pois para mim, o que tenho aqui chega perfeitamente. Mas quando passei a procuração, a minha sobrinha dizia que me vinha buscar todas as semanas mas na realidade parece que se esqueceu do que prometeu. Os meus segundos sobrinhos também vêm cá muito poucas vezes; têm a vida deles. Às vezes vêm cá uma amigas que eram minhas vizinhas, mas vêm muito raramente.

Como é o seu dia no lar?

O meu dia é sempre igual estou sempre à espera que alguém entre por aquela porta e me diga “venho buscá-la para ir passear”. O que eu mais queria era ver a minha casa. Mas nunca vem ninguém. Passo o dia a conversar com as minhas colegas, faço um bocado de camisola, uns bordados, vou passear, entro nas actividades que se fazem no lar e assim se vão passando os dias. Mas, apesar de tudo gosto de estar aqui no lar. Gosto da

limpeza, e vivo das recordações. Tive uma vida carregada de felicidade, sempre fiz o que quis. Estudei, cantei por isso acho que a minha passagem por este mundo foi bastante positiva.

Entrevista D. Isabel

A entrevista foi realizada a 01-04-2008 às 16:00 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem ?

73 anos.

Estado civil?

Viúva.

Escolaridade?

3ª classe.

Há quantos anos está a viver no lar?

Há cerca de um ano.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Nasci em Moreira da Maia. A minha mãe vendia fruta pelas ruas; o meu pai trabalhava na fábrica dos Marinhos, era tintureiro. Tive um irmão, que era mais novo que eu três anos.

Quando o meu irmão nasceu, o meu pai deixou a minha mãe, tinha eu três anos e o meu irmão meses. O meu pai deixou a minha mãe porque descobriu que ela andava metida com outros homens. Ela gastava todo o dinheiro que o meu pai ganhava. O meu pai soube que ela andava com cinco homens não lhe bateu, mas deixou-a. Então eu fui morar com o meu pai para casa da minha avó, com o meu pai e com uma tia, e a minha mãe ficou com o bebé.

Eu tive muita pouca sorte porque a minha tia era muito má. Na frente do meu pai era minha amiga; por trás batia-me e obrigava-me a trabalhar eu ainda só tinha para aí uns 4 anos. A minha mãe, mais tarde, abandonou também o meu irmão e o meu pai foi buscá-lo e vivemos todos juntos. Andei na escola até à 3^a classe e depois fui trabalhar. A minha tia continuava a bater-me e eu nunca disse nada ao meu pai. Ela era muito má. Eu, quando saía da escola, ela punha-me a vender cerejas e laranjas à beira da estrada, sem o meu pai saber. Aguardei assim até ao 13 anos. Ela a mim batia-me muito, mas eu não deixava que batessem ao meu irmão.

Mas o meu pai começou a suspeitar de alguma coisa e um dia, durante o dia, veio a casa e encontrou-me a trabalhar à beira da estrada. Eu contei-lhe tudo, e ele foi para casa e zangou-se com ela. Então saímos da casa da minha avó, eu, o meu pai e o meu irmão, e fomos morar só os três. Era eu que tomava conta da casa. A minha mãe nunca quis saber de nós. Por vezes ela passava perto de casa mas virava a cabeça e dizia que nós éramos maus. Depois, sei que morreu com 36 anos, nunca soube de quê.

O meu irmão tinha 15 anos e foi servir para casa de uns lavradores e mais tarde foi para uma fábrica. Não gostava de estudar, preferia ir trabalhar. Mais tarde voltou para a lavoura. O meu irmão nunca quis casar, tinha muita raiva das mulheres. Ele dizia que elas não prestavam, dizia que a única mulher de que ele gostava era de mim; sempre fomos muito amigos. Ficou solteiro e acabou por morrer cedo, tinha 42 anos; também não se sabe de que morreu; sei que morreu no hospital de Matosinhos, e as coisas lá ficaram na casa dos patrões.

Eu morei sempre com o meu pai. Casei e ficámos a morar todos. Antes de casar, tomava conta do campo e da casa. Depois de casar fui para uma fábrica de conservas. Comecei a namorar com 18 anos e casei-me com 23. O meu marido era pedreiro, e era muito trabalhador. Se chegasse primeiro que eu a casa ia buscar a minha filha à ama. Tive cinco filhos mas dois morreram quando eram pequenos e fiquei com três vivos. Os meus filhos só fizeram o exame da 4^a classe. Não havia possibilidades para mais. O rapaz foi para pedreiro e elas foram trabalhar para uma fábrica.

O meu pai viveu sempre comigo, mas já quando era velho enrabichou-se com uma velha e saiu de casa para ir morar com ela, mas eu não queria nada. Ele sofreu tanto com a minha mãe e nunca mais quis mulheres e depois de velho foi-se juntar com uma velha.

Saiu de casa chateado comigo. Passado algum tempo vim a saber que ele tinha uma ferida grande numa perna. Eu fui visitá-lo e parecia esgazeado de todo; não dizia coisa com coisa; eu levei-o ao hospital e teve de cortar a perna e passado uns dias morreu.

O meu marido morreu em 1980 de repente. Foram tempos difíceis para mim. A minha filha mais velha tinha casado, mas ainda tinha dois filhos em casa. Nessa altura já tinha saído das conservas e estava desempregada. Então arranjei emprego como armadora mas nem sempre havia trabalho. Os miúdos ficavam em casa arrumavam tudo e faziam o almoço, mais tarde eles casaram e eu fiquei sozinha.

A minha filha mais velha casou muito nova, com 19 anos; casou com um trolha. Ele para mim é um bom rapaz mas para a mulher sempre a fez sofrer; teve azar coitada; tanto trabalha ela e é só porrada que leva daquele marido. A 2ª filha, Luciana, casou com um marido que é um preguiçoso, só come o que ela trabalha. Tem uma vida desgraçada, não se separaram mas mais valia, coitada; quando ele lhe faz um recado tem de lhe dar o dinheiro para o tasco; coitados dos filhos deles. Casaram todos muito cedo para saírem de casa e foram trabalhar para longe nunca mais cá vieram. O Valdemar, vive em Penafiel. Casou lá, e lá ficou, cego. Andava numa pedreira e saltou pólvora. Este teve sorte com o casamento, pois para infelicidade basta não ver. Tem uma menina pequena. Como vê, os meus filhos não tiveram sorte nenhuma na vida; eu tentei ajudá-los, mas não podia fazer grande coisa, pois se precisassem de dinheiro eu tirava da minha boca para lhes dar, mas acerca das maridos eu não posso fazer nada.

Como veio para o lar?

Um dia, já eu morava sozinha, mas tinha a minha vida fazia as minhas coisas, e ia trabalhar. Veio um carro e apanhou-me na passadeira, partiu-me toda. Nunca mais fui a mesma. Passei anos no hospital, por isso os meus filhos e o seguro resolveram trazer-me para aqui, porque coitados, eles não podem tratar de mim, eu necessito de muita ajuda. Agora, ainda me apareceu este cancro nos intestinos. Fizeram-me este buraco na barriga, ainda pior.

A senhora queria vir para o lar?

Nunca pensei vir para um lar, sempre dizia que queria morrer em casa, mas estou resignada a isto. Não sou pessoa de estar presa, sempre fiz tudo para me mexer.

Trabalhei sempre e sentia que isso me fazia feliz. Agora estou aqui numa cadeira de rodas, é como um pássaro na gaiola. A minha vida deixou de fazer sentido; estou aqui como um animal que precisa de comer, beber e ser mudado.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Não.

A sua família vem cá visitá-la?

A Fernanda e o Valdemar ainda me vêm visitar de vez em quando, mas eles dizem que não podem vir muitas vezes para não gastarem dinheiro. A Luciana nunca vem porque não tem condições. Os meus netos nunca cá vieram. Eu bem os percebo; também não gostam disto, eu também não gosto; mas eu não tenho outro remédio. Às vezes, quem me visita são os meus patrões. São muito meus amigos, mais que a família. Eles quando podem visitam-me e trazem sempre um maminho para eu comer.

Como é o seu dia no lar?

Passo muito mal, tenho muitas dores. Aquele filho da mãe que me atropelou devia-me ter matado, que pelo menos podia ser que os meus filhos recebessem uma indemnização para me colocarem flores no cemitério. Assim, nem dinheiro têm para me virem visitar. Passo a minha vida na cama, à espera do dia em que vou morrer que espero que não esteja longe. Mas Deus é que sabe.

Entrevista Sr. Amândio

A entrevista foi realizada a 20-04-2008 às 18:00 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento do entrevistado.

Quantos anos tem?

Nasci em 11 de Junho de 1929.

Estado civil?

Divorciado.

Escolaridade?

7º ano do Liceu.

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 3 de Novembro de 2003.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Não gosto de falar da minha infância. Nasci a 11 de Junho de 1929. Tive uma irmã mais velha que eu 2 anos. O meu pai era um homem rude, a minha mãe também não era melhor, por isso já pode imaginar a minha vida de criança, mas passemos à frente. O que valia era a minha irmã, porque éramos muito amigos e protegíamo-nos um ao outro. Contávamos tudo um ao outro. Fiz o 7ª ano do liceu e depois não segui mais, porque o meu pai queria a todo o custo que eu fosse trabalhar com ele numa fábrica de confecções que ele tinha. Ele sempre me tratou mal, a mim e à minha irmã. Fazia connosco o que fazia com as empregadas dele da fábrica. Por isso, no trabalho não era melhor. Trabalhava com o meu pai mas estava farto, estava à espera de uma oportunidade melhor para sair daquele trabalho e ir governar a vida.

Namorei e com 23 anos casei; foi em 1952; mas continuei a trabalhar com o meu pai. A minha esposa era brasileira. Nós éramos muito devotos e andávamos numa igreja, fazíamos parte dela. Íamos a umas reuniões e passávamos um bocado de tempo principalmente à noite e ao domingo, porque desde que casei poucas vezes ia a casa dos meus pais. Bastava ter de o aturar no trabalho e a minha mãe de vez em quando visitava-a mas muito raramente porque ela também era muito má, tinha um mau feitio.

Fizemos isto durante muitos anos. Nasceram os nossos oito filhos e cresceram, também com essa educação. Nós andávamos lá na igreja a tirar também um curso de cristandade; foi coisa que sempre me interessou; tudo o que era místico. eu gostava e interessava-me muito e a minha esposa acompanhava-me. Quem nos dava o curso era um padre bastante novo, e com o passar do tempo vim a descobrir que a minha mulher tinha um caso com ele, já há muitos anos. Nem sei sequer se os meus filhos são realmente meus. Na altura fiquei mesmo mal. Traído, e logo com um padre. Eu nessa altura morava em Miramar. Arrumei as minhas coisas e saí de casa. Nessa altura já tínhamos os nossos filhos, tive e tenho 8 filhos. Então, a minha esposa pegou nos 5 filhos mais novos e foram todos para o Brasil e 3 ficaram cá em Portugal. Nessa altura,

os três mais velhos já tinham saído de casa; já tinham a vida deles organizada, até já estavam casados. Não quis saber mais de uma mulher só e comecei a coleccionar mulheres, automóveis e relógios.

Continuava a trabalhar com o meu pai, nessa altura ele já era velhote. Tirei uns dias e fui para Vidago. Eu sabia que havia para lá umas pretas e pedi-lhes para me ensinar a magia. Tirei um curso de quirologia, depois vim para o Porto e comecei a dar consultas. Ganhava muito dinheiro, mas continuava a trabalhar com o meu pai. Mais tarde, quis entrar de sócio na empresa dele, mas depressa a fábrica do meu pai foi à falência. Então, o meu pai vendeu a nossa parte para um outro sócio. O meu pai perdeu tudo, penso que muita da culpa foi minha. Eu nunca tive jeito para trabalhar, mas o meu pai obrigou-me. O meu pai ficou sem nada e com o desgosto morreu logo de seguida. A minha mãe veio viver com a minha irmã que também já se tinha casado e descasado, o casamento dela também durou pouco tempo, e ficaram a morar as duas até a minha mãe morrer. Eu nessa altura ainda as visitava com bastante frequência e a relação com a minha mãe já era melhor; já nos entendíamos melhor, já não entrávamos tanto em conflito, até porque ela agora estava numa situação fragilizada. Enquanto o meu pai era vivo, a minha só lhe podia ligar a ele, e esquecia-se dos filhos. Então, eu dediquei-me mais que nunca à bruxaria e à lida da mão. Fui para as Taipas, enchi-me de dinheiro, fiz grandes fortunas.

Eu era uma pessoa polivalente, adorava música, gostava de fazer muita coisa ao mesmo tempo. Os meus filhos por vezes visitavam-me mas tinham vergonha da minha profissão. Os outros filhos nunca mais soube deles, também nunca me procuraram pois dinheiro era o que eu tinha de sobra. Mas também nunca fui ao Brasil à procura deles. Eles lá ficaram com a mãe; não sei se são vivos ou mortos.

Fiz muito bem a pessoas, ajudei-as muito, mas também fiz muito mal. Por isso é que eu estou aqui agora e neste sofrimento. Passei o meu resto de tempo lá nas Taipas; era conhecido pelo grande bruxo das Taipas.

Como veio para o lar?

Um dia, estava eu numa grande sessão de bruxaria, e sofri umas tonturas muito fortes. Sei que me encostei à parede e transpirei muito. Fui levado para o hospital onde me detectaram um tumor na cabeça. Fui operado e fiquei sem sentir um lado do corpo. Fiquei bastante mal, mas recuperei alguma coisa. Estive muito tempo na Prelada onde

fui muito bem tratado, pois tinha dinheiro e era para esta altura que era preciso. Passava os dias a fazer ginástica até que tive alta e arranjaram-me um lar em Santo Tirso, mas não me tratavam bem. Os meus filhos diziam que não tinham condições para me terem em casa. Não queriam, mas eu também não fiz grande questão, porque sei que não fui um grande pai, pelo menos a partir em que a mãe deles nos deixou, a mim e a eles. Porque se ela na altura me procurava e me explicava o que se tinha passado, eu tinha-lhe perdoado, e talvez a minha vida fosse diferente. Então, como não estava contente com aquele lar, a minha irmã vive aqui perto, e um dia trouxe-me aqui para eu ver o lar, e gostei e aqui fiquei.

O senhor queria vir para o lar?

Nunca pensei nisso mas claro, estava melhor em casa, até porque eu tinha dinheiro para ter empregadas em casa. Mas era difícil, porque eu sou uma pessoa difícil e é complicado lidarem comigo.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Como já disse, estava num, e vim visitar este.

A sua família vem cá visitá-lo?

A minha irmã vem sempre quando pode. Eu também lhe dei boa parte do meu dinheiro. Vem visitar-me regularmente. Os meus filhos têm a família deles, vêm cá poucas vezes, mas tenho aqui todas as fotografias dos meus netos.

Como é o seu dia no lar?

Gosto de estar sozinho no meu quarto. Tem de estar sempre escuro, não gosto da luz. Gosto de ler, e ando a fazer um livro acerca da leitura das mãos, eu fiz assim a minha vida. Vou à fisioterapia e passo assim os meus dias. Estou a pagar o que fiz de mal a muitas pessoas.

Entrevista D. Gorete

A entrevista foi realizada a 21-04-2008 às 09:00 h, não tendo sido usado o gravador como suporte de gravação áudio, a pedido da entrevistada. O suporte usado foi o papel, e o texto que se segue é a reconstituição textual da entrevista, efectuado logo após a ocorrência, tendo como suporte as anotações efectuadas.

Quantos anos tem ?

78 anos.

Estado civil?

Viúva.

Escolaridade?

Analfabeta

Há quantos anos está a viver no lar?

Há cerca de 8 meses.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Os pais da D. Gorete trabalhavam no campo, sendo, segundo ela, uma família muito respeitadora. Não estudou, porque não quis, a família não obrigou: “Olhe não estudei por preguiça. Não quis, nunca me apeteceu. O meu pai também nunca quis saber porque se fosse outro eu não tinha querer. Mesmo a minha mãe também não ligava nada, só queria era beber, então comecei a trabalhar desde muito cedo. O meus dois irmãos mais novos ainda estudaram alguma coisa, mas também pouco. Eu é que tinha de tomar conta dos meus irmãos, e eu era apenas uma criança, porque o meu pai e a minha mãe não queriam saber de nada.”

Não gostava da vida do campo, e como tal, quando tinha 14 anos foi ter com umas primas que moravam no Porto, como ela diz: “Tinha 14 anos e não gostava da vida do campo, então vim ter com umas primas que moravam no Porto. Também já estava farta de aturar a minha mãe, que andava sempre com os copos. O meu pai nem ligada a nada.”. Foi servir, e estive no Porto uns 7 ou 8 anos. Passado esse tempo voltou para

Mondim, porque tinha lá arranjado um namorado: “Pois eu quando tinha uma folga, eu ia lá à terra, e encontrei aquele rapaz que estava interessado em mim. Ele prometeu-me que se eu fosse para Mondim casava comigo e não precisava de servir mais na casa de ninguém. E assim foi, namorei e depois casei.”.

Sobre o marido e a vida de casada conta a D. Gorete: “O meu marido chamava-se António. No início, ele trabalhava na lavoura e eu fiquei em casa e tivemos quatro filhos. Mas decididamente eu não gostava daquela terra, e queria voltar para o Porto. Então, consegui convencer o meu marido a vir viver para o Porto. Fomos os dois trabalhar nas descargas de bacalhau em Leixões. Mas com o passar do tempo o meu marido começou a beber e eu comecei a ter um trabalho de escrava, pois ele foi despedido, passava o dia a preguiçar na tasca, e eu tinha de tomar conta dos nossos filhos e de trabalhar para todos”.

Refere que nessa fase passou um tempo muito difícil. Os filhos ficavam sozinhos em casa durante o dia: “Eu deixava-lhes a comida feita e eles ficavam sozinhos; eles lá tomavam conta uns dos outros, que eles entendiam-se muito bem, e ainda hoje são muito unidos; o pai passava o dia no tasco. Trabalhei muito.”. Conseguiu que os filhos fossem para a escola mas estudaram pouco, porque havia pouco dinheiro. Passado algum tempo, o marido conseguiu arranjar um novo trabalho, mas não deixou de beber. “Um dia no trabalho teve um acidente, ficou esmagado numa empilhadora e morreu, tinha ele 31 anos”, conta a D. Gorete sobre o acontecimento trágico da morte do marido. Continua a falar do marido e da vida que este deu aos filhos: “Apesar de tudo foi o homem com quem casei; os filhos levaram muito má vida por causa do pai, ele batia-lhes muito. Eu levava e calava, mas os filhos mal puderam saíam todos de casa. Ele morrer, não digo que foi um alívio, porque apesar de tudo eu gostava dele, mas pelo menos tive uma melhor vida”.

A D. Gorete entra também no mundo do álcool: “Na altura em que ele me batia muito eu também comecei a beber e os meus filhos ficaram traumatizados”. Entretanto os filhos casaram: “A Rosa casou e teve 2 filhos. A minha neta tem 17 anos. Ela é muito minha amiga, é ela que me costuma visitar. A minha Fátima casou, mas o casamento não deu certo. Tem um casal, coitada tem uma vida muito triste, passa também muita necessidade. Ela é como eu. Mata-se a trabalhar mas tem os filhos com ela. O meu filho morreu com 36 anos do coração. Também era casado e deixou uma filha. Essa neta

raramente a vejo. A mãe foi para Lisboa e penso que raramente cá vem. A minha outra filha é casada e já tenho uma neta dessa filha que também casou, mas eu nem fui ao casamento dela. Sabe, fiquei sozinha muito cedo, não tenho assim tanta confiança com eles”.

Sente-se muito triste por não ter sido uma boa mãe. “Não fui grande mãe porque eu nunca deveria ter começado a beber, pois assim os meus filhos não tinham ninguém em quem se apoiar. Hoje sinto remorsos da vida que dei aos meus filhos, mas não posso voltar atrás e nem agora eu lhes posso cobrar o amor, pois isso eles não têm para me dar”.

Como veio para o lar?

Conta que estava em casa e apanhou uma ferida na mão: “Eu curava em casa mas ela não melhorava nada, então tive de ir ao médico. Foi aí que me disseram que eu tinha uma infecção na mão e tinha diabetes. Tiveram de me cortar a mão, nunca mais consegui fazer nada sozinha”.

A assistência social falou com as filhas para tomarem conta da D. Gorete, mas elas disseram que não podiam. Então arranjaram a solução de a colocar no lar: “A assistência social falou com as minha filhas para tomarem conta de mim mas elas disseram que não podiam...a solução era de me colocar num lar...”. Para aqui vim. Não queria nada, queria ficar em casa, comer uma malga de sopa em minha casa. Eu sei que as minhas filhas dão cinquenta contos cada uma para eu estar aqui. Com esse dinheiro eu arranjava alguém que me ajudasse em casa, mas elas não querem dizendo que eu estou aqui muito bem”.

A senhora queria vir para o lar?

Diz que não tinha vontade de vir para um lar: “Não menina, só vem para um lar quem não tem família. Eu sei que não fui boa mãe mas fui eu que os pari e os sustentei. Dei tudo de mim quando eles eram pequenos, agora eles têm o dever de olhar por mim”.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

A D. Gorete diz que não, nem a este veio. Quando veio para o lar nem sabia que vinha para um lar, disseram-lhe que vinha para uma clínica por causa dos diabetes.

A sua família vem cá visitá-la?

As visitas são raras: “A minha filha mais velha vem cá poucas vezes, e é sempre a correr. Ela trabalha na AMI e está sempre a dizer que tem de ir embora porque se não o patrão manda-a embora. A minha neta a que vem cá mais vezes e conversa comigo. Do resto, não vem mais ninguém”.

Como é o seu dia no lar?

Diz a D. Gorete que passa o dia a gritar com dores nos ossos: “Não gosto de estar aqui, por isso ando sempre triste e amargurada. Que fim. Bem, podia ser pior, se não tivesse ido ao médico por causa da ferida já tinha morrido era a minha sorte”.

Entrevista D. Miquelina

A entrevista foi realizada a 30-04-2008 às 11:30 h, recorrendo a gravador como suporte de gravação áudio, tendo este meio obtido o consentimento da entrevistada.

Quantos anos tem?

Nasci em 1912.

Estado civil?

Divorciada e viúva, sou as duas coisas.

Escolaridade?

Sei ler e escrever, mas nunca fui à escola.

Há quantos anos está a viver no lar?

Vivo no lar desde 3 de Abril de 2006.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Nasci em S. Nicolau aqui no Porto. Os meus pais eram de Resende, vieram para o Porto, ainda muito novos. Já se conheciam e depois começaram a namorar aqui no Porto e casaram. Os meus avós tinham muitos pomares e os meus pais tinham um armazém onde armazenavam a fruta e depois a distribuíam para restaurantes, lojas, mercados. Os

meus avós paternos tinham barcos e barcas que faziam a ligação entre os barcos de grande porte até ao cais do Porto. Por isso eram pessoas de grandes possibilidades, naquele tempo eram consideradas pessoas ricas.

Eu nasci no Porto em 1912. Tive mais quatro irmãos, dois rapazes que ainda muito novos quiseram ir para o Brasil e as minhas duas irmãs, a Rosa e a Arminda ficaram a viver com os meus pais. Não fui estudar, mas sabia muito bem ler e escrever. Passei o tempo de criança como todas as outras, não me lembro nada de especial. Brincava com os meus irmãos e nada de especial. Quando tivemos a idade de trabalhar, nós fomos ajudar a minha mãe no armazém de frutas. Eu ficava na parte da escrita que era a coisa de mais responsabilidade. Mais tarde os meus irmãos foram para o Brasil e eu e as minhas irmãs fomos aprender costura. Fomos para a Singer; nunca trabalhamos para fora, mas fazíamos tudo em casa.

Mais tarde arranjei um namorado com quem casei e tive 2 filhas mas o casamento não deu certo e divorciei-me. Chegámos a acordo que não gostávamos um do outro. Bem, naquele tempo foi como uma tempestade que caiu na minha cabeça. Os meus pais ficaram muito tristes comigo mas depois de eu explicar as minhas razões lá me aceitaram. Naquela altura, as minhas filhas, uma ficou com a minha mãe e a outra ficou com a madrinha que era minha irmã. Mantinha sempre relações com elas. Eu só as queria proteger da situação em que me encontrava, pois elas podiam ter vergonha de mim, mas ficaram sempre a viver com a minha mãe e a minha irmã. Eu quando podia ia lá vê-las, mas elas próprias já preferiam lá ficar.

Entretanto os meus avós morreram e os meus pais ainda tiveram de ficar com os barcos, mas vieram umas cheias e destruíram tudo. Um ficou destruído, outros foram levadas pelo mar. Esse negócio ficou todo estragado e os meus pais desistiram desse negócio e continuaram com o negócio de armazenamento de frutas. Ainda me lembro que o meu pai depois comprou um camião para transportar as frutas e os legumes. Eu nessa altura morava sozinha e trabalhava lá no armazém e conheci um rapaz que era muito bonito. Ele era do Porto; era muito elegante e filho de boas famílias e filho único. Começámos a namora, mas os pais dele não aceitaram o namoro por eu ser divorciada. Os pais chegaram ao ponto de vir falar comigo para eu deixar o rapaz dizendo que ele não era para mim. Como não nos conseguiram separar tentaram fazer a cabeça dele para casar comigo com separação de bens, e voltaram a falar comigo dizendo que só

aceitavam o casamento se fosse com separação de bens. Eu era uma rapariga divorciada, mas era bonita e trabalhadora, e os meus pais não precisavam de nada se ninguém mas achei aquilo uma brutalidade então resolvi que não me casaria com ele e assim foi. Juntámo-nos e não casámos. Isto foi uma bomba para os pais dele mas eu também não era pessoa de me submeter aos caprichos deles. Fomos para uma casa e vivemos juntos e tivemos mais 2 filhos. Nem eu nem meu marido (José), nunca fizemos distinção entre os filhos deste casamento e o anterior, mas as minhas 2 filhas nunca moraram comigo. Eu e o meu marido ficámos com um segredo. Nunca ninguém soube que nós não éramos casados e escondi isso sempre aos meus filhos, não havia necessidade de eles saberem. Mas já a minha filha Lucília já era grandinha e se foi matricular para fazer um curso achou estranho quando levava os meus papéis e dizia lá que eu era divorciada, pois como eu nunca casei com o pai dela eu continuava divorciada. Mas ela nunca me disse nada, mas sei que ela soube a verdade através da minha irmã, que pouco a pouco lhe contou a verdade, e sei que mais tarde ela contou aos irmãos.

O meu marido durou pouco tempo. Morreram todos cedo. Os pais dele morreram pouco depois de casarmos e ele morreu com 40 anos, tinha a minha filha mais nova 10 anos. Nessa altura fiquei a morar com os meus dois filhos do segundo homem e as minhas outras duas filhas também lá passavam muito tempo, apesar de irem sempre dormir a casa da minha mãe e minha irmã. Naquela altura vivia-mos daquilo que o meu marido nos deixou, pois ele já tinha herdado tudo dos pais e agora os meus filhos herdaram tudo do pai. Não queriam que eu ficasse com a riqueza deles e acabei por ficar com tudo.

Vivemos sempre bem. A minha filha mais velha também quis ir para o Brasil, a outra casou e foi viver para Lisboa a Lucília e o José ficaram a viver aqui no porto. A rapariga aprendeu costura e foi trabalhar para a alta costura e o meu filho foi estudar tirou um curso superior e foi trabalhar. Fiquei a morar sozinha mas eu ajudava muito os meus filhos. O meu marido tinha deixado uma empresa na qual dava muito lucro. Eu administrava a empresa mas tinha lá advogados e engenheiros que tratavam de tudo. O meu filho, mais tarde, tomou ele conta dos negócios. Eu mandava dinheiro para a minha filha do Brasil, para a de Lisboa e ajudava os meus filhos aqui no Porto. Eu morava sozinha numa casa enorme e não gostava nada, porque sempre estive rodeada de pessoas mas enfim era a vida. Cheguei a ir ao Brasil várias vezes visitar a minha filha. Ajudei-a a construir uma grande casa e ficou bem de vida mas ela nunca quis vir a Portugal. À minha filha de Lisboa também a ajudei muito. Apesar de tudo era a que

tinha mais dificuldade na vida. Eu quando podia ia visitá-la e levava sempre o pé de meia. Ela gostava muito de me ver e era muito bem tratada na casa dela mas ela vir ao Porto era muito raramente.

Mas quando vinha para o Porto lá vinha eu morar para a minha casa. No início ainda pensei em vender aquela casa e comprar uma mais pequena, mas depois lá me fui habituando a viver só. Assim foi a minha vida.

Mais tarde, fiquei muito doente. Fiquei com uma febre que se chamava febre asiática. A minha filha Lucília veio-me buscar para casa dela, e como ela mais tarde teve uma menina eu acabei por ficar com ela, e vivi com eles até a minha neta ser grande e casar. Então como vivia na casa da minha filha decidi dar todos os meus bens aos meus filhos e fez-se a partilha de bens, resumindo fiquei sem nada, pois eu achava que eles podiam dar melhor uso às coisas do que eu. E eu pensava que iria ficar para sempre na casa da minha filha até porque ela também assim o dizia pois eu ajudei-a a tomar conta da filha dela. Ela ia trabalhar e eu tomava conta da casa e da menina.

Como veio para o lar?

O problema começou a surgir quando esta minha filha ficou muito doente e teve de ser hospitalizada. Ela tinha um cancro e teve de tirar várias coisas. Ela ficou muito mal, escapou da morte mas nunca mais conseguiu trabalhar e nessa altura eu também já estava muito doente das minhas perna, já não conseguia andar. Então a minha filha já não podia tomar conta de mim. O meu genro falou com os outros meus filhos acerca do que se passava para me arranjamem uma solução para mim mas todos se apresentaram indisponíveis ou porque estavam longe, ou porque não tinham tempo. Ninguém estava para me aturar. Mas a minha filha na realidade não podia tomar conta de mim, nem dela podia tomar conta. Até esta data os meus filhos nunca se tinham zangado a partir daqui estavam todos zangados.

Então a minha filha decidiu colocar-me num lar, eu sei o quanto lhe custou. Eu fiz de conta que não percebi, mas ela chorou muito mas sozinha também não podia tomar conta de mim e agora também tinha um neta que tinha de tomar conta, mas ela era uma criança de meses. Na altura os meus outros filhos ficaram muito indignados por a Lucília me trazer para o lar dizendo que o dever dela era ficar comigo, mas também nunca ninguém me veio buscar. O meu grau de dependência era muito grande. A minha

filha também tem a vida dela, o marido também queria algum tempo para ele, e eu ocupava-a a muito.

A senhora queria vir para o lar?

Fiquei sem nada, nunca o deveria fazer mas fiz, e fui viver para casa alheia. Devia ficar na minha casa. Tinha possibilidade de colocar 5 ou 6 empregadas e vivia tranquila até à minha morte. Fui para casa da minha filha quando, fiquei doente obriguei-a a fazer obras pois eu fiquei sem andar, ela tive de fazer um quarto e uma casa de banho nova para mim, e no fim vim calhar aqui sem um tostão. Eu sei que eles pagam ao lar, mas eu podia estar na minha casa. Eu nunca vou aceitar estar aqui. Os meus filhos sabem disso muito bem. São os erros da nossa vida.

Como é o seu dia no lar?

Passo a vida na cama não me levanto com as dores, por isso passo assim os dias. Vejo televisão e durmo.

Entrevista D. Lucília

A entrevista foi realizada a 30-04-2008 às 16:00 h, não tendo sido usado o gravador como suporte de gravação áudio, devido ao constrangimento sentido pela entrevistado. O suporte usado foi o papel, e o texto que se segue é a reconstituição textual da entrevista, efectuada logo após a ocorrência, tendo como suporte as anotações efectuadas.

Quantos anos tem ?

91 anos.

Estado civil?

Casada.

Escolaridade?

Curso comercial.

Há quantos anos está a viver no lar?

Há cerca de uma ano.

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

Os seus pais são de Lisboa, mas vieram para o Porto morar. Casaram e nasceu a D. Lucília e as suas três irmãs. Uma delas morreu muito nova, já que a idosa já nem se lembra dela. A outra também morreu cedo mas ainda a conheceu “Fiquei eu e a minha irmã Cristina. Éramos muito amigas uma da outra, andávamos sempre as duas, passeávamos muito enquanto éramos jovens”. Depois de casarem raramente se encontravam “Ela morava no Porto e eu depois fui novamente morar para Lisboa para trabalhar”. Estudou e tirou o curso comercial e foi trabalhar para Lisboa numa empresa de filmes. “Foi lá que conheci o meu marido e fiquei a morar lá, casei com 30 anos” referiu ela na entrevista. O seu marido é médico veterinário e engenheiro agrícola e de enologia. “Eu depois de casar deixei de trabalhar para tomar conta dos meus filhos. Tive três filhos, uma rapariga e dois rapazes”.

Os seus pais morreram muito cedo, referindo no entanto a D. Lucília que enquanto ele era criança se apercebia se eles se davam bem. Apercebia-se no entanto que eles diante dos filhos sempre impuseram muita educação, referindo que à mesa mal se falava e depois eles iam trabalhar.

O marido passou a ser o único sustento da casa “ele trabalhava muito mas gostava daquilo que fazia”. Um dia apareceu-lhes a oportunidade de ir para Angola trabalhar e foram. Abalaram depois para Moçambique referindo a D. Lucília: “O meu filho mais velho ainda nasceu em Lisboa, os mais novos nasceram em Angola. Tínhamos uma vida de ricos, um monte de empregadas para me tomarem conta dos filhos; eu passava o tempo a ir para o mar. Foi o tempo da minha vida mais bem passado”. O marido passava pouco tempo em casa, trabalhava e passava bastante tempo sem ir a casa.

Depois do 25 de Abril regressaram a Portugal. Os filhos continuaram a estudar e tiraram todos curso superior. “Os meus filhos foram muito bons estudantes, eram bons alunos. Eu tinha com eles uma boa relação, falava muito com eles, era uma mãe presente e sempre com uma grande preocupação. A minha filha tirou o curso de engenharia, o Filipe é Eng.º civil e o Carlos é veterinário como o pai. Começaram a trabalhar muito cedo por isso saíram logo de casa pois queriam ter a sua independência. O Filipe foi trabalhar para o Estados Unidos, vem cá muito raramente, casou para lá e tem uma filha mas só cá vem muito raramente. O Carlos casou mas depois divorciou-se e depois voltou a casar e teve 3 filhos, tem 2 gémeos. Este filho ficou a trabalhar com o pai mas passava muito tempo em Inglaterra. O pai tinha lá uma clínica e ele passava lá temporadas e a minha filha foi morar para o Porto casou e teve duas filhas, são as minhas netas do coração”, dizia isto com uma grande ternura. O marido continuava a viajar muito. Nunca esteve em casa e era uma pessoa ausente: “Nunca esteve presente numa data especial, nunca se lembrava da data de aniversário dos filhos. Então eu passava o tempo só”. Um dia teve uma queda, e a partir dessa altura começou a ficar afectada psicologicamente e só andava de bengala “mas a minha situação começou-se a agravar e eu começava a necessitar de ajuda em casa. O meu marido disse logo que ele não podia ficar comigo. O meu filho que trabalhava em Inglaterra achou que o melhor era colocar-me no lar lá em Lisboa. E ali fiquei, era um lar muito bom. Tinha piscina, tinha muitas boas condições. Eu sempre gostei muito dos meus filhos mas eles eram muito independentes, nunca paravam em casa, mesmo a rapariga. Por isso eu passava muito tempo sozinha. Eles tinham a mesma personalidade que o pai. Às vezes eu dizia ao pai para estar mais tempo em casa e os filhos achavam mal. Eu estava no lar e o meu marido passou a morar sozinho, mas ele gosta. Ele gostou de mim mas porque eu não me importava com a vida que ele tinha. No meu parecer ele tem várias vidas, não é uma

pessoa que se prende a coisas e a pessoas. É tipo um pássaro: gosta de liberdade. Mas eu posso dizer que nunca tive um marido, tinha uma pessoa que me sustentava e que por vezes ia lá a casa”.

Como veio para o lar?

Como já foi dito, a D. Lucília foi para um lar em Lisboa, mas depois o seu filho foi definitivamente para Inglaterra e o meu marido não se responsabilizava por ela. Refere a D. Lucília: “Então falou com a outra minha filha que mora no Porto e ela arranjou este lar para eu vir, pois se eu precisar de alguma coisa ela está mais perto. O meu marido continua a morar em Lisboa, nem quis saber”.

A senhora queria vir para o lar?

“Acho que ninguém quer vir para um lar onde temos regras para tudo, onde deixamos que as pessoas mexam nas nossas coisas, onde não temos vida própria. Desde que vim de Moçambique não tive mais empregadas era eu que tomava conta das minhas coisas e do meu marido. Não gostava que mexessem nas minhas coisas”.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Anteriormente, estive num lar em Lisboa.

A sua família vem cá visita-la?

Segundo palavras da própria D. Lucília: “Só cá vêm visitar-me as minhas 2 netas, filhas da minha filha. De resto não vem cá ninguém. O meu marido vem cá de longe em longe e não está aqui mais de 15 minutos, depois vai embora para Lisboa. Os meus filhos também não vêm saíram ao pai. Não têm amor por ninguém. Acho que a única que sofre no meio disto tudo sou eu”.

Como é o seu dia no lar?

Em resposta a esta questão refere a entrevistada: “As auxiliares ajudam-me a vestir e a fazer os meus cuidados de higiene por volta das 10 horas. Levam-me até uma sala para

estar a conversar, mas eu não falo, estou sempre no meu silêncio. Depois almoço, vou dormir a cesta, lancho e volto para a sala e é todos os dias a mesma coisa. No verão as minhas duas netas ainda me vêm buscar e levam-me a passear até ao mar ou a um café”.

Entrevista D. Isabelinha

A entrevista foi realizada a 20-05-2008 às 15:00 h, não tendo sido usado o gravador como suporte de gravação áudio, a pedido da entrevistada. O suporte usado foi o papel, e o texto que se segue é a reconstituição textual da entrevista, efectuado logo após a ocorrência, tendo como suporte as anotações efectuadas.

Quantos anos tem ?

Fez 100 anos no dia 08 de Abril de 2008.

Estado civil?

Viúva.

Escolaridade?

3ª classe.

Há quantos anos está a viver no lar?

Desde 29 de Novembro de 2002

Como foi a sua vida e o seu relacionamento com a família?

O seu pai era escrivão, a sua mãe era dona de casa, tendo tido cinco filhos no total. Na altura viviam em Arganil perto de Coimbra, referindo a D. Isabelinha: “O meu pai era uma pessoa muito rigorosa por isso eu mal pude vim viver sozinha para o Porto. Os meus irmãos ficaram todos lá mas eu fugi, o meu pai não nos deixava namorar. Eu era muito namoradeira e o meu pai não aceitava isso”.

Desde aí ela nunca mais teve grandes ligações com a família: “Os meus pais morreram cedo; o meu pai morreu com 60 anos e a minha mãe morreu com 50 anos e a ligação

com os meus irmão era muito fraca”. Veio para o Porto e depois arranjou maneira de ir para o Brasil. Esteve lá cerca de 3 anos, depois regressou, referindo: “Aqui em Portugal namorei e casei com um homem do qual tive dois filhos, mas o rapaz morreu em bebé. Ainda hoje sinto essa perda foi uma grande tristeza. Então fiquei só com a minha filha. O meu marido era uma boa pessoa, mas tinha um grande vício, gostava de correr. Eu bem lhe dizia que aquilo ia ser a desgraça dele”.

Passados uns anos foram para Moçambique, a filha já se tinha casado. “Eu não gostei nada de lá estar até porque o meu marido morreu lá numa das corrida de carros”. Passado algum tempo veio logo para Portugal: “Nessa altura fui morar para casa da minha filha. Ela dizia que também passava muito tempo sozinha porque o marido viajava muito e eu fui, ajudei-a a tomar conta dos meus netos. Eles cresceram, foram à vida deles, a minha filha também se reformou assim como o meu genro”. Os netos foram trabalhar para o estrangeiro e a filha ia visitá-los muitas vezes referindo a D. Isabelinha que passava muito tempo em casa sozinha com a empregada. Citando ainda palavra da D. Isabelinha: “Acho que na minha vida tive tempos felizes e tristes. O mais triste foi o não consentimento dos meus pais, de não me aceitarem como eu era: depois foi morrer o meu filho e depois o meu marido. O que me fez mais feliz foi passar muito tempo nesta vida e nunca ficar doente”.

Como veio para o lar?

“Comecei a dar trabalho, e eu não era pessoa fácil era muito exigente com as empregadas por isso nenhuma parava em casa. A minha filha gosta muito de passear, por isso ela colocou-me aqui para que ela tenha a sua liberdade. Segundo ela, assim está mais descansada”.

A senhora queria vir para o lar?

“Menina claro que não, mas que hei-de eu fazer, eles quiseram assim”.

Foi ver algum lar antes de vir para este?

Não.

A sua família vem cá visitá-la?

“A minha filha vem cá 2 a 3 vezes por semana e quando pode leva-me a casa. Quando os meus filhos vêm cá a Portugal ela também me vem buscar para os ver porque eles não gostam de vir aqui. Nas festas ela também vem sempre. Ao domingo quase sempre vou almoçar a casa da minha filha.”

Como é o seu dia no lar?

“Faço muitas coisas para passar o meu tempo. De manhã vou compor o meu cabelo e as minhas unhas. Depois ouço música, participo nas actividades do lar tais como nas cantorias, no terço, na ginástica. Quando me apetece faço tricôs. Outras vezes durmo, porque tenho sempre muito sono.”

ANEXO II – CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA

Porto, 5 de Janeiro de 2008

Ex.^a Sra. Directora do Lar Raio de Sol

No âmbito do trabalho de investigação conducente à tese de mestrado, na área de Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária, pela Universidade Fernando Pessoa, venho pôr este meio pedir autorização para a recolha de dados, através de entrevista aos idosos que derem o seu consentimento.

Pede deferimento,

Margarida de Fátima Serrão Couto

Porto, 5 de Janeiro de 2008

Ex.ª Sr.ª Margarida de Fátima Serrão Couto

Assunto: Pedido de autorização de recolha de dados no âmbito do trabalho de investigação conducente à tese de Mestrado em Psicologia.

O pedido de autorização para a realização das entrevistas aos utentes idosos residentes no Lar Raio de Sol, foi deferido pela direcção do lar.

A direcção



RAIO DE SOL
LAR DE CUIDADOS COMUNITÁRIOS, Lda
A Gerência